REVISTA DA SEMANA

Nº 11 ★



NO TEXTO:

FESTA DA UVA EM CAXIAS

O ALMANAQUE EU SEI TUDO
PARA 1950

MARAVILHOSO LIVRO DE 400 PÁGNAS QUE PERMITIRÁ AO LEITOR

ESCOLHER O ASSUNTO DA SUA PREFERÊNCIA

Os 120 anos da benemérita Academia Nacional de Medicina ★ A vida de Alexandre Dumas (Pai) ★ O sasamento entre diferentes povos e países ★ As maravilhas da nnatureza ★ Existe no mundo uma fotografia do Cristo ★ O culto dos animais no Egito ★ Caçando demônios com armadilhas ★ As Sete Maravilhas do Mundo ★ Não há muita diferença entre um sucídio e um assassínio.

AMPLIAR OS SEUS CONHECIMENTOS GERAIS

O "Câmbio", sua história e sua técnica ★ Morreremos de sêde? ★ A vida das estrêlas ★ Será fácil para você verificar se tem boa ou má estrêla ★ O simbolismo chinês ★ Que está acontecendo com a duração da nossa vida? ★ Curiosidades da Festa do Natal ★ Prestes a se esclarecer o mistério da vida?



Encontra-se à venda em tôdas as bancas de jornais de tôdas as cidades do Brasil

PREÇO PARA TODO O BRASIL: CR$ 15,00 — PEDIDOS À

Pelo Reembolso Postal ou mediante Vale do Correio

Cia. EDITORA AMERICANA

RUA MARANGUAPE 15 ★ RIO

HÁ muitos símbolos da paz. Na Bíblia, o arco-íris surgiu no céu como uma trégua entre a Divindade ofendida e o homem ofensor, posteriormente arrependido. E' ainda do mais famoso livro do mundo o símbolo da pomba branca, trazendo ao bico o ramo de oliveira. Na Idade Média, quando a guerra tinha certa nobreza e dignidade, os homens que punham acima de tudo as coisas do espírito, conseguiram introduzir a trégua de Deus, como um intermezo nas lutas.

O IDEAL DA PAZ

Poderá haver a paz entre os homens? Dizemos uma paz duradoura, firme, leal?

Muitos homens de boa vontade acreditam que sim. Muitos outros fingem que são de boa vontade e fingem que também acreditam... No dia em que os primeiros forem em número infinitamente superior aos segundos, talvez se possa instaurar a grande e definitiva harmonia universal.

INICIAIS FAMOSAS

Os homens de mais de meia centena de países estão firmemente dispostos a fazer com que a paz deixe de ser uma palavra e constitua uma realidade. E pode-se dizer que, em face dêsse entendimento, a paz vem sendo preservada. Com algumas dificuldades, com certo heroísmo, mas sempre se consegue o mínimo necessário. Dispensável dizer-se que estamos nos referindo à Organização das Nações Unidas, já conhecida pelo mundo inteiro pelas iniciais famosas: O.N.U.

QUATRO ANOS DE LUTAS

A O.N.U. vem fazendo o melhor, em prol dos ideais de fraternidade universal. Fraternidade baseada na cooperação, no entendimento, nas concessões recíprocas, no estudo de uns pelos outros. E lá se vão quatro anos, desde que surgiu o generoso movimento. Êle é caro, é difícil, é árduo, mas vai vencendo dificuldades e obtendo vitórias que antes eram consideradas impossíveis.

A ORAÇÃO DOS HUMILDES

O dia 24 de outubro asinalou o quarto aniversário da O.N.U. Comemorações em todo o mundo. Muita gente deve ter levantado os olhos para o céu, numa prece muda de gratidão para aquêles que se reúnem, ora aqui, ora ali, estudando, anotando, comparando, aplainando enfim tôdas as arestas de incompreensão, do ódio, dos ressentimentos, das reivindicações da fôrça.

A PROPAGANDA DA BOA VONTADE

Os homens da O.N.U. sabem que a propaganda é uma grande arma. Para o mal (e Hitler e Goebbels compreenderam-no admiràvelmente) e para o bem. Por isso, estimulam sempre os artistas de tôdas as nações filiadas, para que confeccionem trabalhos de elevado teor artístico, conclamando os homens ao ideal de fraternidade e de paz. Aqui estamos dando alguns resultados dessa convocação dos artistas para o trabalho da paz.

UM MUNDO SÓ

Nomes de grande repercussão, na política, nas letras, na plástica, na técnica, são convocados para formarem o júri. São-lhes então, apresentados dezenas, centenas mesmo de trabalhos concorrentes. E êles analisam qual o trabalho que, obedecendo a um teor artístico, fale mais fàcilmente e mais diretamente à alma dos povos, numa linguagem acessível a todos. Alguns dêsses trabalhos são admiráveis. Êles nos falam que o mundo é um só e que o ódio nada realiza.

PAPEL DO BRASIL

E' com imenso orgulho que podemos anunciar que alguns artistas brasileiros obtiveram menções honrosas nesses certames internacionais da O.N.U. Nosso país firmou-se como um dos esteios da Organização. E ali, junto com os representantes de países do extremo oriente, da Ásia, da África, da Europa e da Austrália, vamos desempenhando o papel que nos cabe, neste atormentado mundo novo.



TRÊS INICIAIS FAMOSAS

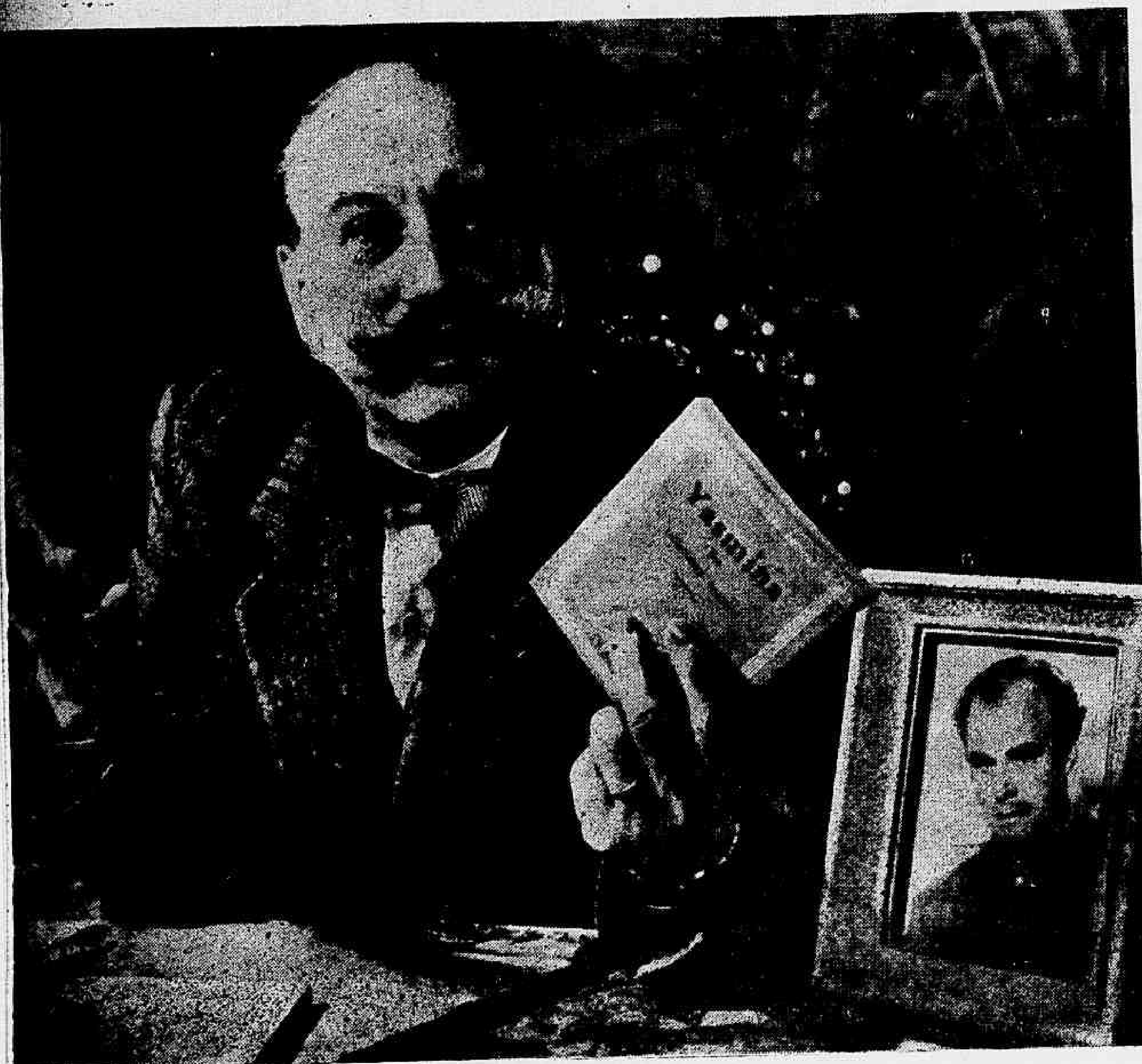
PODERÁ HAVER PAZ DEFINITIVA ENTRE OS HOMENS? - PROPAGANDA DA BÔA VONTADE - ORAÇÃO DOS HUMILDES - UM MUNDO SÓ - PAPEL DO BRASIL

JUAN ARRÉGUI

(Copyright "News Press")



RITA HAYWORTH em companhia de seu espôso, o príncipe Ali Khan, passeia pelas ruas de Lausanne, um dia antes de dar à luz seu primeiro filho dêsse matrimônio.. Em baixo: O advogado Teodoro Valensi, de Paris, lança um protesto a 30 de dezembro contra o nome que deram à filha de Rita, "Yasmin", pois que escreveu em 1921 um romance com êsse nome, e é isso um desacato ao seu "direito autoral...". Em Santa Monica Vernon Cansino, irmão de Rita (o de camisa branca) anuncia que ela teve uma menina





RITA HAYWORTH,

MÃE DE UMA PRINCESA

GUERRA ENTRE GENEBRA E LAUSANNE ★ PERTURBA A CONFERÊNCIA INTERNACIONAL, O NASCIMENTO DE YASMIN ★ PARTO ATÔMICO

A despeito do diagnóstico otimista do ilustre ginecologista Prof. Rochat, grande autoridade na previsão e assistência aos que estão para vir à luz do mundo, o parto de Rita Hayworth ameaçou de provocar uma guerra entre as cidades de Genebra e Lausanne, o que traria gravíssimas complicações internacionais. Num sábado, 3 de dezembro, quando o grande acontecimento já parecia iminente, especialmente pela opinião divulgada "urbi et orbi" pelo correspondente do "International News Service" que se postou no "hall" do "Palace" de Lausanne com o fim exclusivo de surpreender a ida de Ali Khan com Rita em seu "Cadillac" até à clínica de suelto agridoce, meio jocoso e de censuras à imprensa de Lausanne e aos correspondentes internacionais, condenando tanto sensacionalismo sôbre Montchoisi, um jornal genebrino muito lido em Lausanne publicou um um fato que, por sua natureza, devia manter-se discreto e íntimo. Seguindo o rigorismo calvinista genebrino que só pode admitir descrições tais quando se trata do nascimento de Cristo, o diário da cidade rival à margem do mesmo lago poético e sempre azul, apenas procurava mais um motivo para manifestar seus despeitos, sua hostilidade a Lausanne.

Para que o leitor saiba como são essas duas cidades suíças em matéria de ciumadas, basta que se diga ter o lago de Genebra o nome de "Leman", entre os habitantes de Lausanne... Ùltimamente, antes do caso do parto de Rita em Lausanne; os ânimos se exaltaram entre as duas cidades em virtude do traçado de um túnel sob o Monte Branco, episódio que ficou conhecido pelo nome de "guerra do túnel".

Já não bastavam essas animosidades por motivo de um túnel sob os gelos do Grande S. Bernardo, facilitando as comunicações entre Roma e Paris, e eis que oparto da "estrêla" d eHollywood vem exaltar os ânimos e ameaçar de guerra as duas cidades. Os artigos do jornal genebrino causaram indignação em Lausanne, cidade escolhida pelo príncipe Ali Khan para ser o berço histórico de um nascimento sensacional e cinematográfico. Foram gerais os comentários indignados acêrca dessa atitude da imprensa de Genebra. Já não era aquela outra cidade a sede de tantas organizações famosas e internacionais? Não era ali a sede da Cruz Vermelha? Que deixassem agora a Lausanne o direito de orgulhar-se de receber em seu seio o nascimento de uma princesa indiana com a metade de sangue de uma estrêla famosíssima.

Mas os genebrinos estavam dispostos a ridicularizar a cidade do "Leman", chamando-lhe terra de "dentistas" e de "parteiros", o que muito indignava os seus habitantes tão orgulhosos com a presença da nova família real.

Por êsse motivo a fama internacional de que se viu ainda mais revestido o nome de Lausanne, sofreu, contudo, o amargo desprazer dessas detratações de uma poderosa rival antes e depois do mais comentado nascimento naquela cidade tranquila e pitoresca.

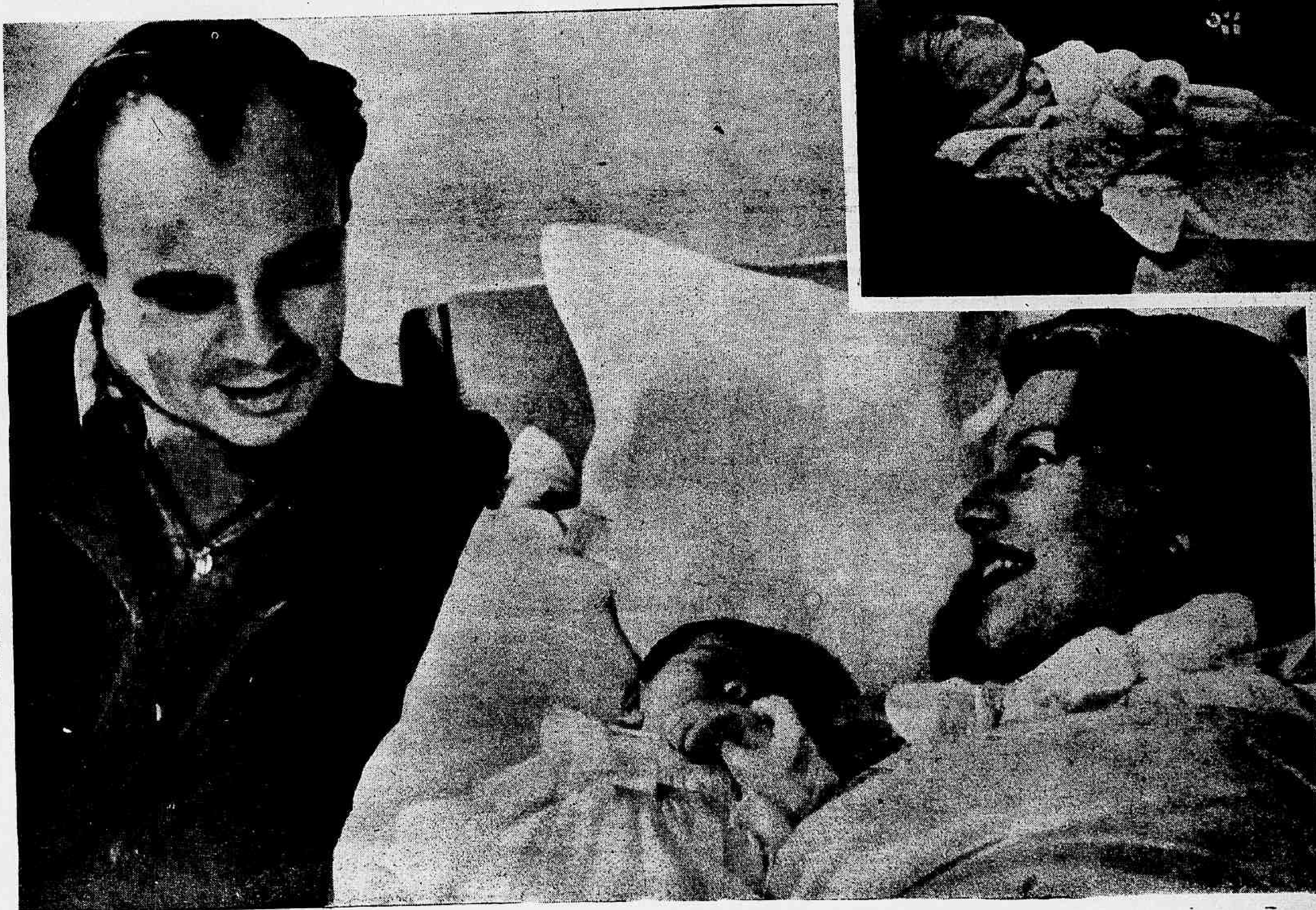
Contudo, não foi esta, apenas, a causa de sérios dissabores e discussões advindos com o parto de Rita Hayworth. O evento perturbou uma reunião internacional de grande significação, a "Conferência Européia de Cultura", iniciada a 8 de dezembro no palácio de Montbenon com um grande discurso de Paul-Henri Spaak presidente da Assembléia Européia, em cumprimento de decisões tomadas na última reunião em Strasburgo; e, coisa notável e estranha, o simples vagido de uma criança bastou para impedir que se fizessem ouvirvozes poderosas como as de um André

(Cont. na pág. 47)



BELAS FOTOGRAFIAS com Rita, o espôso e sua princesinha nascida às 9,45 do dia 28 de dezembro de 1949. 4.ª feira (hora da Europa Central), na Clínica Montchoisi,, em Lausanne, Suíça, fato que agitou o mundo





REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ Nº 11 ★ 18-3-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil: atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569: Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1748, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

a Semana EM REVISTA

DESPEJADO O ESTADO DE MINAS!



A crise de habitação, leitor, não cai apenas sôbre a cabeça dos particulares desprovidos de recursos para a aquisição de um lar. Estados ricos, opulentos, como, por exemplo, o de Minas Gerais, também passam por êsses vexames e sofrem a ação da justiça nos processos de despejo.

Há tempos, transitou pelo fôro de Juiz de Fora uma ação de despejo contra o Estado de Minas Gerais, promovida por vários comerciantes da cidade de Juiz de Fora. O caso ocorria com a ocupação por parte da Secretaria de Agricultura do Estado de Minas de várias lojas de edifícios situados na rua Halfeld, a mais central e mais movimentada artéria da Manchester mineira.

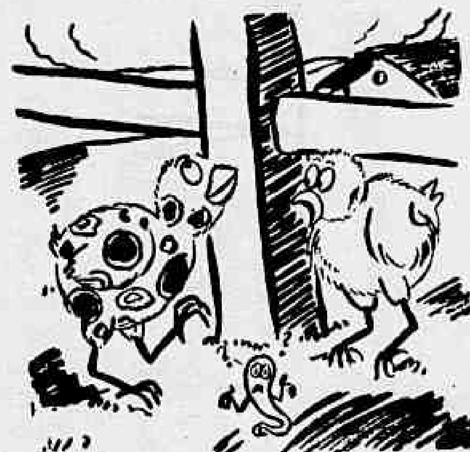
Não sabemos como ficou acomodada a pendência; agora, porém, voltam os proprietários a entrar em juízo com outra ação de despejo movida contra o Estado de Minas, ação que foi proposta pelos mesmos proprietários anteriores, desta vez alegando que precisam das lojas para uso próprio.

Pelo escrivão do Cartório dos Feitos da Fazenda Pública, por onde corre a questão, já foram expedidos os respectivos mandados de citação.

O Estado de Minas Gerais é dos mais ricos do País e sua renda é das mais vultosas. Há dois anos que o govêrno montanhês está pondo em execução o Plano de Recuperação Econômica e Agrícola do Estado, mantendo comboios pelo interior, ensinamentos de técnica rural, fornecendo ferrameentas aos agricultores, sementes, etc., em louvável esfôrço para que o Estado se eleve na produção e nas rendas.

Mas, como qualquer cidadão dêste país, também Minas Gerais não tem onde morar...

PINTOS FANTASIADOS



Já tivemos, ou melhor, já temos galinhas sem asas. E galos também. Dêsse novo tipo de aves já os pintaínhos saem da casca do ôvo sem os membros superiores que, em seu corpo, correspondiam aos braços dos outros animais implumes ou às barbatanas laterais nos peixes. De acôrdo com os processos biológicos de um cidadão engenhoso lá dos Estados Unidos da América do Norte, galinhas e galos não terão mais asas.

A raça dos galináceos está passando por certas transformações revolucionárias. Agora mesmo surge outra novidade no meio da família das galinhas. O povo norte-americano gosta de pintos multicores para a Páscoa; mas, como não havia ainda pintos coloridos de nascença e sim artificialmente, o criadores de pintos "Wene", de Vineland, New Jersey, resolveram o problema.

Para mostrar que estavam com a solução do problema em suas mãos, acabam de fazer anúncios vistosos e convincentes comunicando ao público comprador de pintos para a Páscoa que possuíam do artigo multicor, já assim nascidos e não que recebessem pinturas após o nascimento.

Êsses pintos dos avicultores de Vineland saem do ôvo com a plumagem colorida à vontade do freguês. Como teriam conseguido isso? Segundo refere o regente de uma das granjas, os pintos multicores são conseguidos mediante injeção de substâncias corantes em cem ovos com auxílio de seringa e agulha hipodérmica. O sucesso se verificou mais ou menos em cinquenta por cento. Contudo não garante a côr permanentemente. Mas não acontecerá como no antigo processo, quando a côr vai desaparecendo à proporção que crescem os pintos. Ora vejam! Pintos fantasiados de arara!

PRIMEIRO DE MARÇO



A 1.º de março de 1923 morria Rui Barbosa, na cidade de Petrópolis. Saíamos de uma grande guerra e de uma revolução militar; o mundo passava pelas mais estranhas convulsões político sociais, criava-se na consciência das nações um novo conceito de solidariedade internacional com a regeneração da neutralidade diante do crime dos agressores.

A voz que se ergueu contra a indiferença dos povos em face das guerras de conquistas foi a de Rui, quando chefiando uma delegação de juristas brasileiros eem Tucuman, na Argentina, conferência que, segundo jornais de Paris, marcaram um dos momentos da humanidade.

Nosso país se habituou a ouvir a voz do maior dos seus juristas, do maior dos seus parlamentares, do mais profundo conhecedor de nosso idioma, Cícero brasileiro, "lumen civitatis", defensor das liberdades constitucionais, republicano de convicções, espírito sempre dedicado ao progresso mental dos povos.

Rui Barbosa quando falava à nação todos o ouviam. Mesmo sem concordar alguém com suas idéias, era respeitado reverentemente. Morto nosso grande patrício, permaneece vaga sua cadeira na consciência nacional. Há pouco ocorreu o primeiro centenário de seu nascimento. Trasladados com grandes solenidades os seus restos mortais para a capital da Bahia, terra natal do gênio, ficou o Rio apenas com a Casa de Rui Barbosa, transformada em museu de recordações do grande brasileiro, cujos salões vivem desertos, aparecendo, de longe em longe, um curioso para ver tudo o que pertenceu a Rui: livros, objetos de uso, móveis...

Passa mais um aniversário de sua morte. Outros primeiros de março virão. E ninguém se recorda de um dos maiores filhos dêste país tão necessitado de um novo Rui Barbosa...

SÃO PAULO! SÃO PAULO!



As populações rurais do Nordeste nascem e se criam com a idéia fixa de emigrar para S. Paulo. Não são poucos os exemplos de famílias que desceram os sertões adustos ou deixaram as zonas do brejo em busca das fabulosas regiões do café paulista e conseguiram firmar-se e prosperar. Também se contam aos milhares as famílias que vieram do Nordeste para as altiplanuras de Piratininga e tiveram que regressar à gleba completamente desiludidas e arrependidas de sua aventura.

Seja como fôr, e sem que entremos na análise dêsses resultados contraditórios ou da obsessão que acompanha o trabalhador camponês do Nordeste desde que nasce até que morre em relação à vida em S. Paulo, o fenômeno continua a existir e são diários os casos de evasão de gente de muitos Estados nordestinos para os campos paulistas.

Agora mesmo acaba de verificar-se um dêsses dramas para os quais é conveniente que o nosso govêrno tome uma iniciativa de proteção aos que se vêem na contingência de deixar a terra natal para buscar meios de vida em distantes regiões, embora sob a mesma bandeira do Brasil.

Duzentas e cinquenta pessoas, tôdas dedicadas à agricultura no município de União, em Alagoas, desfizeram-se de seus bens e tomaram caminhões com destino ao interior de S. Paulo. Mulheres, crianças, velhos e homens válidos, quase todos analfabetos, deixaram União, e quando atingiam S. Miguel de Campos, no mesmo Estado foram detidos pelo delegado de polícia. Dali não passavam. Ora, tôda essa gente ia de viagem em busca de meios de vida em outro Estado do País, não precisando de passaporte. Se os governos do Nordeste não querem ficar desfalcados de braços, dêem amparo aos seus camponeses, antes de impedi-los de procurar a vida noutras zonas.

A PERSONAGEM DA SEMANA



Sr. Edgar Pinto Estrêla

Num dos números do "Diário Oficial" da semana que findou saiu publicado um decreto que o Exmo. Sr. Presidente da República assinou na Pasta da Justiça, exonerando do cargo de diretor do Serviço de Trânsito do Distrito Federal o sr. Edgar Estrêla. O decreto se baseava no art. 93, parágrafo 1.º, alínea b do Decreto-Lei n.º 1.713, de 28 de outubro de 1939, que dava o sr. Edgar Estrêla como ocupante do cargo de Diretor do Serviço de Trânsito, padrão O, Quadro Suplementar do Ministério da Justiça, em comissão, designação de CC-4, subordinado ao Departamento Federal de Segurança Pública, embora do Quadro Permanente daquele Ministério. O sr. Edgar Estrêla ocupava o cargo, do qual acaba de ser exonerado, há dezessete anos, dividindo-se as opiniões a respeito de sua gestão, para uns muito boa e correta, para outros deficiente. O fato, porém, ocupou as atenções da imprensa e invadiu a alma das populações, chegando a repercutir no próprio Congresso Nacional, ocupando-se do assunto alguns deputados. Logo que foi exonerado, o sr. Edgar Estrêla, que não aceitou o ato presidencial, recorreu ao Judiciário, impetrando junto ao Supremo Tribunal Federal um mandado de segurança a fim de ser reconduzido ao cargo de que foi demitido. O fato empolga, atualmente, os nossos meios jurídicos, e até juízes têm manifestado suas opiniões à imprensa. Para muitos apreciadores dêsses casos de direito, o sr. Edgar Estrêla é ocupante vitalício do cargo de Diretor do Trânsito do Distrito Federal de acôrdo com o decreto n.º 22.332, que o nomeou inspetor do Tráfego da Polícia do Distrito Federal. Por decreto do então presidente da República, sr. José Linhares, em 1945, foi o sr. Edgar Estrêla efetivado na função de Diretor do Serviço de Trânsito, transformado em cargo isolado de provimento efetivo e extinto quando vagasse. Posteriormente, o Govêrno do general Eurico Dutra, pelo decreto-lei n.º 9.654, de 26 de agôsto de 1946, que alterou os quadros permanentes e suplementares do Ministério da Justiça, estabelecia que os lugares atingidos pelo disposto no citado decreto-lei continuariam exercidos pelos seus ocupantes de então. Por sua vez a Chefatura de Polícia, que, poucos dias antes, havia avocado a si o serviço de multas até então atribuído ao diretor do Trânsito, baixando a portaria n.º 63, que foi derrubada por um mandado de segurança de um terceiro, veio a público pela imprensa e analisa o caso da exoneração do sr. Edgar Estrêla como um ato absolutamente legal e lícito do Executivo Federal, não cabendo nenhum recurso jurídico capaz de repor o diretor demitido no cargo de que foi exonerado. O assunto tem dado motivo a muitas interpretações e está "sub judice", com um mandado de segurança para ser julgado pelo Supremo Tribunal Federal, impetrado pelo exonerado. Durante a semana que findou foi o sr. Edgar Pinto Estrêla a personagem mais comentada do Distrito Federal.

PUXE PELO Cérebro

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUAL O BRASILEIRO IMORTALIZADO COM UM MONUMENTO EM PARIS:
— Ruy Barbosa?
— Oswaldo Cruz?
— Santos Dumont?

2 QUAL DENTRE ESTAS AS ZONAS DO BRASIL MAIS SUJEITAS A TREMORES DE TERRA:
— Serra do Araripe, no Ceará?
— Poços de Caldas, em Minas?
— Serra do Cubatão, em S. Paulo?

3 QUEM ERA MESTRE VALENTIM DA FONSECA E SILVA:
— Político do Império?
— Professor de Matemáticas?
— Escultor popular?

4 DE QUE SÉCULO DATA A FUNDAÇÃO DE BERLIM:
— Do décimo?
— Do décimo terceiro?
— Do nono?

5 QUE OUTRO NOME TEM A *DAMA* DOS BARALHOS:
— Rainha?
— Princesa?
— Sota?

6 QUEM FOI MAIS INIMIGO DE CRISTO:
— Os fariseus?
— Os saduceus?
— Os filisteus?

7 DE QUE OBRA LITERARIA SE ORIGINA A EXPRESSÃO "JARDINS DE ARMIDA":
— De "Jerusalém Libertada", de Tasso?
— Do "Paraíso Perdido", de Milton?
— Do "Don Quixote", de Cervantes?

8 O QUE MAIS CAUSA MORTES NOS ESTADOS UNIDOS:
— Tuberculose?
— Acidentes?
— Moléstias do coração?

9 QUANTOS AUTOMÓVEIS HAVIA NO RIO A 1º DE NOVEMBRO DE 1948:
— 50.302?
— 39.504?
— 48.000?

10 COMO SE CHAMAVA O ÚLTIMO REI DE PORTUGAL:
— D. João VI?
— D. Sebastião?
— D. Manuel II?

11 QUAL O PRINCIPAL ELEMENTO QUE ENTRA NA COMPOSIÇÃO DO BRONZE:
— O cobre?
— O ferro?
— O estanho?

12 DE QUE NACIONALIDADE ERA LEON TOLSTOI:
— Polonês?
— Russo?
— Francês?

13 QUAL A ORIGEM DO TANGO ARGENTINO:
— De uma dança mourisca?
— De dança popular da Sicília?
— De índios argentinos?

14 QUE SIGNIFICA "VOZ ESTENTÓRICA":
— Voz branda e maviosa?
— A que imita os passarinhos?
— Ou a voz forte e retumbante?

15 QUE PAÍSES FORMAM O CHAMADO "BENELUX":
— Bélgica, Holanda e Luxemburgo?
— Grã-Bretanha, França e Bélgica?
— Luxemburgo, Bélgica e França?

16 QUEM ERA MARIZ E BARROS, CUJO NOME SE VÊ NUMA PLACA DE RUA DA CAPITAL FEDERAL:
— Herói da guerra do Paraguai?
— Ministro do segundo reinado?
— Um cientista?

17 DE QUEM FOI ESTA FRASE: "QUANDO DEUS ME DEU A CÔR DE OTELO, FOI PARA QUE EU TIVESSE CIÚMES DE MINHA RAÇA":
— Luiz Gama?
— Manuel Quirino?
— José do Patrocínio?

18 DE QUE SE ORIGINA O NOME DE MÊS DE MARÇO:
— De Mar?
— Do Deus Marte?
— De Mercúrio?

19 COMO SE CHAMAVA O IMPERADOR ROMANO, SOBRINHO DE CONSTANTINO, QUE, EDUCADO COMO CRISTÃO, ABANDONOU O CRISTIANISMO E ABRAÇOU O PAGANISMO:
— Juliano?
— Átila?
— Alexandre?

20 QUE TITULO TINHA O ATUAL REI JORGE VI DA INGLATERRA, ANTES DE SUBIR AO TRONO:
— Príncipe de Gales?
— Conde de Buckingham?
— Duque de York?

(*Respostas na página* 58)

Os Sofrimentos das Mulheres



Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Êsses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use *Regulador* **Gesteira** sem demora.

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* **Gesteira**

CONTOS PARA A "REVISTA DA SEMANA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

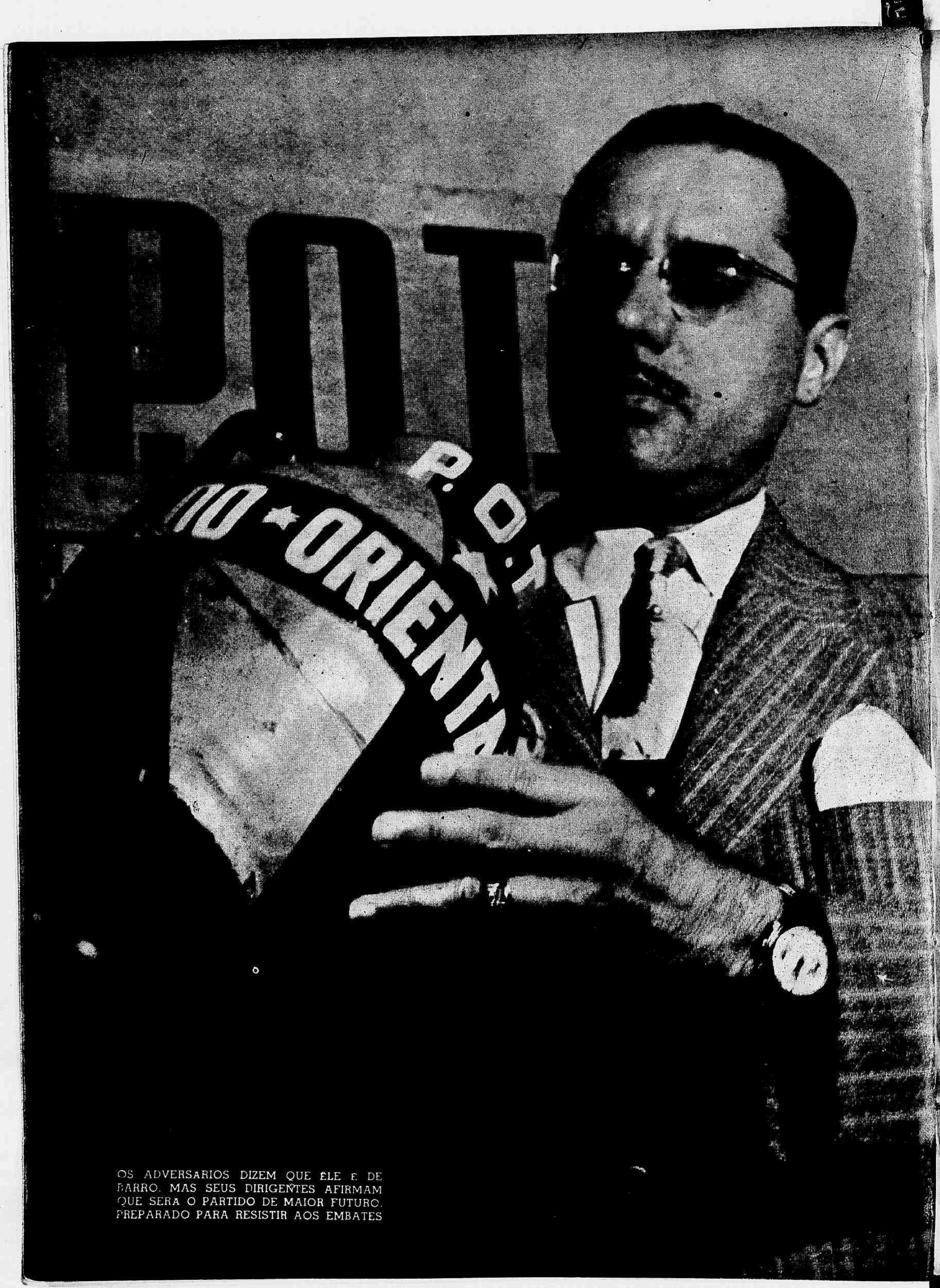
4 — Os contos devem ter no mínimo três fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a decelaração, no envelope: **Conto para a "REVISTA DA SEMANA".**

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam



OS ADVERSARIOS DIZEM QUE ÊLE É DE BARRO, MAS SEUS DIRIGENTES AFIRMAM QUE SERA O PARTIDO DE MAIOR FUTURO, PREPARADO PARA RESISTIR AOS EMBATES



SUBINDO SEMPRE

Galgando as escadas que dão acesso à sede do partido, três potistas de destaque: o almirante Milcíades Alves Portela e os jornalistas Hélio de Abreu e Cristóvão Freire. O almirante será candidato a deputado e os outros, à vereança. Cabe perguntar. Continuarão subindo? ou melhor — atingirão a meta que sonham? Que o eleitorado responda...

O POT NA BERLINDA

Canrobert, o trunfo de última hora do Partido Orientador Trabalhista ★ Nasceu modestamente, sem grandes pretensões, mas perdeu o acanhamento... ★ Exigências dos seus estatutos a quem quiser ser potista ★ "Caixinha" no partido? ★ O nome de vários deputados conservados em segrêdo, como "arma secreta", para serem usados nas próximas eleições

Texto de CARLOS DUARTE



ALBERTO DOURADO LOPES

Presidente do POT, figura muito conhecida nos círculos da engenharia nacional e candidato a senador federal

O POT é um dos pequenos partidos que surgiram em 1945, com o retôrno do Brasil à vida democrática, marchando, como os demais de igual amplitude, à esteira das grandes organizações partidárias que se assenhorearam



ANTÔNIO VIEIRA DE MELO

Presidente regional no Distrito Federal. Figura de maior prestígio do partido e diretor da Agência Nacional



NA SECRETARIA
O POT está em preparativos para o próximo pleito, do qual deseja surgir não só como um dos grandes partidos nacionais, mas disputando aos outros a primazia de fazer o futuro Presidente da República. O entusiasmo é grande

CATECISMO
DA
DEMOCRACIA

DEMOCRACIA — é o — Credo das Liberdades!
DEMOCRACIA — é o — Padre-Nosso das nossas ambições!
DEMOCRACIA — é a — Ave-Maria da nossa dignidade!
DEMOCRACIA — é o — Confiteor de nossos erros!
DEMOCRACIA — é a — Esperança na Grandeza Humano-Pátria!
DEMOCRACIA — é a — Fé nos Divinos destinos Universais!
DEMOCRACIA — é a — Caridade do nosso forte afeto para com os Fatos, livres!
DEMOCRACIA — é a — Contrição pública dos nossos pecados administrativos!
DEMOCRACIA — é a — Síntese de todas as Liberdades, conscientes e morais!
DEMOCRACIA — é o — P. O. T.!
DEMOCRACIA — é — 3 de Maio de 1500!
DEMOCRACIA — é o — Brasil!
DEMOCRACIA — é — Deus!

Rio de Janeiro, 3 de Maio de 1947.

P.O.T.

O CATECISMO
"Padre-Nossa de nossas ambições" — assim diz uma das legendas do Catecismo da Democracia, afixado na sede

do voto popular nas eleições de então. Os srs. Alberto Dourado Lopes e Waldemar Pinto Peixoto, além de vários correligionários que os dois pioneiros potistas fizeram desde os primeiros momentos, quando o fundaram, em 16 de junho daquele ano, tinham certeza de que não levariam um apreciável contingente eleitoral às urnas, tanto assim que o partido mal apareceu nas eleições de 2 de dezembro de 1947. Mas perseveram, jogando com as possibilidades da agremiação vir a crescer nos anos subseqüentes; e ela está crescendo. Lançando agora o nome do general Canrobert Pereira da Costa à sucessão do presidente Dutra, o POT avantajou-se aos outros pequenos partidos, saltando, de um só golpe, do ostracismo em que vivia ao se cogitar do problema sucessório, no momento o mais transcendente da política na-



OLHANDO ALTO...
O POT pede aos eleitores que se alistem nas fileiras do partido, e cada qual, com uma pote de barro ao ombro — o símbolo da agremiação — olhem para bem alto, como quem faz uma prece e se enche de esperanças. O POT promete surprêsas, servindo-se da flutuação na política. Dizem que vários deputados vão aderir ao partido que é governista



CAIXINHA!
Na sede do partido há vários potes de barro, oferecidos por diversos diretórios municipais à direção nacional, e destinados à coleta de fundos para os vindouros embates políticos, nos quais as urnas serão o juiz. Os potistas utilizam ainda êsses vazos para deixar mensagens ao partido, e muitos potes se distribuem por sôbre as mesas e diversos recantos

cional. Isso, porém, não é suficiente para consagrá-lo; para conseguir o seu objetivo o POT precisa do apoio das massas, e estas estão voltadas para outros, dos quais muito dificilmente conseguirá arrastar os votos. Mas, de qualquer forma o partido lucrou com o lançamento da candidatura do ministro da Guerra.

O QUE E' O POT?

Essa pergunta o próprio partido a faz, no livreto dos estatutos, e responde:
"E' o Partido Orientador Trabalhista, formado pelo Povo Brasileiro que crê em Deus, acredita na liberdade consciente e moral, cultiva a democracia da maioria, obedece à Constituição e cumpre as suas leis!" A definição



DIRIGENTES
Os srs. Cláudio da Rocha, candidato a vereador e Waldemar Gonçalves, fazem parte da Comissão Executiva



PARA A PRESIDÊNCIA
O nome do ministro da Guerra foi lançado pelo POT à Presidência da República. Disse-nos o presidente do partido que o movimento foi, principalmente, uma expansão dos associados. Uma funcionária homenageia o candidato



VIDA PARTIDÁRIA

Os dirigentes do POT envidam esforços para organizar um completo "dossier" sôbre a vida política nacional. Tratando do assunto, vemos, na gravura, os srs. Jorge Dabul, chefe da Secretaria e Sandoval Cavalcanti, presidente da seção no Rio Grande do Norte. Êsse "dossier" que nãi foi concluído pela exiguidade de tempo, estará pronto me breve

cabe perfeitamente para outro partido qualquer, dos treze que temos registrados na Justiça Eleitoral, exceto o Socialista. E' preciso ir mais profundamente às suas origens e fins, para que se tenha uma idéia firme sôbre o que vem a ser o partido. E' um partido governista, embora tenha nascido fora do bafejo oficial; apóia franca e decididamente o Estado, por fôrça das íntimas ligações que têm alguns dos seus principais dirigentes com o govêrno e também porque não há discordância de idéias nem princípios entre os atuais responsáveis pelos destinos do país e o programa potista. Dentre as personalidades que vieram a formar no POT destaca-se, por exemplo, o sr. Antônio Vieira de Melo, diretor da Agência Nacional e proprietário do "Diário Trabalhista", que antes formava no PSD.

Em 1947 foi feita uma tentativa para mudar o nome do POT para "Partido Popular Trabalhista", mas a Justiça Eleitoral negou o pedido.

★

O programa dos potistas não difere do pro-



OUTROS DIRIGENTES

O almirante Milcíades Alves Portela, que comandou o Batalhão Naval, e o sr. Lacerda Pires, figuram entre os membros da direção nacional. O almirante será um dos candidatos potistas à Câmara Federal, no próximo pleito



CANDIDATO

"Hei de derrotar o Cônego Olímpio de Melo nas eleições vindouras. Êle mandou arrancar a faixa do nosso diretório em Bangu. A vingança será nas urnas" — diz o sr. Hélio de Abreu, candidato a vereador pelo partido





ALMIRANTE MILCÍADES

— "E' dever de todos os bons brasileiros dar à vida nacional em todos os setores, o máximo de sua contribuição para reerguer a Pátria!"

DECISÃO

"Basta! Para a segurança do Brasil. Canrobert Pereira da Costa!" — diz o cartaz acima. Uma cruz sôbre os outros nomes rifava-os de suas cogitações e a deliberação do POT é coisa irrevogàvelmente certa, assentada...

grama dos outros partidos; a solução dos problemas econômicos, sociais e culturais do país é um objetivo comum a todos êles, e nenhum tem, traçada, uma norma de conduta anti-democrática. Pelo contrário, o respeito aos direitos do homem, particularmente às liberdades, todos fazem questão de frizar nos seus estatutos como prerrogativas intocáveis.

Quanto à política internacional as suas diretrizes são do mais perfeito entendimento entre os povos, acentuando que, salvo caso de invasão ou ataque militar por nação estrangeira, só pugnará pela declaração de guerra se não couber ou malograr-se o recurso de arbitramento; e re-

(Cont. na pág. 47)

NA SEDE

Cartazes por todos os lados, uns de propaganda, outros para orientação dos militantes. Poucas sedes já visitamos tão prolífica nesse sentido, exceto a do partido do sr. Ademar de Barros. Inúmeros potistas visitam diàriamente a sede, principalmente agora, que o partido entrou em franca e intensa propaganda da candidatura do general Canrobert





— Oh! "seu" Bonifácio, como o senhor é romântico!

BOM HUMOR

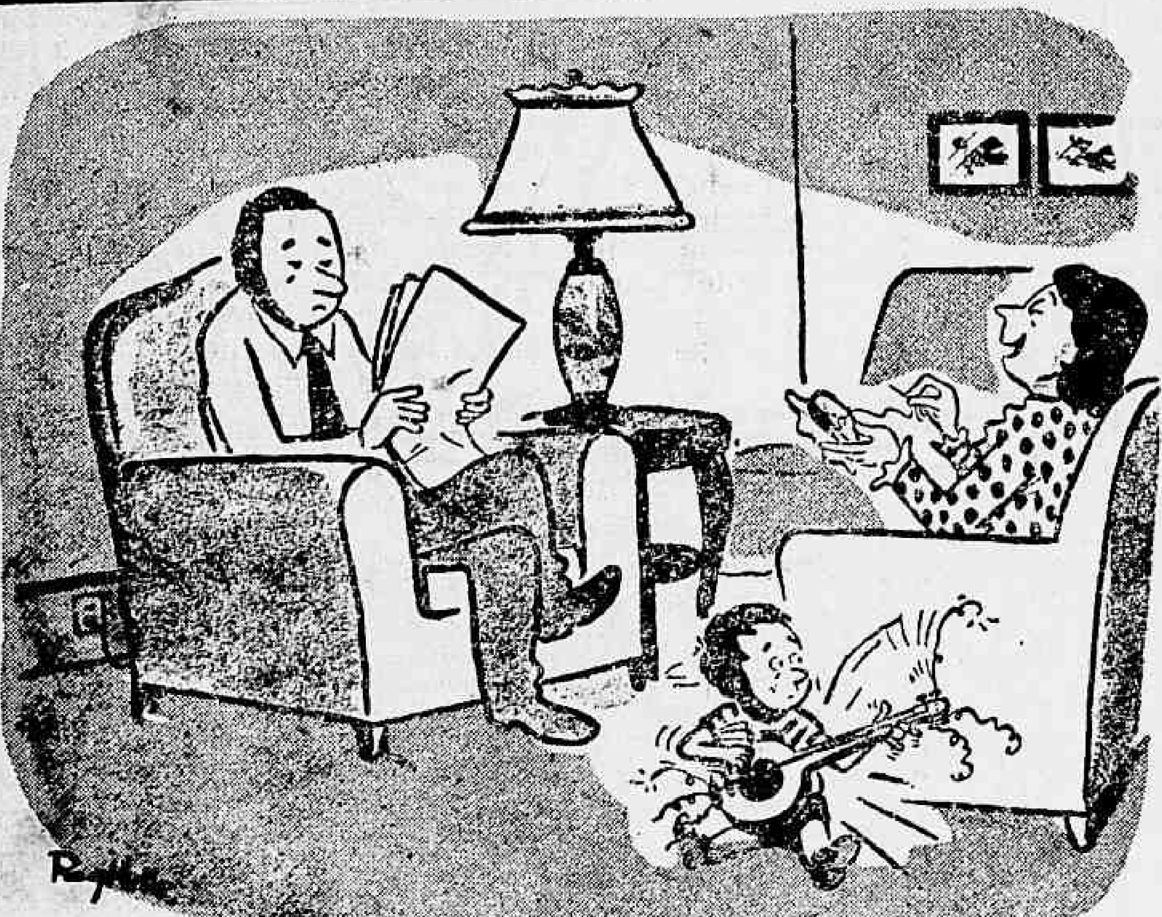




— O Quincas é muito habilidoso, aproveita tudo!...



— Quando quiser dormir, mamãe, é só avisar. O Zequinha está pronto para lhe mostrar o quarto!...



— Graças a Deus, SO' FALTA UMA CORDA!...



— Francamente, Gregório, você às vezes me desanima!...



ASSIM ÊLAS ESTUDAM

Os estúdios têm o cuidado de isolar seus artistas quando êles precisam decorar os papéis para que vão posar. Aqui vemos, da esquerda para a direita: Peggy Dow estudando seus papéis em "Woman in Hiding" e "Undertown"; Dorothy Hart, preparando-se para "Buccanner's Girl"; Donna Martell, para "The Kid from Texas" e Anne Pearce, em "Bagdad"

NOVIDADES DE HOLLYWOOD



EM CONTINÊNCIA

Marta Toren, estrêla sueca, recebe, na Universal, a visita do brigadeiro brasileiro Eudoro Barcelos de Morais



O CASAL CLARK GABLE

Mr. e Mrs. Clark Gable. Êle, o famoso "astro" da Metro, e ela, Sylvia Stanley, quando visitavam Honolulu



ELA E A OUTRA

Joan Crawford e sua "stand-in", Sylvia Lamarr. Para evitar dúvidas: a estrêla é a que se vê em plano mais alto



RITA E GLENN FORD
Amor à primeira vista, é o que acontece quando Don José se encontra com Carmen, linda e sedutora cigana que trabalha em uma fábrica de cigarros em Sevilha



O "FLAMENGO"
Quando Carmen aparece, todos lhe pedem que dance. E ao som das guitarras, ela executa um "flamengo", a dança selvagem do seu povo, ritmado pelas palmas da assistência

VOLTAM OS HERÓIS DE "GILDA"

O último filme posado pela antiga espôsa de Orson Welles foi "Os Amôres de Carmen", que anteriormente havia sido rodada em estúdios franceses, tendo Viviane Romance na protagonista e alcançando memorável êxito. De caso pensado, os estúdios da Columbia reuniram nessa película os mesmos protagonistas da famosa "Gilda", que tanto ajudou a consagrar Rita Hayworth: Ela mesma e Glenn Ford, êste no papel de Don José. Quando se concluíam essas filmagens, já o romance da "estrêla" vivia seu período inicial com o príncipe Ali Khan, e não tardou que ambos passassem a excursionar pelos países do Velho Mundo, "por mera coincidência", mas na realidade com o propósito de iludir os bisbilhoteiros. Veio depois o casamento rumoroso, e hoje, a popular Rita Cansino, que já foi Rita Hayworth e Rita Wells — passou a ser uma figura de alta nobreza... Por isso mesmo seu derradeiro filme cinematográfico está correndo mundo sob um ambiente maior de curiosidade: todos querem conhecer o adeus da "estrêla" às suas primitivas atividades, antes de se tornar carinhosa mamãe.



CARMEN BARULHENTA...
Mas quando a ofendem, ela se atraca em renhida luta corporal, rolando pela rua, selvagem e vingativa, enquanto a turba delira e a animam a investir. Ela é do barulho...



"CIGANA DESPREZÍVEL"
A adversária joga-lhe em cara o epíteto cruel: "Cigana desprezível!" E Carmen, sacando uma pequena faca, rasga-lhe a face. Não tardará que os soldados de Don José a prendam



RITA HAYWORTH em CARMEN, seu último celulóide, rodado antes dela se haver tornado a Princesa de Ali Khan

O INDECISO


Não há sujeitos que ficam noivos durante vinte, trinta, quarenta anos? Praxedes era um dêsses.


Achava a Finoca muito criança e estava indeciso entre o "brôto" e a "balzaquiana".


Passam-se os anos, Finoca foi amadurecendo e quando o Praxedes pensou em casar achou Finoca en-


velhecida. Foi então a um grande cientista, inventor de um célebre sôro e pediu-lhe que transformasse


outra vez a Finoca em "brotinho"... O milagre aconteceu, mas a Finoca


achou o Praxedes muito velho e casou com outro...



PREPARANDO A FÔRMA

A arte de construir violinos transmite-se de pai para filho e ainda ninguém conseguiu torná-la uma indústria. Não se fazem violinos "em massa" como automóveis e geladeiras. Aqui está um mestre recortando a fôrma do violino com uma serra-pedal. As linhas elegantes do delicado instrumento são semelhantes às volutas da arquitetura barrôca

O NASCIMENTO DE UM VIOLINO

MICHEL B. KAMENKA

MUITO já se tem dito da mecanização crescente que se vem operando sôbre o predominio cada vez maior da matéria sôbre o espirito e o desaparecimento progressivo da significação do indivíduo em benefício da coletividade.

Sabemos todos que a produção industrial em massa, com os seus lucros ilimitados, mata a produção individual do artesão, e que a máquina está ameaçando substituir o homem em proporções ainda não avaliadas.

Num livro sôbre a América, escrito antes da guerra, Duhamel observa que os horticultores americanos orgulham-se de ter eliminado as variedades diversas de uma fruta para produzir um só tipo em grandes quantidades; enquanto o produtor da França sente-se orgulhoso se consegue, por meio de cruzamentos pacientes, criar um novo tipo. Entre estas duas mentalidades existe a distância de um mundo: a de um mundo que está desaparecendo para um outro que o está substituindo.

Felizmente para a conservação do valor da personalidade humana e da iniciativa individual, existem ainda certos dominios, os quais pela própria natureza, escapam a qualquer "estandardização" e onde a atividade consciente do homem nunca será substituida pelo movimento mecânico.

E', antes de tudo, o domínio da arte e de tudo o que com ela se relaciona. Um instrumento musical, por exemplo, um violino de qualidade, nunca poderia ser fabricado por meio de máquinas, porque deve possuir uma alma viva, corresponder à emoção do artista que o toca. São os dedos do construtor, em misteriosa comunhão com a matéria que êles modelam e conformam, que comunicam ao instrumento a vida mistica que, despertada pelo arco do artista, vai fazer vibrar os milhares de sêres numa sala de concêrtos.

Quais os meios e os caminhos por onde se afirma essa mágica? Vamos procurar a resposta na França, o país por excelência que mais que qualquer outro, se defende contra a invasão avassaladora da máquina.

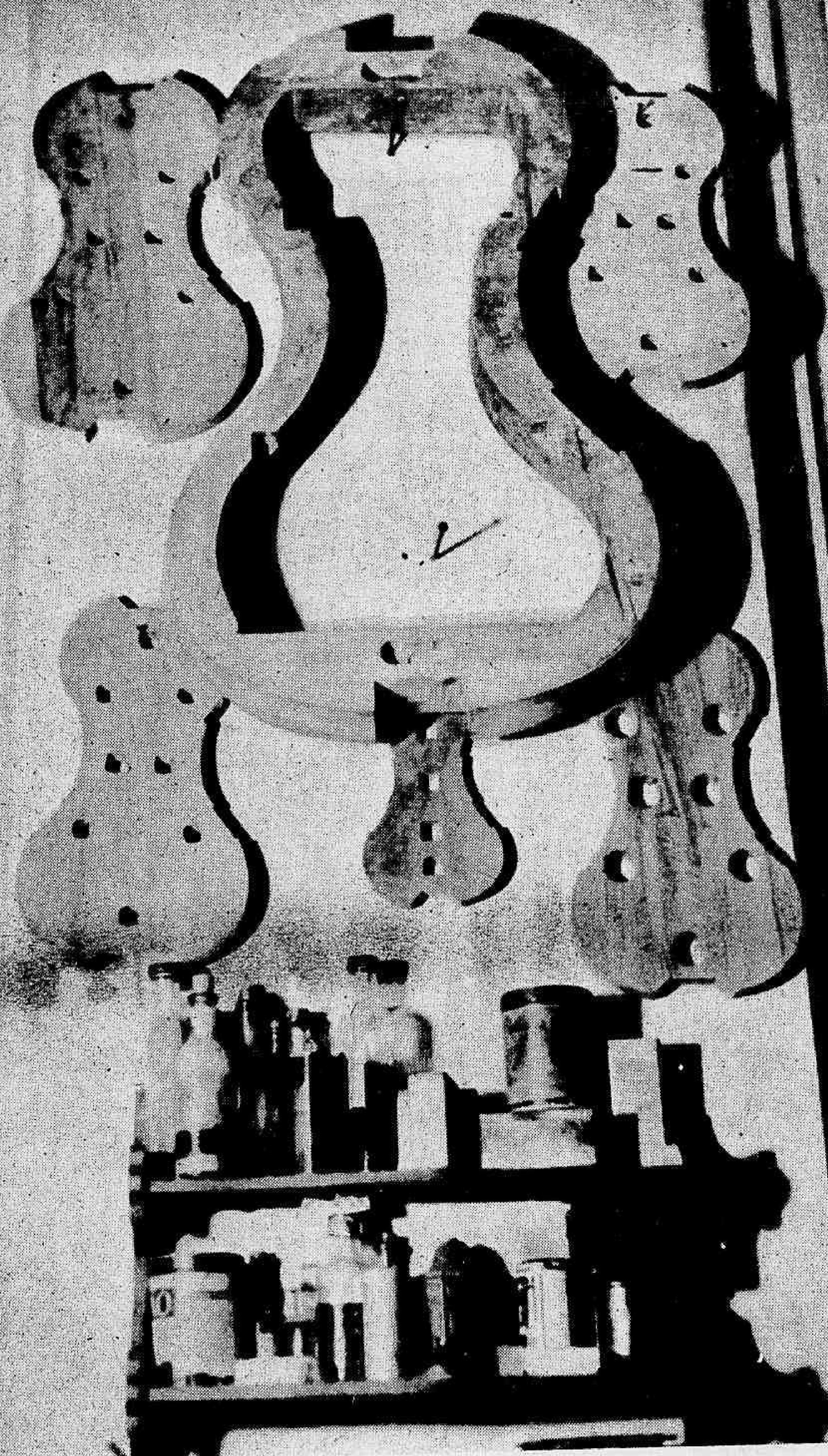
Entramos na cidade de Nice, a grande metrópole da "Côte d'Azur", varrida pelos ventos do Mediterrâneo, próxima da Itália, pátria dos famosos "Stradivarius". Vamos bater à porta do sr. Gaggini, que tem um nome italiano e que é hoje um dos mais afamados construtores de violinos do mundo.

Aprendeu com o tio a profissão. Porque a arte de construir violinos como a do alquimista, transmite-se de pai para filho, ou se quiserem, de tio para sobrinho; mas um estrangeiro não consegue nunca penetrar os



MATERIAL

Os utensilios do mestre são simples, mas o grande segrêdo consiste em saber manejá-los. Não é muito fácil



COLEÇÃO

de cinco moldes: quarteto e um violoncelo. O traçado é feito com precisão matemática e deve assegurar a ressonância perfeita do instrumento. Depois de coladas as beiradas, é embutido o tampo com os claros em forma de "S"



COLAGEM

A colagem das costilhas do violino, é outra delicada tarefa, exigindo mãos hábeis, delicadas, e muito apuro

seus segredos. E' um ofício que representa o resultado acumulado de pesquisas pacientes de gerações. Observando-se as linhas elegantes e puras do contôrno de um violino semelhantes às volutas da arquitetura barrôca, logo surge a idéia de que sòmente uma experiência secular, a observação atenta da vida misteriosa das ondas sonoras, poderiam ter produzido formas tècnicamente tão perfeitas, e isso muito antes que os aparelhos de medição do som da física moderna fôssem inventados.

No seu trabalho o fabricante de instrumentos de corda procede como procedia o artesão medieval: por intuição, numa comunhão constante e íntima com a sua própria obra.

Vejam seus utensílios de trabalho. São simplíssimos, quase rudimentares. Não contém peça mecânica alguma: todo o trabalho será feito à mão.

E mesmo a serragem do molde não pode ser feita com uma serra mecânica, porque esta não funciona com bastante precisão. E' preciso então uma serra trabalhando com um pedal.

As madeiras utilizadas na fabricação dos violinos provêm das diversas variedades que crescem na Europa central. São raríssimas, sendo preciso escolher entre elas as melhôres, o que explica os elevados preços dos violinos de alta qualidade.

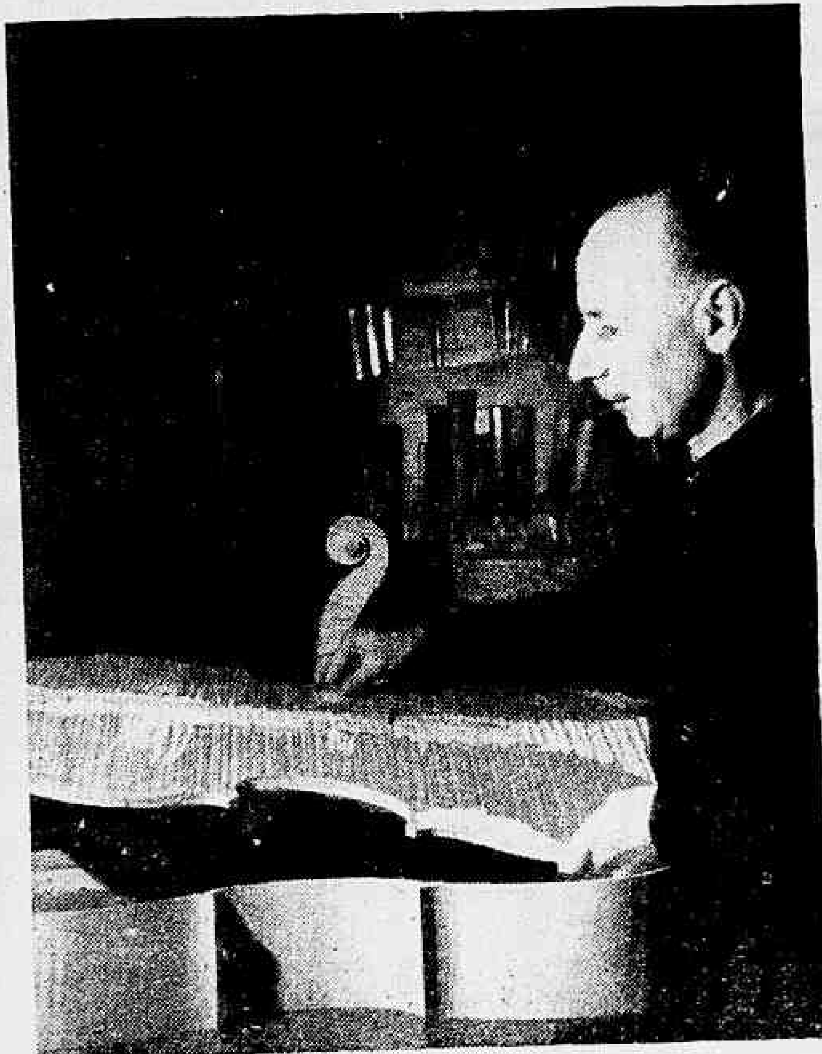
Uma vez preparada a prancha, o fabricante escolhe o molde do instrumento que pretende construir: violino, viola ou violoncelo — e faz o traçado com precisão matemática da caprichosa curva que deve assegurar a ressonância perfeita do instrumento. Depois, com a serra de pé, não perdendo portanto o contacto direto com a matéria, recorta a fôrma seguindo o traçado. Em seguida, cola as beiradas verticais que formam as paredes do próprio corpo do violino, e nas quais será

(Cont. na pág. 47)



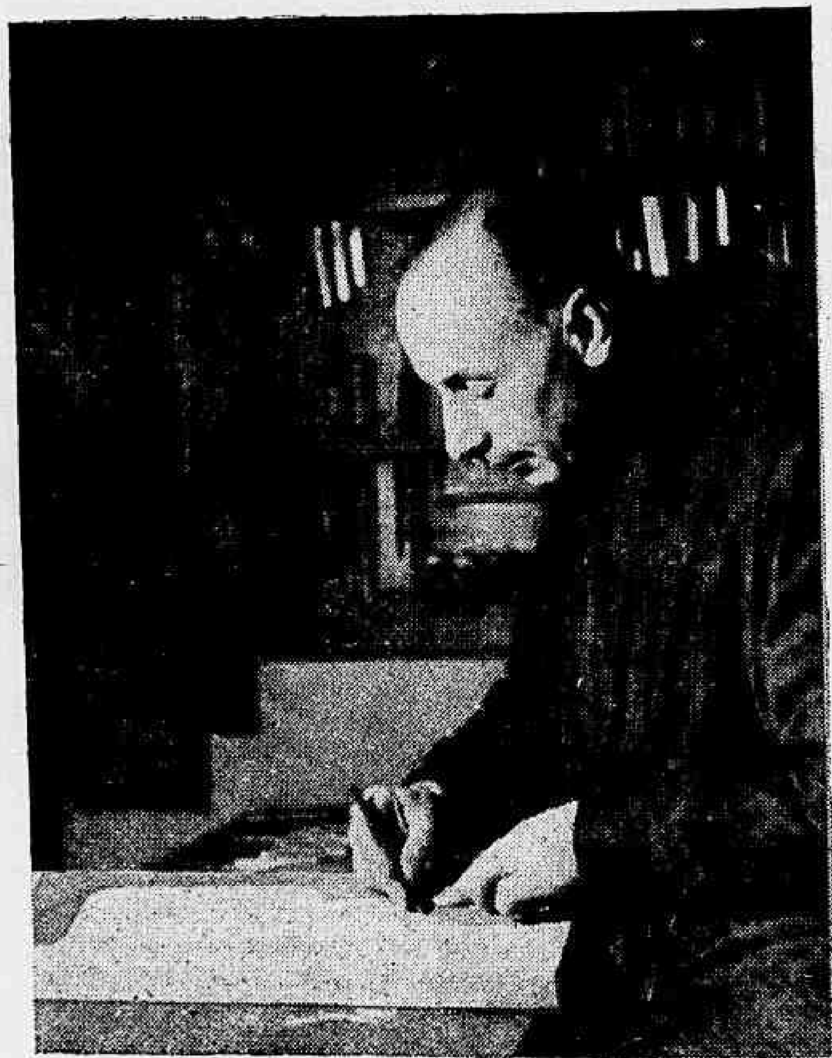
VERNIZ

Agora, a delicada operação do verniz, aplicado suavemente, em porções iguais, para evitar impressão defeituosa



ENCAIXE

Encaixar o corpo de um violoncelo é trabalho que não pode ser confiado a um leigo. Só o mestre sabe fazê-lo



DENTRO DO MOLDE

Traçar a forma do violino, seguindo o molde, é uma das primeiras operações, trabalho de requintada anatomia

E A "TESTA" DO VIOLINO VEM POR FIM,
ENTALHADA A MÃO, COM PULSO FIRME
— TRABALHO DE ESMERO E REQUINTE





NO COLISEU DE ROMA

Nossos repórteres correm mundo entrando em contacto com os lugares e personalidades famosos. Aqui está Edmar Morel em visita ao camarote de Nero no famoso Coliseu



NA TURQUIA

E aqui, refazendo as fôrças após acidentada excursão, frente à mesquita de Sofia, a mais famosa do mundo, em Istambul, antiga Constantinopla. Muita coisa a explorar!

"LOBO NÃO COME LOBO"...

A VIDA AVENTUROSA DE UM REPÓRTER

UM ENTREVISTADOR ENTREVISTADO ★ DE ORIGEM HUMILDE ÊLE CHEGOU AO PLANO DOS MELHORES REPÓRTERES DA IMPRENSA BRASILEIRA ★ EDMAR MOREL FALA NA PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR

Reportagem de ARMANDO PACHECO

VAI o repórter Edmar Morel completar quarenta anos! E' verdade, quarenta janeiros! E note-se que quase isso ou mais tem êle de atividade jornalística. Porque Morel, o Morelzinho das meninas menores ou maiores do que êle em tamanho, sempre foi repórter. Mesmo quando virava o nordeste de pernas pró ar, como mascate ou artista de circo, vendo de perto a miséria da sua gente. Um dia, cansado de perder tempo em derivativos profissionais, resolveu seguir seu destino. Daí prá cá assentou praça no exército do Pará e acabou soldado da sexta arma. E' hoje ativo repórter "mignon" ou de algibeira. Como o Brasil fica na América Latina, berço de revoluções e golpes de Estado periódicos, não será motivo de estranheza o nosso Morel um dia dêsses aparecer engalonado de capitão ou general. Aliás, conta Ari Pitombo que nos bons tempos do Morel "foca" de "A Batalha", ficara vários meses com os salários em atraso, numa das crises do jornal. Aconteceu, porém, a vitória da Revolução de 30, e certa vez surgiu na redação o hoje vitorioso repórter fardado de primeiro-tenente. Os colegas mostraram-se admirados com a promoção, o progresso, a farda e a patente do Morel, que, do alto da sua autoridade de oficial revolucionário senhor da situação, informou ao pessoal:

— Ei, macacada, vocês são mesmo uns carneiros!...

— ?

— Vim aqui agora receber meu dinheiro e êsse turco (referia-se ao dono d' "A Batalha", João Palu) vai me pagar tudo com juros, e já! Já!...

Disse isso, bateu nas dragonas, ajeitou a espada do seu tamanho que arrastava quando andava, falou grosso, pigarreou e entrou na sala do diretor do jornal. O pessoal da redação presente que havia ouvido duas bravatas ficou curioso e interessado à espera. Não demorou nem um minuto Edmar Morel saiu feito uma bala... chispando...

— Que foi isso, Morel? Como é, recebeu?

— Receber, o quê? — retrucou êle, tomando fôlego e gaguejando.

— Mas você não veio buscar os atrasados com a farda de tenente? — disseram todos.

E o Morel como que tendo acabado de ver uma assombração:

— E', eu vim como tenente, mas deparei com o João Palu aí dentro fardado de coronel...

Verdadeiro rato de jornal, êsse pequenino Edmar Morel tem levado uma vida agitada, acidentada, pitoresca. Daí por que se contam milhares de anedotas e fatos ocorridos com êle dentro e fora da imprensa. Desde que por vocação ingressou no jornalismo, vindo do nada, "self made man", como se diz em linguagem hodierna, êsse cearense bravo de pouco mais de um metro tem honrado sua profissão sob todos os aspectos. Suas naturais deficiências de autodidata, que nunca mais leu nada são superadas pela solércia e tino de repórter. Vivo, hábil, desabusado, pequenino, porém, de atitudes, espírito de porco, eis em breves palavras para um "nariz de cêra", Edmar Morel, que os leitores, aliás, conhecem.



NO PARAGUAI

Entrevistando Morinigo no palácio presidencial de Assunção: — "Não temos campos de concentração, é falso!"



NO CEARA'

Com "Jacaré", o jangadeiro da proeza Fortaleza-Rio, numa pescaria, nas lindas praias da terra de Iracema



COM GAGO COUTINHO

Há dez anos passados, numa das frequentes visitas que o ilustre companheiro de Sacadura Cabral faz ao Brasil

A VIDA AVENTUROSA DE EDMAR MOREL

Num momento em que se manifesta simpático interêsse da mocidade universitária pelo Curso de Jornalismo é oportuno divulgar uma série de entrevistas com homens de passado em jornal, homens que possam dar exemplos de luta pelas causas dignas da Imprensa merecer I maiúsculo. Não é só apenas da sistemática das teorias eruditas que vão precisar os jovens diplomados e que desejem enveredar pela imprensa. Tanto quanto do verniz universitário êles necessitam conhecer o segrêdo da profissão. Portanto, da conversa de agora que iniciamos com um repórter popular, que se estenderá por diversos profissionais, poderão os provàvelmente futuros jornalistas encontrar algo de útil, quer como curiosidade, interêsse humano ou ensinamento. Edmar Morel falará aqui na primeira pessoa do singular, êle que tanta gente com e sem importância tem entrevistado. Poderia me alongar mais nesta "cabeça" (como dizemos no *argô* do jornal), poderia jogar muito confete sôbre êste para mim muito querido colega e amigo de há muitos anos, isso, todavia, se torna dispensável, pois, Edmar Morel é por demais conhecido e será melhor que êle próprio conte a história da sua vida aventurosa. Ouçamo-lo, portanto, começar rememorando uma sua campanha jornalística:

— Na segunda vez que estive na Argentina, em 1945, bem como no Uruguai, fiz várias reportagens sôbre o regime de Perón, denunciando a fabricação dos "tanks" Dele-Dele, cujo material é fornecido pela Inglaterra, uma vez que o laminador da Fábrica Nacional de Aço só fabrica lâmina de 15 milimetros, quando as chapas daqueles "tanks" eram de 36. Por ter revelado o negócio da manteiga argentina e feito uma reportagem sôbre o fato de o povo argentino haver aberto uma subscrição para socorrer 4 milhões de brasileiros que estavam morrendo de fome, estive sob as vistas inquisitoriais do DIP. Mesmo assim consegui burlar a "vigilância" sôbre mim exercida e publiquei uma reportagem contando episódios do exilio de Luiz Carlos Prestes, quando era proibido até falar na Rússia nos jornais.

— Qual foi sua reportagem mais sensacional?

Morel pensou, como quem diz deixe ver, e respondeu a seguir:

— Creio que foi aquela sôbre a égua "Farpa", que surpreendi madrugada, bebendo 4 litros de leite por dia no Jockey Club, quando o produto era racionado e faltava aos berçários, quando morriam crianças de fome sem uma gôta de leite. Os responsáveis foram dar com os costados no Tribunal de Segurança.

— Outro "furo" espetacular — continua Edmar Morel — foi arrancar de Joazeiro o célebre arquivo do padre Cicero. Basta lembrar que essas reportagens provocaram comicios de protestos e um quase chisma. Agora, a reportagem de sensação nos meios oficiais, fiz em Pernambuco "about" os hospitais e mocambos do Recife, quadros de miséria e desespêro. Também fizeram sucesso minhas coisas acêrca dos espiões nazistas no vale do Itajaí, tendo visitado o campo de concentração de Joinville; sôbre os espiões japonêses do litoral paulista; a entrevista com o célebre Meneghetti, sendo o primeiro jornalista a ouvir o famoso presidiário num espaço de 20 anos, aliás, você se recorda disso, pois era do "Diário da Noite", de S. Paulo, nessa época. Lembra-se?

— Perfeitamente, Morel. Mas continui...

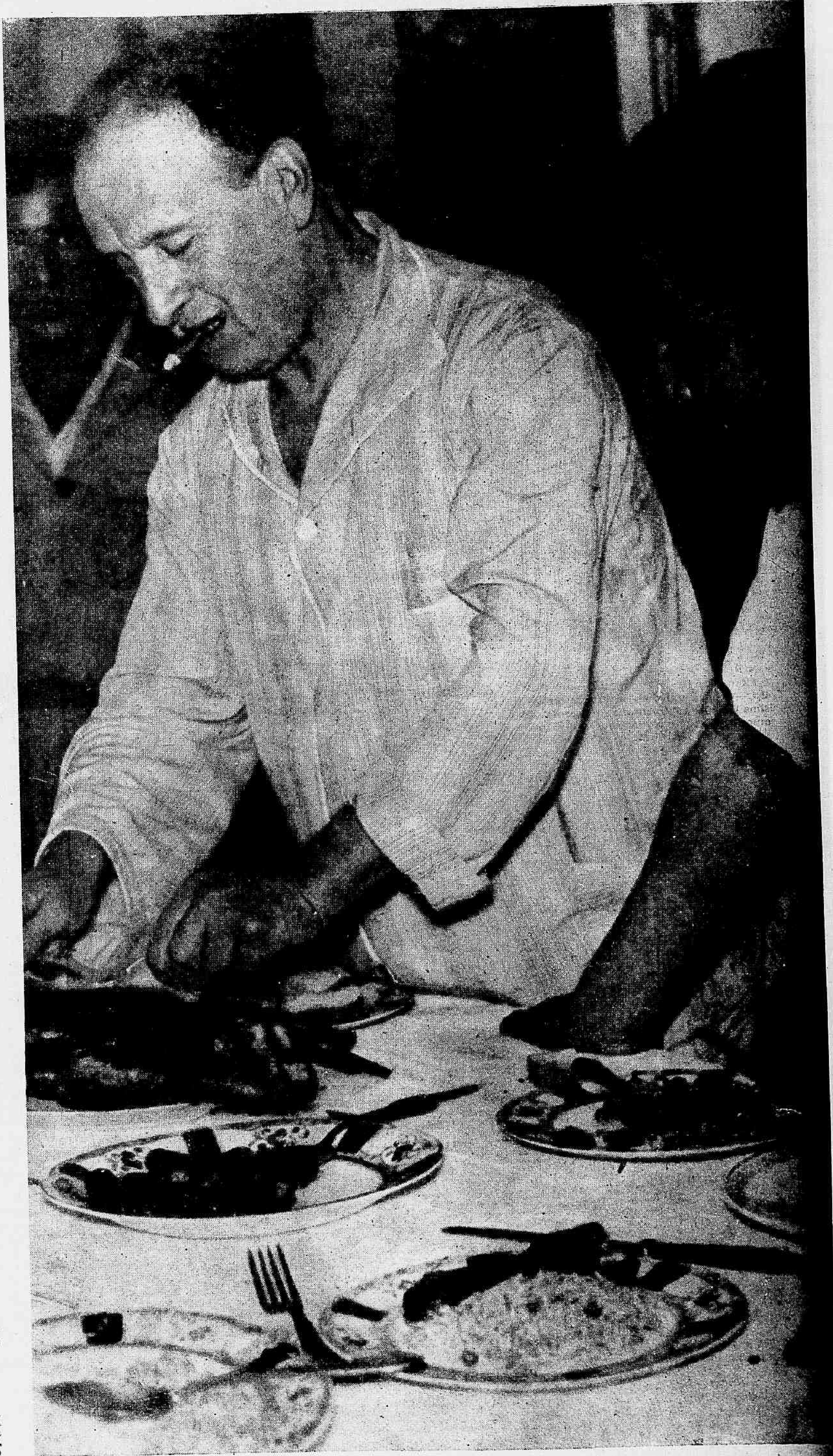
— Bem, na Bahia fiz rumorosa entrevista politica com o general-interventor Pinto Aleixo, numa hora em que corriam boatos da sua substituição, etc. ... Foi a maior bomba jornalistica do ano. Também as reportagens revelando as origens dos barões de Friburgo e condes de S. Clemente lograram agradar.

CURRICULUM-VITAE...

— Quanto tempo v. trabalhou nos "Diários Associados"?

— De 1938 a 48. Comecei com 300 cruzeiros, como repórter. Primeiro fui do

(Cont. na pág. 44)



NA ILHA GRANDE

Duas horas depois de indultado, em 1943, o senador Flores da Cunha recebia a visita inesperada do repórter. E sem demora participava de um saboroso churrasco, em companhia do velho político gaúcho

UMA SOMBRA NO CEU

TERMINEI a leitura da carta de Glenda, que me contava, penalizada, o noivado e o próximo casamento de Roberto. Duas lágrimas teimosas rolaram-me dos olhos que ficaram nublados, e corri para o meu quarto. Deitei-me e dei largas a um pranto desesperado, convulsivo!

Eram onze horas da noite quando cessei de chorar. Fiquei olhando tudo a meu redor, os olhos inchados, seccs, a fisionomia em que se estampava um choque terrível, que me deixara perplexa e indiferente ao mesmo tempo. Fiqui meio louca, meio tonta, como se tivesse ingerido forte entorpecente. Uma dor intensa no coração. A minha vida parou de repente, àquela hora, e, só eu via na penumbra do meu quarto, como que ironizando minha mágua atrós, o rosto moreno e corado e os olhos verdes e sorridentes de Roberto, sua formosa boca com dentes perfeitos, que tão bem me sabia sorrir e falar... O rosto de Roberto, como um fantasma do meu passado, vagava pela escuridão de meus quarto e parecia dizer-me: "Como fôste tolinha e ingênua, acreditando que eu voltasse! Não vias que não te amava mais e que nunca me casaria contigo? Como fôste ingênua acreditando no meu amor!" Parecia-me que muitas vezes diferentes falavam, ao mesmo tempo, aos meus cuvidos: "O Roberto está noivo, sabe? O teu Roberto por quem morres de amor". Nervosa e desesperada, lutando contra o meu sofrimento medonho, passei a mão em meus cabelos, num gesto indeciso. Eu parecia delirar. Fiquei febril, uma sêde louca. Busquei um copo, enchi-o dágua. Vi à tona uns olhos verdes e lindos... qual! Eu estava delirando. Na cozinha, escondida num pequenino armário, havia uma lata em que estava escrito em letras enormes: "Formicida". Peguei-a apressadamente e cheguei a abri-la com o intuito de despejá-la tôda até, se possível, dentro do copo, tomá-la, pôr fim à minha vida, parar, ali, o meu destino e morrer! Porém, uma voz desconhecida gritou-me aos ouvidos: "Covarde! Vê o que vais fazer! Não suportaste a desilusão de perdê-lo, não és forte, então?! Onde está o teu orgulho de mulher forte? Vencida, hein?" Indecisa, coloquei no mesmo lugar o veneno que sufocaria, para sempre, a minha mágoa, que findaria, para todo o sempre, os meus ideais, sonhos, castelos. Mas, para que sonhar e fazer castelos outra vez?! Bebi a água pura e cristalina e deitei-me, insone. Consegui dormir pouco antes das 3 da manhã.

Levantei-me às nove horas, embora acordasse mais cedo. Já tinha os meus planos feitos e ia recomeçar minha vida. Meu passado morrera, e com êle, o meu único amor. Roberto devia ser banido, para sempre, de minha vida, do meu pensamento da minha saudade.

Também havia outra pessoa que tinha certa importância em minha vida: o meu noivo. Seria um "caso" morto de agora em diante, também. Meu noivado fôra um capricho para reconquistar Roberto. Decidi, portanto, escrever uma carta a Júlio, desfazendo o nosso casamento. Para mim, esta carta escrita às pressas, ao meu noivo, pouco valor representava: uma carta banal, como um milhão de outras em que havia um rompimento de noivado. Mas, para Júlio — o meu noivo — eu estava certíssima de que representaria a derrota, o aniquilamento total dos seus sonhos de rapaz, tal como a carta de Glenda destruíra meus castelos e ilusões. Antes de colar o envelope, reli um trecho da carta que dizia: "Júlio, jamais o amei. Perdôe-me a sinceridade rude desta minha carta. De agora em diante, considere-se livre do compromisso de casamento que assumiu comigo. Creia-me, porém, sua grande amiga e admiradora de sempre. Sou uma infeliz que nunca encontrará ventura, porque o destino impiedoso roubou-me o direito de ser feliz. Esqueça-me. Vou partir, nem sei para onde; só lhe peço que não me procure mais, para a sua e minha tranquilidade. Adeus. Patrícia".

Resoluta, enviei a carta a meu noivo. Pela manhã, ainda, tratei de ajeitar tudo que era meu, em grande mala de lona e mais duas valises. Decidi deixar, definitivamente, a cidadezinha de minha meninice e em que, na minha mocidade, embalara sonhos lindos e a esperança muito amena de concretizá-los um dia... mas, que ali mesmo, em minha pequenina cidade, ficaram sepultados, talvez para sempre, com a minha saudade. Não o quis despedir-me de ninguém para evitar surpresas e exclamações curiosas: — O'. Patrícia, e o noivo?! Chi! Você desfêz o noivado?! Um moço tão bom, — o Júlio! Ah! você está apaixonada, ainda, pelo "outro", menina..." Não. Eu não queria ser abordada por perguntas indiscretas, não queria explicar a pessoa alguma a minha atitude, por isto, sairia de automóvel, só, e pegaria na próxima cidade, o trem para o Rio de Janeiro. Eu queria correr mundo, fugir, fugir de tudo e de todos. Seria aero-moça de alguma companhia de aviação, correria cidades, conheceria meio mundo! Recalcaria, à fôrça, minha paixão, minhas lágrimas, meu orgulho ultrajado. Havia de esquecê-lo!

Despedi-me dos meus, prometendo-me êles transferirem, mais tarde, residência para o Rio de Janeiro, e parti.

Chegando ao Rio, procurei Glenda, que me recebeu de braços abertos, com um sorriso amigo e compreensivo:

— E o Júlio, Patrícia? O'! você devia ter dado um "tapa de luvas" no Roberto e casar-se com Júlio! Êle, sim, merecia você! Mas... que é isto?! Está chorando?! Abracei Glenda e chorei convulsivamente.

Glenda e eu fomos residir juntas, num pequeno apartamento, na Gávea. Dávamo-nos muito bem e eu seria feliz se à sombra de Roberto não toldasse de nuvens o ceu outro límpido, de minha vida, em que, uma estrêla brilhante refulgira na esperança de reconquistar o meu amor.

Por intermédio de um amigo de Glenda, coloquei-me logo em grande companhia aérea, como aéro-moça, conforme os meus planos, felizmente realizados desta vez. O meu primeiro vôo foi a São Paulo, onde continuei indo de quando em vez. Conheci novas terras e novas gentes — novidades que me seriam lindas se se deleitassem nelas, os olhos verdes do meu único amor.

Passaram-se, velozes e repletos de aventuras, sete anos.

Eu ficara na Paulicéia de uma das vezes que lá fôra e que me acometera forte resfriado. Convalescia, eu, em Santos, onde estivera com licença da Companhia Aérea.

Chegou-me às mãos, numa tarde gelada de maio, longa carta de Glenda em que me comunicava o seu noivado. Fiquei surprêsa quando li aquêle trecho da carta... cheguei a empalidecer, fiquei trêmula... Mas não era possível! Eu estava sonhando... Contundo, reli compassadamente e refletindo sôbre cada palavra de Glenda: "Patrícia querida, não me julgue mal por isto e continue sendo minha amiga, mas encontrei em Júlio o meu ideal e nessa amizade de outrora transformou-se em ardente amor. Você não o quis... Êle sentiu muito, e, ao procurar lenitivo em minhas palavras de amiga, como o fazia desde criança, descobriu, em mim, aquilo que sempre ocultei dele, por sua causa, Patrícia: o meu amor".

Ah! Então Glenda sempre amou Júlio. A vida tem dessas ironias... Meu Deus, como a intuição feminina falhara em mim! Jamais percebi o amor de minha companheira de infância pelo meu ex-noivo. Mas... até o Júlio ia se casar! Êle que seria meu, agora, se o tivesse desprezado há sete anos passados... E Glenda ficara noiva, casar-se-ia breve. Muitas de minhas amigas já me haviam escrito cartas idênticas à de Glenda, contando-me, venturosos, os seus noivados. Muitos cartões delicados, de participações já me haviam chegado às mãos e os meus olhos os olhavam, indiferentes e tristonhos... Mas ali estava sôbre a minha mesa, aquela carta diferente em que minha amiga participava-me, com um misto de ventura e medo, com desconfiança de perder minha afeição, o seu casamento com um homem que fôra o meu noivo. Pensei em Júlio, louro, bonito, alto e atraente... Quase cheguei a invejar Glenda e arrepender-me de o ter perdido voluntàriamente. Mas, não. Mera ilusão. Nunca amara Júlio. Limitei-me a escrever longa carta a ambos, desejando-lhes tôda a felicidade que eu não tive.

Resolvi que voaria pela última vez. Fartei-me da vida agitada e errante que levava, por isto decidi que trabalharia no Rio, como secretária, em algum escritório por lá.

Muito cedo levantei-me, vesti-me, fui ao espelho e coloquei o quépi de aero-moça. Mirei-me e fiquei contente ao ver o espelho refletir aquela moça de estatura mediana, cabelos louríssimos e olhos muito azuis; cheguei a achar-me quase bonita. Poderia tanto ser alegre e feliz! A boca úmida em que o baton dava um tom de cereja, sorri, e alvos dentes o espêlho também refletiu. Qual! Tantas vezes escutara de rapazes, galanteios e lisonjas... Se algum deles me inspirasse amor, que conquista fácil me seria! Até o Roberto, como me foi fácil prendê-lo, logo que o conheci... Pareceu-me escutar uma voz irônica e desconhecida que me falou bem juntinho aos ouvidos: "Mais fácil ainda que a conquista, foi a perda do teu Roberto. Ainda pensas nele? Não compreendes que nunca mais o verás? Que a sua boca apaixonada e os seus olhos verdes, ardentes, dirão à "outra", agora, em palavras lindas, um poema de amor?"

Cerrei as pálpebras, num gesto muito meu, ao querer varrer da memória qualquer lembrança que me atormentava, mas, quando, lentamente, os meus olhos grandes se abriram, estavam rasos de pranto, e, num sussurro meus lábios murmuraram, externando tôda a revolta do meu coração: "Roberto"...

Cheguei ao aeroporto, quase a correr e nem notei os passageiros, só vozes e barulhos e o avião que me pareceu um gigante de braços abertos, ali no meio do campo. Ao longe distingui ainda: "Passageiros para...". "O Rio", conclui intimamente, subindo apressada para o avião, e cheguei a sentir pena de ser a última vez que decidira voar como aeroviária. A cabeça doía-me um pouco. Tirei o quépi e segurei-o distraída. O sol, como um namorado ardente, beijava os meus cabelos que se espalhavam pelos meus ombros, dando-lhes um brilho dourado e atraente. Acomodei-me na última poltrona, esperando a entrada dos passageiros. Vi que muitos me fitaram curiosos... Outros admirados. Cerrei as pálpebras e não vi os outros. Tudo em ordem. Todos em seus lugares, acomodados. Sentei-me, pus tudo em ordem e o avião gigante, subiu, subiu... Deixei S. Paulo, lá longe, com a sua vida agitada, com o corre-corre de sua gente... Sorri, olhos semicerrados, ao lembrar-me dos paulistas, com seu sotaque sulista que eu adorava! Ia eu em demanda do Rio, do meu Rio de Janeiro, aquela nova "Babel" que eu amava loucamente por ser meu lenitivo e por eu andar sob os mesmos céus e respirar o mesmo ar, andar pelas mesmas ruas que aquêle que fôra e era ainda — a vida de meu passado, a sombra de minha felicidade...

O avião deslizava manso sôbre as nuvens e o barulho do motor, agora mais forte, despertou-me de um cochilo...

Cerrei de novo as pálpebras e resolvi descansar uns minutos antes de oferecer algo e ser gentil com os passageiros...

Com os olhos semi-cerrados, notei a sombra de alguém que se aproximava de mim e, subitamente uma revista caiu-me sôbre os joelhos. Assustada, encarei o rapaz:

(Cont. na pág. 15)

Novela de RUTH MARIA LACERDA DE ALMEIDA

Nicodemus FORMULA

O ULTIMO DESEJO...

AS CIRCUNSTANCIAS ME LIGARAM ÀQUELE CASAL DE NAMORADOS. NÃO SEI POR QUE MAS GOSTAVA DE OS VER PASSAR AGUÇANDO OS OUVIDOS AS SUAS JURAS DE AMÔR ...



ERAM CARNE E UNHA
MAIS CARNE DO QUE UNHA ...

CASARAM-SE ...

NA CERIMONIA
ELA E ÊLE
EXTASIADOS
TINHAM
SEMBLANTES DE UM
PÁLIDO-ROSADO
QUERUBINICO ...



O TEMPO MARCHOU E COM ÊLE NÓS, VÓS, ÊLES MARCHAMOS NA ESTRADA DA VIDA ...

PROCUREI-OS NÃO SEI POR QUE ...
NÃO MORAVAM MAIS ALÍ ...

O SR. NÃO SOUBE?
A VIDA DAQUELE MENINO ERA UM
INFERNO ...
TÃO MEIGO
TÃO
DELICADO
DEU SEIS TIROS
NA CABEÇA
DELA
À QUEIMA-ROUPA
MUITO
CIUMENTA
NÃO
NÃO
O ANO PASSADO
COITADO
30 ANOS
DE CADEIA ...



IMPLORO:
EU QUE ESTOU
COM A CORDA
NO PESCOÇO,
AGORA QUE
O MAL JÁ ESTÁ FEITO, AGORA QUE
ESTOU IRREMEDIAVELMENTE CASADO, SE
FÔR MEU DESTINO SER ATORMENTADO
FISICA E MENTALMENTE A PONTO DE
COMETER UM CRIME E MANCHAR MINHAS
MÃOS COM O SANGUE DE MINHA
CARA-METADE, LEVAI-ME, SENHOR,
LEVAI-ME, LEVAI-ME
ENQUANTO SOU **ANJO!**



A Rainha da Vindima, srta. Olívia Teresinha Simões Morganti, candidata eleita pelo município de Bento Gonçalves, ostentando a valiosa coroa de ouro e pedras preciosas oferecida pela Comissão Organizadora da Festa da Uva



NO CARRO IMPERIAL

A Rainha e as Princesas, representantes dos municípios vinhateiros foram recebidas pelo povo sob estrepitosos aplausos, através das avenidas de Caxias. Mais de cem mil pessoas entre habitantes e visitantes, se comprimiam na Avenida Júlio de Castilhos para ver o desfile, numa tarde luminosa. A "Metrópole do Vinho" viveu horas inesquecíveis

A FESTA DA UVA EM CAXIAS DO SUL

ATRIBULAÇÕES DO REPÓRTER QUE NÃO FÊZ PARTE DA COMITIVA PRESIDENCIAL ★ FALTAVAM CAMAS, SOBRANDO VINHO, CARNE E ALEGRIA ★ O QUE FOI O CORSO ALEGÓRICO ★ ABUNDÂNCIA E FARTURA ★ FLAGRANTES PITORESCOS

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA
(Fotos de GEREMIA)

SAÍMOS do Rio em avião da Cruzeiro do Sul, pouco depois de levantar vôo a comitiva que vai levar o Presidente da República a Caxias. Mas a comitiva leva um "handicap", os aparelhos militares voarão diretamente a Pôrto Alegre, enquanto o nosso, de carreira comercial, tem de escalar em São Paulo, onde falta teto, coisa muito comum nestes últimos tempos. Levamos girando, repetindo a mesma evolução por sôbre Congonhas, até quando uma brecha nas nuvens permite a descida, e lá se vão, nessas operações de emergência, duas horas perdidas. Quando descemos na capital gaúcha, os autos que levam o general Eurico Dutra e seus companheiros à Festa da Uva, estão longe. Resta-nos procurar qualquer meio de transporte, tarefa nada fácil, porque todos os veículos foram tomados de assalto. Sabe Deus com que apuros, encontramos vaga num lotação em que se improvisou o mais desengonçado e gingante carro de antes-da-guerra, de sorte que só por volta das dez da noite entramos na Avenida Júlio de Castilhos, em Caxias. Quem diz que vamos ter hotel disponível? Se encontrar aquela vaga no lotação constituiu uma batalha heróica, obter posada, mesmo um canto de quar-







ARTE E BELEZA

Foi um espetáculo de arte e beleza, êsse monumental corso alegórico, ressaltando de ma neira predominante os encantos da mulher gaúcha. Caxias convocou as moças dos campos e dos salões para êsse desfile Vemos, na gravura: nas extremidades, dois tipos de beleza local. Ao centro, a srta. Jussara Marques, Miss Brasil, que tomou parte no desfile



SORRISOS DO RIO GRANDE

Jovens da sociedade caxiense integrando a equipe de um dos monumentais carros alegóricos, apresentavam-se em luxuosas vestimentas de caráter regional traduzindo a poesia e o encanto das regiões a que pertenciam. Tôdas elas contribuiram para o brilhantismo do Hino ao Trabalho e à Abundância no cenário maravilhoso da Pérola das Colônias



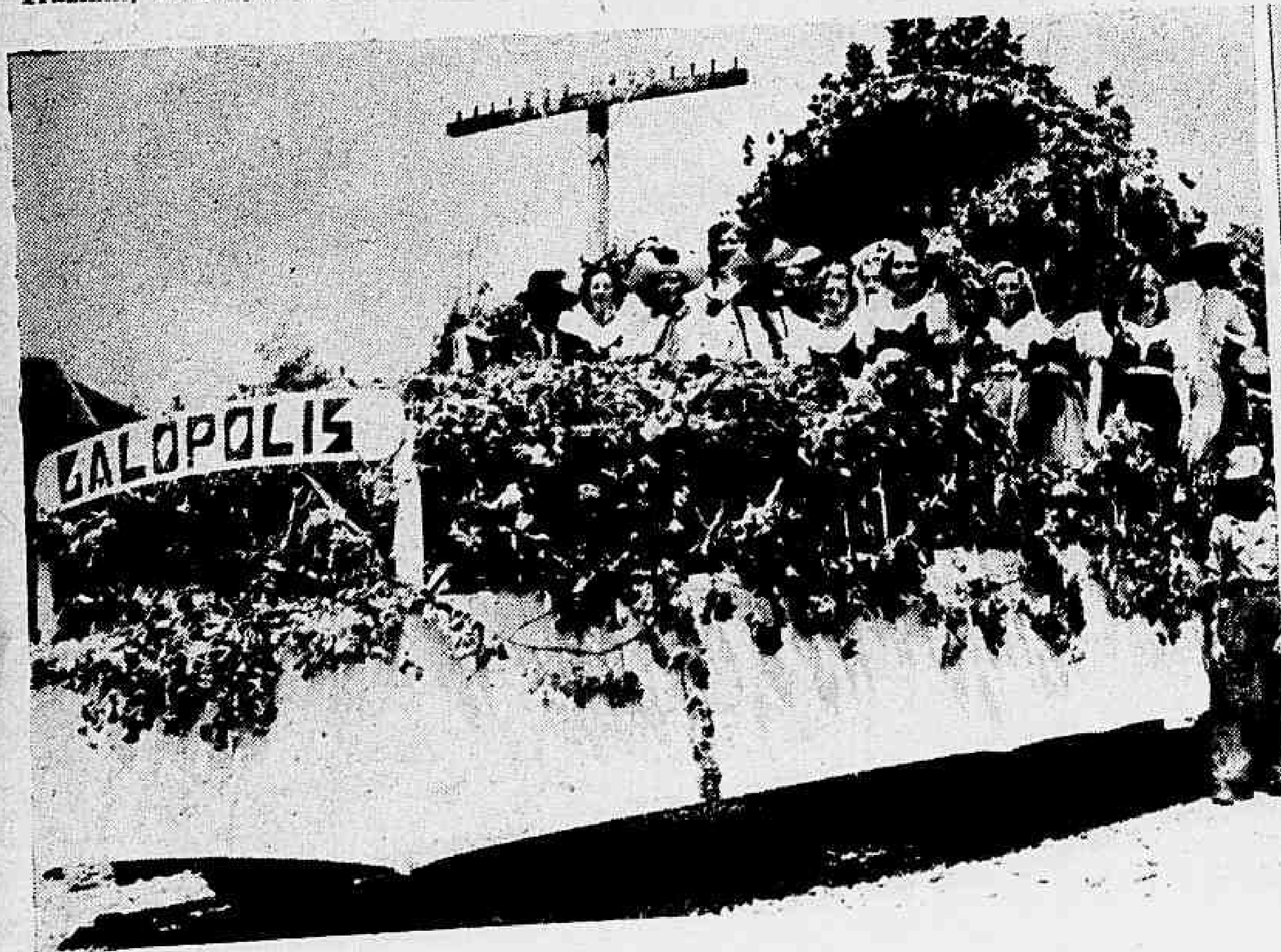
FARTURA...

Os carros simbolizavam a vida atual e a primitiva, com suas alegrias e divertimentos. Traziam, de longe, os cânticos e os instrumentos... mas sempre a uva predominando



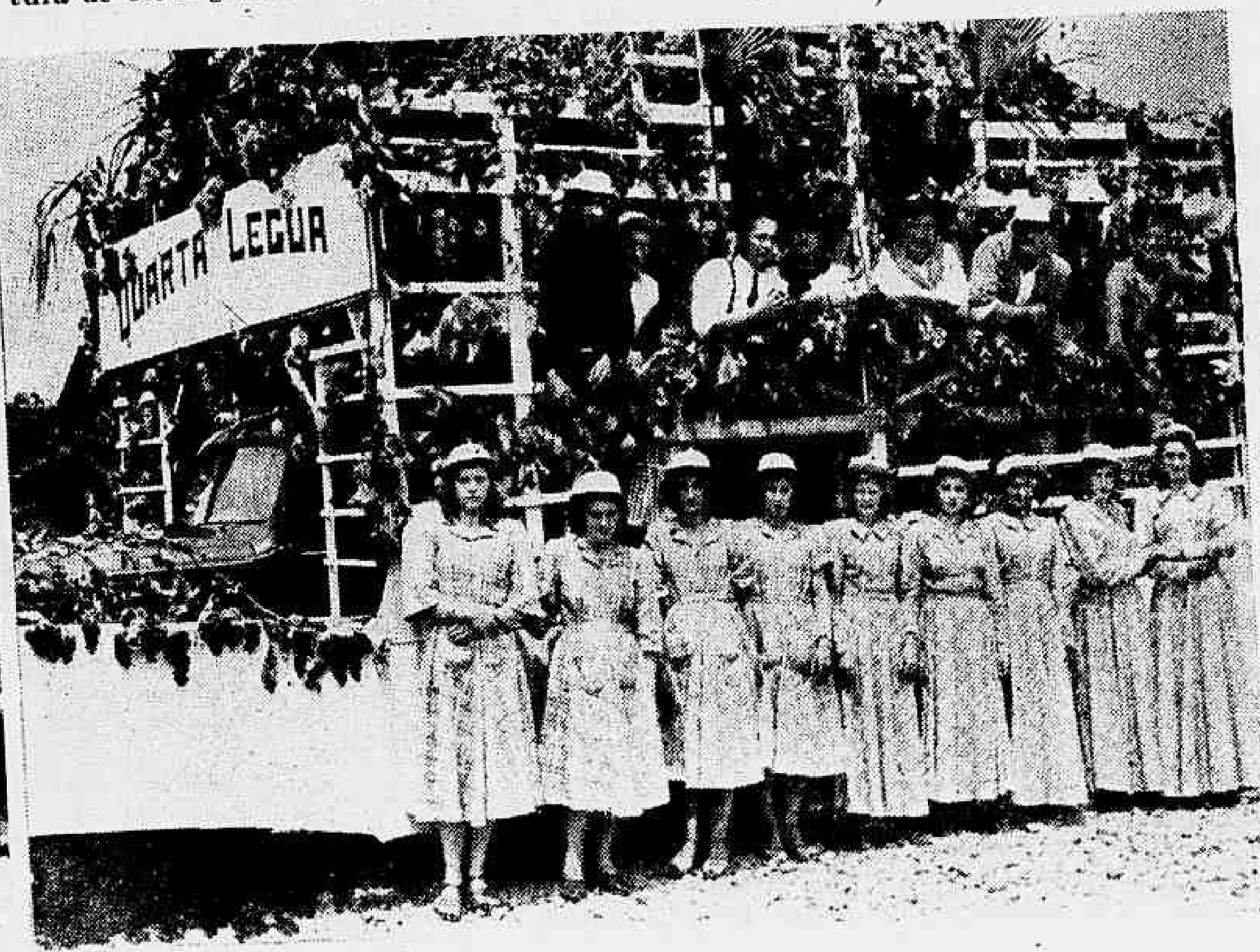
PITORESCO

De cada região chegavam grupos de jovens ostentando as roupas típicas da terra. Mistura de côres garridas e graça inconfundível das lindas moças dos campos gaúchos...



VINDIMADORAS...

Esse carro, do município de Galópolis, estava cheio de vindimadoras... e de uvas que foram jogadas ao povo, quando o desfile fêz a segunda volta pelo centro da cidade



COLONOS DE QUARTA LÉGUA

As melodias enchiam o espaço de poesia e brandura, e as moças, bonitas, arremessavam uvas em tôdas as direções. Ao cair da tarde, as ruas transbordavam de cor e perfume



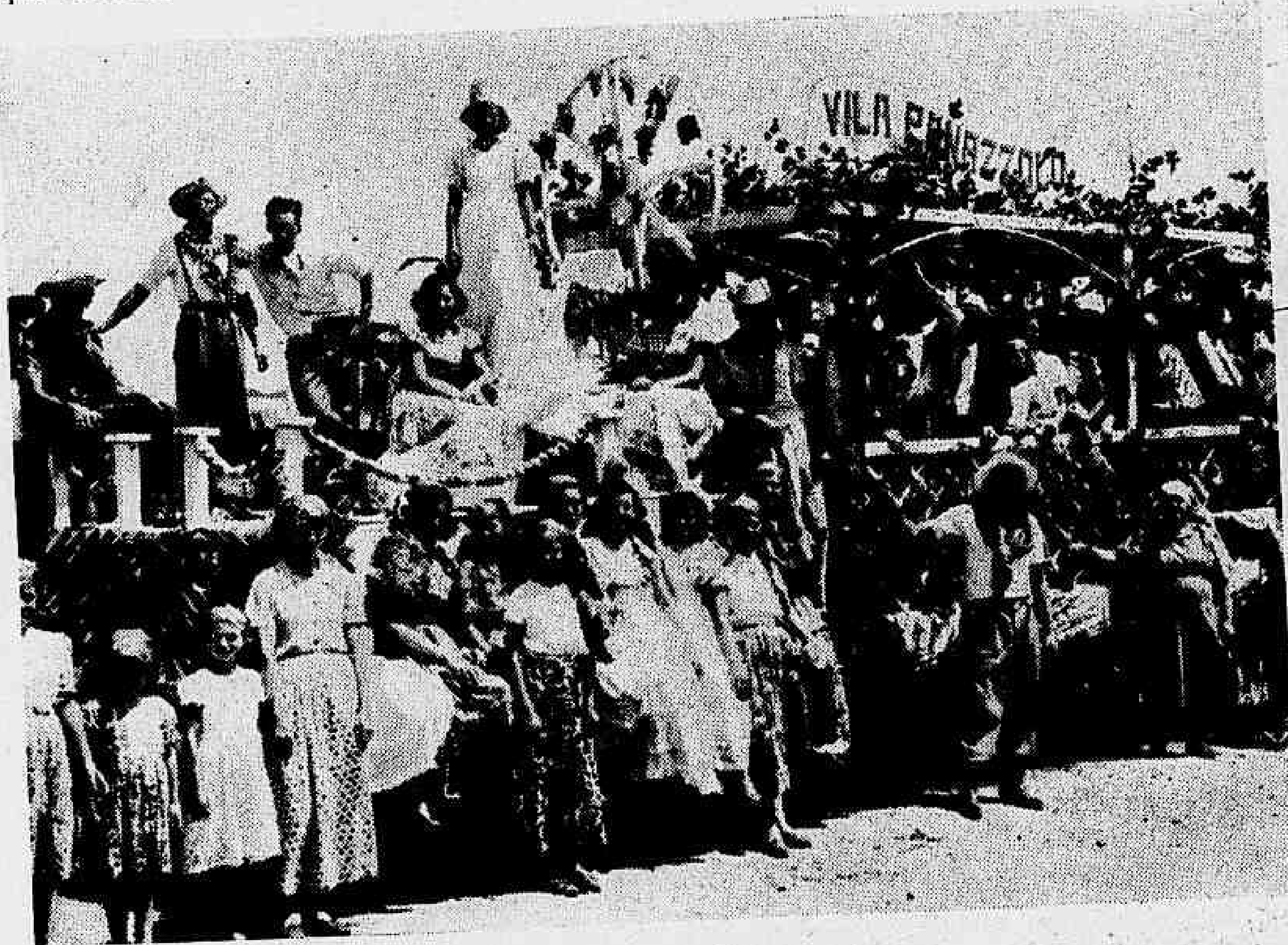


VAQUEIROS

A turma da pecuária manteve a tradição do vaqueiro dos Pampas. E muitas garotas que assistiam ao desfile viram-se inesperadamente laçadas ao som da concertina...

OS TROVADORES

Italianos ou ítalo-brasileiros, faziam questão de mostrar ao povo os seus pendores líricos. E cantavam melodias sugestivas que falavam em amor, alegria e ventura...





UVAS... MAIS UVAS...

Vários outros frutos expostos em guirlandas, nas carruagens, compareceram também, à Festa da Uva. E no momento indicado foram distribuídos, a mancheias, entre o povo

UMA CASA AO NATURAL

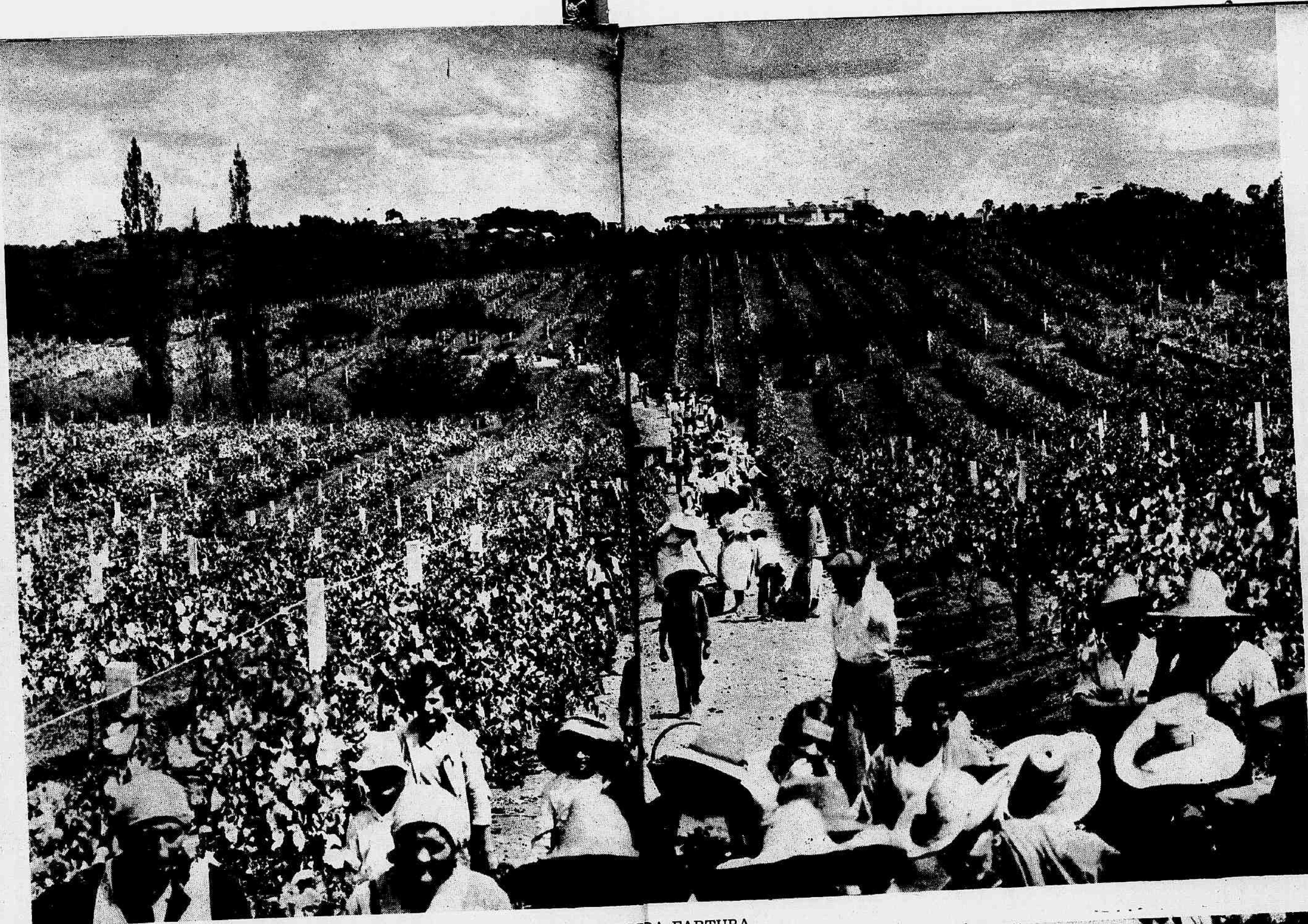
Essa carriola reproduz, com fidelidade, a vivenda de uma família de colonos. La dentro preparava-se a caldeirada e jogava-se o "mora". (Chi fa el trin paga el vin)





UVA PISADA...

Este pitoresco carro, mostrava como se pisa a uva para fazer o vinho.. Tudo ao notural. O vinho fermentado, espirrando no rosto...





DEUS BACO "IN PERSON"

Êle desfilou cavalgando essa pipa, cheia ao começo da festa e vazia ao terminar. Mas em compensação, centenas dessoas encheram-se...

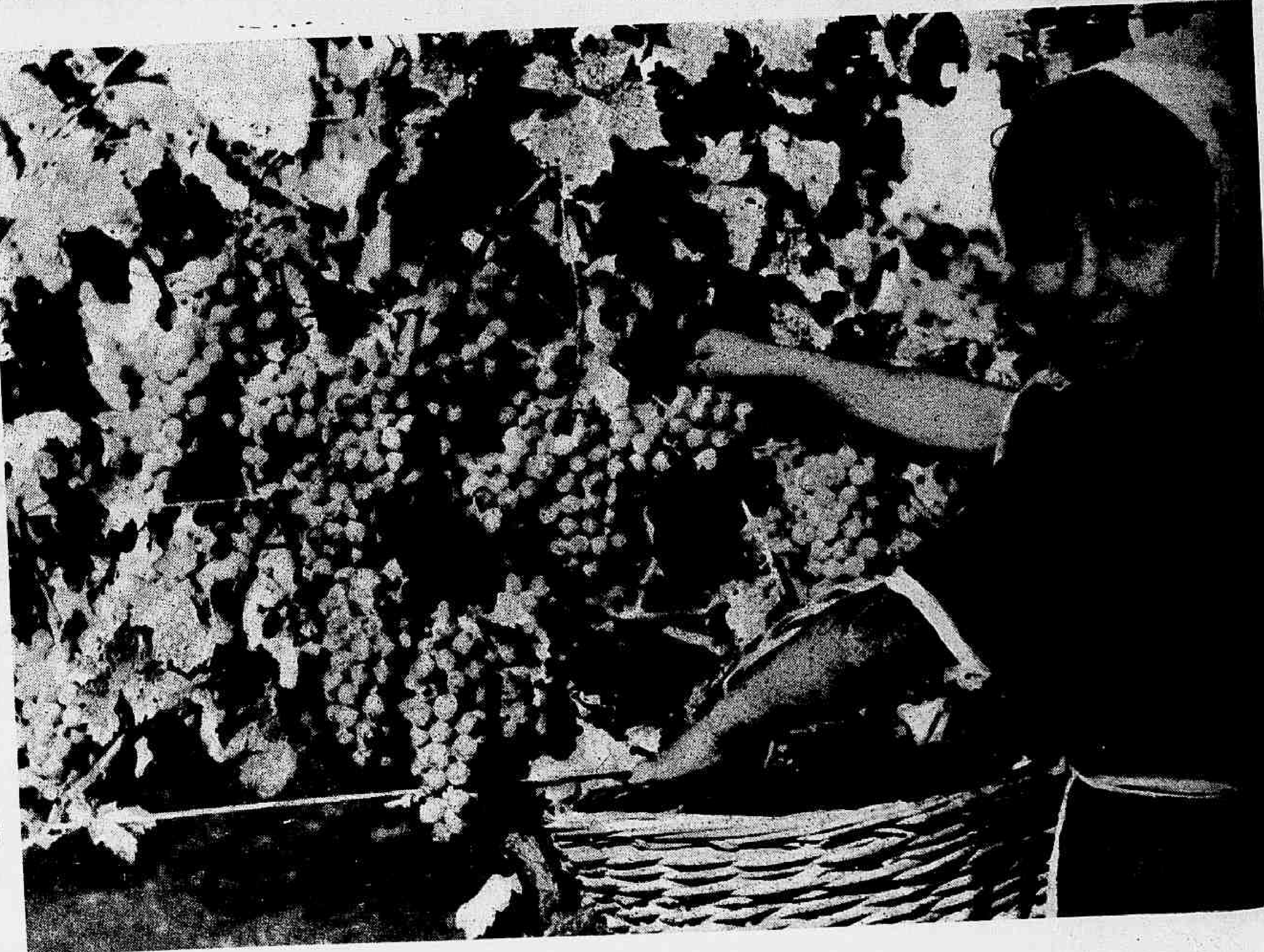
TERRDA FARTURA

Um pujante parreiral nas vizinhat de Caxias, por ocasião da vindima, quando se faziam os preparativos para a FestaUva, que se diria melhor, a Festa da Abundância

to, na cidadezinha dos Pampas, cuopulação foi cinco vêzes aumentadaquelas quarenta e oito horas, há assemelhar-se a um milagre. Não pdos tomar conhecimento dos festejos do alvorôço das ruas, da iluminação va, do alarido em tôdas as casas, dotofalantes pelas esquinas, dos prepvos para o banquete oficial no Clube mil — enquanto estivermos com a tr às costas. E a vaga de quarto que a issão de Recepção nos indicou, no sdo pavimento daquela velha "casa cômodos" — o letreiro dizia isso mo, "Casa de Cômodos", em vistosa teta fronteiriça — foi tomada de assapor um prefeito de qualquer munic O bem homem tinha direito apena um leito, mas como existissem mais no mesmo quarto, de restritas dimões, não teve dúvida em lançar mão dopara instalar seus conterrâneos, mesmem o "passe" da Comissão. Fomos, obater à porta de um galpão rústicoais ao longe, onde um cavalheiro doso industrial apurado, fizera imprar dormitórios a trinta cruzeiros por ca, numa promiscuidade de espantarem um móvel para guardar as roupaem um banheiro para tirar o pó da em. Só a cama dura, de enxergão doso, com lençol de pano de saco e fro invisível. Assim mesmo dez e quinzeustos forasteiros arranjavam-se corpodiam, dispostos a dar repouso aos ossos, depois de outras longas jornadas iguais à nossa. Mas ainda aí não foi possível obter asilo, porque as três dependências do galpão estavam repletas. Madrugada alta, quase resignados a dormir, como tanta gente, nos bancos da Praça Rui Barbosa, foi que encontramos um leito generoso, em casa de humilde família de colonos, lá bem no alto, no porão forrado a madeira tosca, sem verniz. Para compensar essa falta de confôrto, uma parreira quase vergando ao pêso de frondosos cachos de uvas moscatel, ali estava, à nossa disposição. Quem não pudesse dormir, porque o colchão era duro — podia acabar a noite saboreando uvas e deslumbrando-se com o luar que era maravilhoso.

Enfim, estávamos em Caxias do Sul. E ali também se encontravam alguns dos maiorais do país, a começar pelo Chefe da Nação e o Governador estadual. Não era de surpreender que os hotéis vivessem repletos, e as pensões, e as casas de família, as de cômodos, e os galpões improvisados em hospedarias de emergência. Milhares de automóveis, ostentando placas dos municípios mais distantes e muitos da capital do Estado, ou dos Estados vizinhos, entulham as ruas e avenidas. O povo mostra-se disposto a não dormir essa noite, porque no salão de





VDIMANDO

À esquerda, Miss Brasil, cuja prea realcou os festejos de Caxias do Sul, colhendo os frutos da região. À direita, umarota, filha de colonos, escolhe os melhores cachos



Imponente visão noturna do parque da Exposição Agro-Industrial que abrange os dez municípios da região colonizada por italianos. Caxias do Sul preparou-se para receber a massa de visitantes, e, por fim, a bela cidade colonial, pela magnificência dêsse espetáculo, despertou a entusiástica admiração e simpatia de todos nós. Foram dias de

honra do Clube Juvenil realiza-se o banquete de honra ao Presidente. As comemorações dos três quartos de século de fundação da cidade estão iniciadas com a maior pompa e tudo se congrega para homenagear o advento da imigração italiana que tanto fêz pelo progresso de Caxias. Caxias também chamada a "Pérola das Colônias", a "Metrópole do Vinho", a "Cidade Dínamo", a "Cidade Coração", e por aí adiante, em testemunhos de gratidão e carinho. Com apenas 75 anos de existência e de trabalho, sente-se que esta terra soube elevar-se bem alto entre muitas outras do país. E' ainda moça, terá de passar vinte e cinco anos para festejar um centenário de vida, que é nada para a existência de uma cidade, e conta com um passado de glórias e um acêrvo de tradições que muito a honram. Há meio século, era o Campo dos Bugres, antes havia sido denominada Sede Dante, nome imposto pelos pioneiros da imigração italiana. Tinha então poucas residências de madeira rústica, erguidas á margem de uma rua, a única do lugar, e da estrada. Numa dessas primitivas habitações um imigrante de nome Abramo Eberle haveria de encetar a sua obra gigantesca, nascida de sua modesta e humilde funilaria. Depois outros imigrantes vieram, a colonização tomou ritmo, a gente da terra aderiu ao surto de progresso, e aí está, em 1950, a Pérola das Colônias, com a sua crônica escrita a suor, muito suor fértil de seus filhos, comemorando alegremente o êxito dêsse trabalho, num solo de abundância e fartura.

★

Essa fartura e abundância mais ressaltaram no imponente corso alegórico a que assistimos na tarde de domingo, 26 de fevereiro, acontecimento culminante das festividades, pela sua característica de beleza e originalidade. Cinquenta carros desfilaram pelas ruas centrais, vindos de longe, de todos os pontos da região vinhateira. Foi uma parada de beleza, fartura, graça, saudade, trabalho, luta, vitória, alegria, de tudo enfim, como disse o cronista da terra, o que desfilou diante de nós. Os carros vinham das capelas e travessões repletos de uvas, de trigo, de vinho farto, exibindo a beleza da mocidade regional. Jovens italobrasileiros de ambos os sexos, entoavam melodias regionais, cânticos originados na obra dos imigrantes, com os instrumentos de seus trabalhos e de seus lazeres.

Á frente, o carro com um gigantesco mapa do Brasil feito em uvas brancas e pretas, mostrando ao centro a inscrição também em uvas, de homenagem ao primeiro magistrado da Nação. E logo após, outro alusivo aos primeiros imigrantes italianos, recebido por uma onda estrepitosa de palmas do povo que se aglomerava nas praças, nas ruas, de cima dos telhados, das sacadas, das portas residenciais: ao fundo, os seis mais antigos



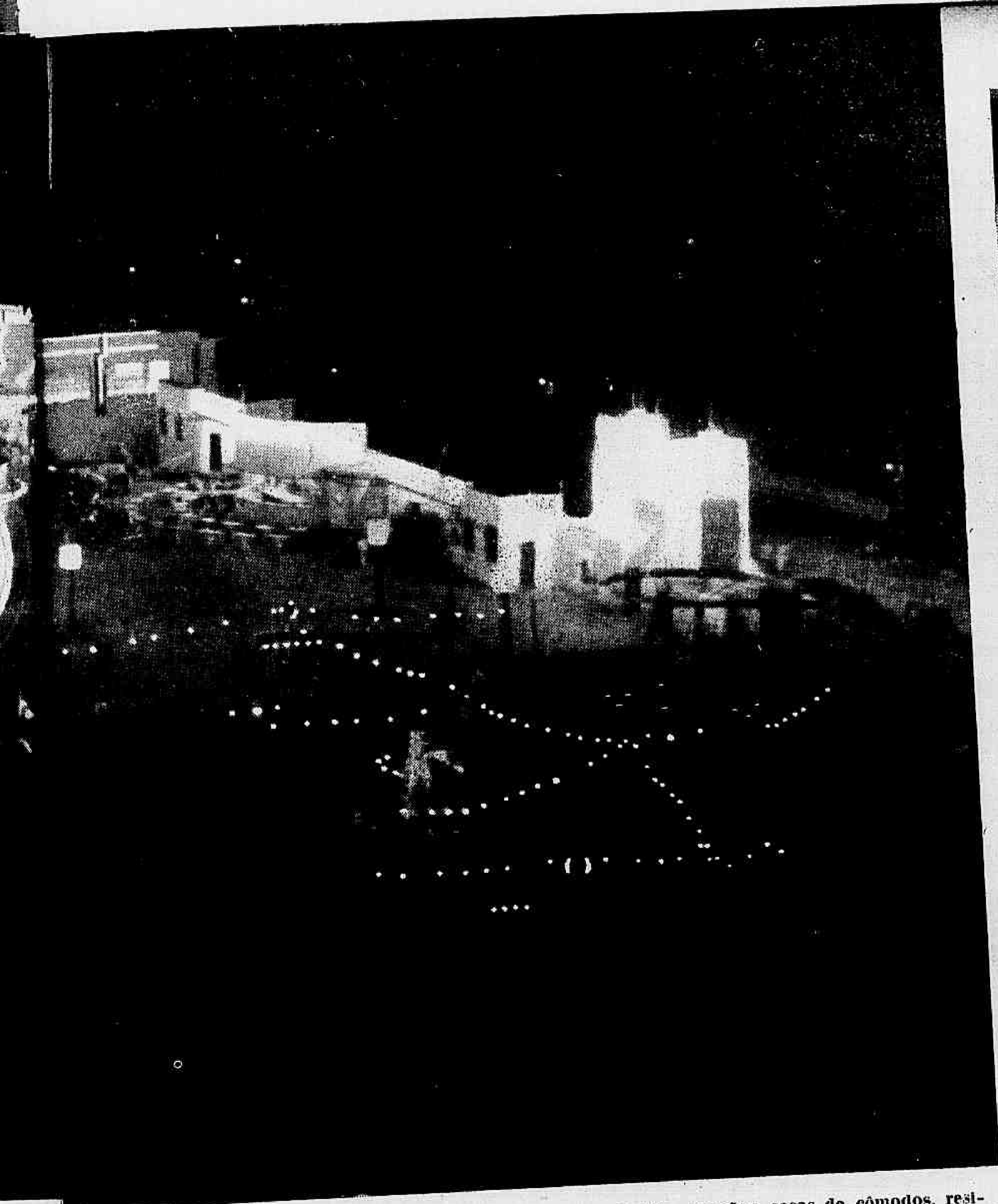
BAILADO DA UVA

Com a presença do Presidente da República na noite da inauguração, senhoritas da sociedade caxiense exibiram-se em passos coreográficos no recinto da grande exposição



A CEIA DAS BELDADES

As candidatas a Rainha da Uva tentavam disfarçar a impaciência. Elas representam: Bento Gonçalves (eleita), Caxias, Garibaldi, Santo Antônio de Pádua e Nova Pádua



trepidação os primeiros das festividades, com hotéis, pensões, casas de cômodos, residências particulares, e até os bancos da Praça Júlio de Castilhos, repletos de forasteiros

colonos que imigraram para Caxias, diretamente da Itália. No centro, um jovem casal em roupas características, descalços, empunhado uma foice e um machado, simbolizavam os filhos dos colonos sôbre as terras cultivadas. À frente, um pequeno índio das selvas brasileiras.

E os carros que desfilavam após, reproduziam flagrantes da vida cotidiana dêsse povo trabalhador. Um deles representava a casa primitiva de um colono da Sétima Légua. Dentro da habitação rústica, um grupo de colonos entoavam canções. Gaúchos com seus costumes, suas roupagens coloridas, suas bombachas, faziam côro no carro imediato. Era como se os colonos e os nativos se transformassem, de súbito, em autênticos artistas, interpretando a própria vida que êles levam no campo e que lhes foi legada pelos seus ascendentes. Os folguedos, o trabalho nos parreirais, a vida caseira, o churrasquear em espeto, o pisar da uva, o filtrar do vinho, tudo era reconstituído primorosamente nesse desfile que nossos olhos tão cedo não esquecerão. Um carro mostrava ao povo o velho jôgo da "môrra", trazido para o Brasil pelos primeiros imigrantes, enquanto outro mostrava uma antiga venda da colônia, com a banda de música daquele distrito. E simultaneamente com os carros típicos, vinham outros, de aspecto alegórico, em cujos tronos, artisticamente dispostos, se instalavam a



SABOREANDO...

Uvas da melhor classe, revelando o apuro de sua cultura, foram saboreadas pelo Ge-
neral Dutra. Ali vimos um cacho com 15 quilos e rivalizando a melhor uva import...



VELHAS TECELÃS

No recinto da exposição o Presidente da República assiste ao trabalho de fiação e te-
celagem com os apetrechos que há 75 anos atrás, foram trazidos da Itália pelos colon...



ANTES DO DESFILE

Quando se organizava o aparatoso préstito, êsse grupo de encantadoras senhoritas posava para o nosso fotógrafo, traduzindo a contagiosa alegria que dominava a cidade



PEDREIROS "DE VERDADE"

Durante o percurso, êsses pedreiros iam construindo uma casa que não foi conclu...
A pedra era autêntica e de espaço em espaço, deflagravam uma carga de dinamit...



MISS CAXIAS DO SUL

Sta. Bika Vial, que, apesar de não ter sido eleita Rainha da Vindima, foi homenageada. Ela representava a cidade que promoveu essa festa de gratidão aos colonizadores



TRÊS QUARTOS DE SÉCULO

Era comovente êsse carro: um casal de colonos e atrás, os pioneiros do Campo dos Bugres — o histórico casal Bolzan, Joana de Carli, Curglina Speacionarin e Casola Angela

Rainha da Uva e sua respectiva côrte de Princesas.

Quando o desfile terminou sua passagem pelo palanque presidencial, após a retirada do general Eurico Dutra e sua comitiva, outra volta foi feita. E nessa, então, os ocupantes de todos os carros distribuiram pelo povo, os milhares de quilos de uvas, que ornamentavam as alegorias, a carne dos churrascos no espêto, o vinho dos tonéis, dos garrafões, dos jarros e garrafas avulsas. Era de ver a destrzea com que as moças e rapazes atendiam aos apelos da multidão, jogando, a mancheias, cachos de apetitosas uvas para as janelas e sacadas dos prédios mais altos, depois de terem satisfeito a gula dos que se comprimiam nas calçadas e em plena rua.

Ia entrando a noite. O préstito terminara. Mas algumas horas mais tarde, homens, mulheres e crianças ainda se espalhavam pelos jardins, pelos cafés, pelos meio-fios, sentados ou de pé, saboreando as guloseimas que lhes coubera por sorte. E de tal modo as ruas ficaram manchadas de vinho, de uva pisada, de gordura de carne, que na manhã seguinte uma viatura do Corpo de Bombeiros teve de percorrê-las, levando à frente duas possantes mangueiras em esguichos poderosos. Dessa vez os soldados do fogo não apagavam nenhum incêndio, mas lavavam a cidade, devolvendo-lhe a fisionomia limpa, decente, de seus dias de rotina. A água que resvalava para os boeiros, era salpicada de tinta rubra, o sangue generoso das parreiras. E os garis tipicamente gaúchos, de bombachas e largos chapéus de couro com abas debruçadas, entregavam-se pachorrentamente ao labor de apagar os vestígios da festa dionisíaca.

Mas a festa continuava sempre, nas churrascarias improvisadas fora e dentro do recinto da exposição, nos coretos espalhados pelas imediações, em que se bebia o saboroso vinho doce, fermentado, a um cruzeiro o copo de bom tamanho, acompanhado de um naco de carne tisnada no espêto, gordurosa, chiando na fervura — tudo reforçado com o pão puro de trigo bom de que as planícies do Rio Grande são férteis.

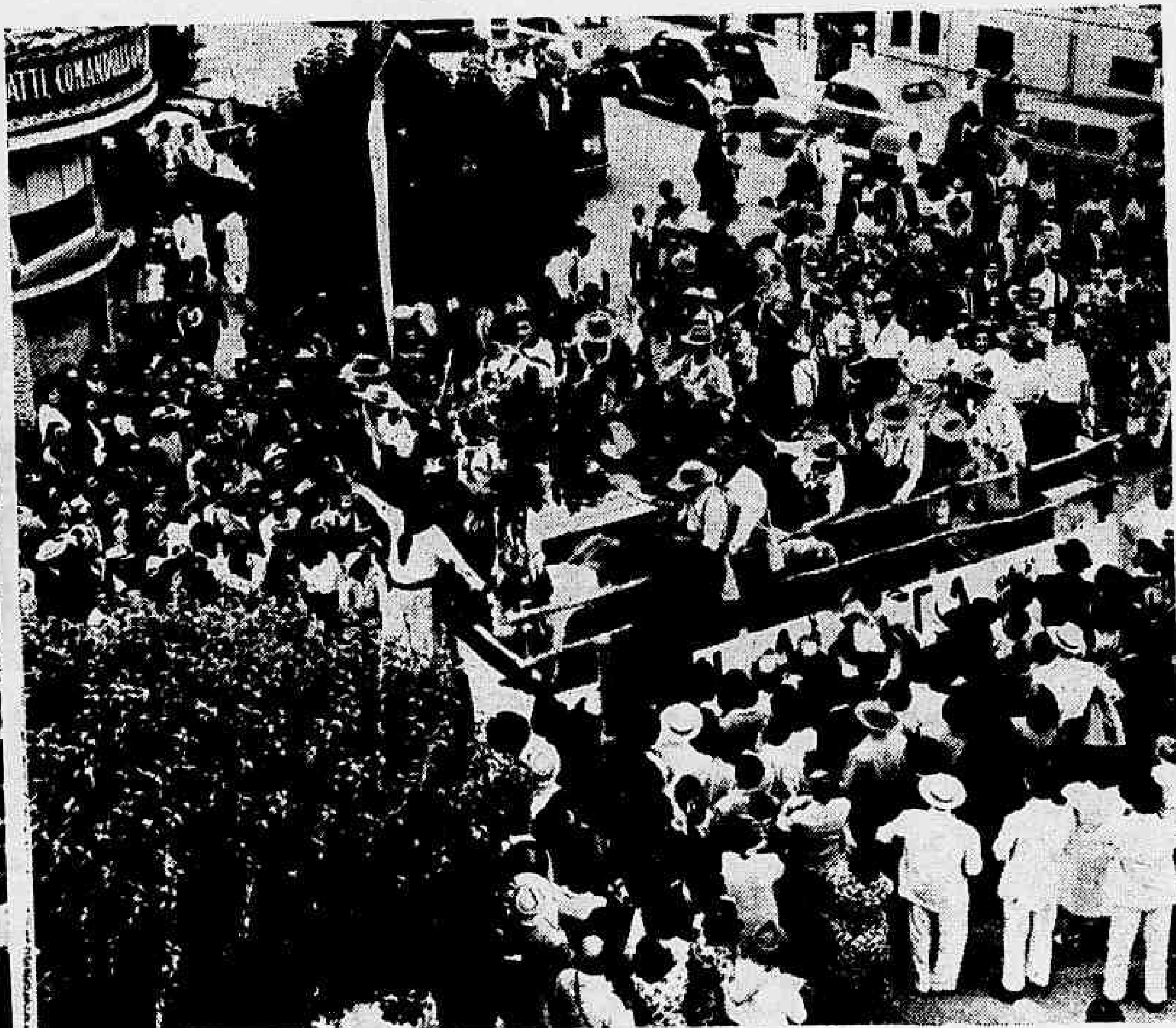
★

Pena que o resto do Brasil não tomasse conhecimento dessa generosa festa de abundância e fartura. Bom seria que em todo o território o mesmo acontecesse... E se alguma coisa faltou nos primeiros dias da Festa da Uva, não foi o que comer: ninguém ficou com fome. Lautos banquetes eram improvisados nas churrascarias, em praça pública, por preços baixos, regados a um vinho capitoso, que nos disseram ser próprio da terra e para a terra, com o consumo integral no município de Caxias, tão amplo que não dá para ser enviado, sequer, a Pôrto Alegre. Nem os trovadores de rua faltaram. Um dêles, fêz questão de nos deixar em mãos a sua "lembrança da Festa da Uva", era o cancioneiro Rufino Marques. E com o acompanhamento das sanfonas, ouviam-se noite alta os seus versos entoados por (Cont. na pág. 14)



NA PRAÇA JÚLIO DE CASTILHOS

Aspecto de um dos carros alegóricos da monumental Parada da Uva. Foram em número de cinquenta, cada qual mais belo, com tôda a beleza ingênua das evocações...



CHURRASCO AO AR LIVRE

Um vitelo e uma ovelha, vivos, eram conduzidos nesse carro. Outros, já passados no espêto, transformados em churrasco que os vaqueiros distribuiam entre a multidão



A mais antiga imigrante de Caxias do Sul, pioneira italiana da grande colonização, recebe os cumprimentos do presidente da República, para voltar a cardar linho, no recinto da exposição

OS SANTOS DO LIBÓRIO

NÃO! Não é o Libório que vocês conheceram! Aquêle Libório que trabalhou, sem grande destaque, num filme nacional, há uns sete ou oito anos, vestindo umas calças largas, de brim pardo, palitó saco côr de macaco, camisa branca, de esporte, cantando, descaradamente, enquanto batia com os dedos num chapéu de palha dura, transformado em tamborim:

Seu Libório tem três filhinhas,
Laiá, Didi e Joujou.
Andam elas pela Avenida,
Exibindo os seus lulu...

Não! Aquêle Libório era algum sambista do Rio de Janeiro, imitando, certamente, algum malandro do Morro da Mangueira, ao passo que o Libório de quem falo não tinha filhas. Se êle tivesse filhas, homem respeitabilíssimo que era (menos para negócios de dinheiro ou coisa parecida...) não consentiria, de certo, que elas andassem pelas ruas exibindo os seus lulus... "Seu" Libório era dono de casa exemplar, muito exigente, mesmo, nesses negócios de família. Basta dizer, para que não pensem que estou exagerando, que a senhora dêle, Dona Biluca, a mulher mais feia da cidade, mais feia mesmo do que a espôsa do Hortêncio Barbeiro, apesar de já passar dos cinqüenta, só saía à rua com o marido. Precaução e água benta nunca fizeram mal a ninguém...

"Seu" Libório... Quando eu o conheci, em 1913, na velha cidade do Pilar, no Estado das Alagoas, deveria ter uns 67 anos. Era figura de destaque nas rodas esportivas da cidade. Não! Nas rodas esportivas, não, que Pilar, naquele tempo, não as tinha. Era figura destacada dos círculos políticos e sociais da terra do jornalista Costa Rêgo, como se pode verificar, ainda hoje, revendo a coleção do jornal da terra — "O 20 de Julho".

Além de Fiscal Geral da Prefeitura, cargo para o qual fôra nomeado quando o velho Japiassu aposentou-se e mudou-se para Maceió, era segundo tenente da Terceira Bateria do Primeiro Batalhão de Artilharia de Posição da Guarda Nacional, sediado na pitoresca cidade e no qual serviam, como nos demais da *Briosa*, vinte e oito oficiais e... nem um soldado!



Vez por outra, principalmente aos domingos, feriados, dias de feira e de festas religiosas, êle vestia a farda de brim branco, punha o quépi, amarrava a espada à cintura, e saía a espantar a matutada que viera vender cereais e farinha de mandioca, para com o apurado comprar peixe sêco e camarão torrado. E quando andava fardado terminava sempre brigando com os soldados de Polícia do destacamento local, que deixavam de lhe fazer a devida continência...

O Libório mudou-se para o Pilar, às pressas, numa madrugada de agôsto, e lá chegou molhado como um pinto pelado, mordido de maroins e trêmulo de frio, medo e raiva. Havia fugido da cidade das Alagoas, com a espôsa, numa canoa alugada, pois se tivesse permanecido mais duas ou três horas na antiga capital da Província, de certo perderia a vida ou lhe teriam partido seis ou oito costelas.

Êle era um homem honesto, tanto que foi Tesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário durante três anos e só deu dois desfalques, e desfalques pequenos, ao passo que o seu antecessor, Capitão Antônio Inácio (todo o mundo, no interior das Alagoas, naquela época, era tenente ou capitão da Guarda Nacional) fôra Tesoureiro sòmente dois anos e — diziam as más línguas da cidade — além de dar três desfalques polpudos, vendera um sítio de coqueiros, na Massagueira, imóvel pertencente à Santa, esquecendo-se de escriturar a importância recebida nos livros da confraria... O Capitão Antônio Inácio sempre fôra assim: trabalhador, honesto, criterioso, mas esquecido, como o diabo, principalmente de entregar dinheiro dos outros e pagar as suas contas... Perda de fosfato, com certeza! Era um homem de honra, como se vê, e em que se podia confiar cegamente...

Por uma ironia ou perversidade do Destino não tinha êle sorte nos negócios, apesar de criterioso e honesto. Vivia permanentemente atrapalhado, devendo a todo o mundo, a Deus e às onze mil Virgens. Seu crédito, muito limitado, desaparecia por completo de quando em quando. E a família *amargava*, indo êle, numa canoa emprestada, pescar carapebas no Canal Novo, enquanto Dona Biluca, acompanhada por Sinhá Felícia, velha amiga e comadre, saía à noite, com um archote, para pescar siris de coral nas margens da lagoa Manguaba.

Como prosperar numa cidade pequena, no interior, naquela época, quando lá não operavam companhias de seguro, não se podendo, pois, arranjar, de vez em quando, um incêndio numa casa comercial? Como enriquecer se sòmente de tempos em tempos aparecia uma falência fraudulenta? E' verdade que o júri se reunia de dois em dois, de três em três anos, mas de que servia se pagavam apenas 50$000 a um cidadão criterioso para ser testemunha falsa?... Além de duas bandas de música, havia uma loja maçônica apenas, sendo difícil arranjar o cargo de Tesoureiro de uma delas, e, conseqüentemente, dar um desfalque... Nem ao menos aparecia na cidade, para visitá-la, o Governador do Estado ou um Deputado Federal, quando podia se fazer uma subscrição no comércio a fim de obter dinheiro para as festas de recepção, ótima oportunidade para uma *defesa*...

Numa terra dessas, como estão vendo, não prosperavam as pessoas honestas... Ainda não havia sindicatos de classe, que têm *desapertado* tanta gente, e nem mesmo no Carnaval a Prefeitura dava dinheiro para enfeitar as ruas e organizar bailes populares, quando a comissão encarregada dos festejos podia gastar sòmente a metade dos *cobres* recebidos e *engolir* o resto, como acontecia, algumas vêzes, em Maceió...

Libório chegou à cidade das Alagoas, vindo do Junqueiro, no dia 1º de março de 1870, exatamente quando terminava a guerra do Paraguai. Mal vestido, montando um burro magro e sem trato, apeou-se em frente ao Convento de São Francisco. Dias depois alugou uma casa na rua dos Mortos, bem em frente ao prédio onde nascera Deodoro da Fonseca e seus irmãos. Instalou depois uma oficina *sui-generis*, uma espécie de casa onde se faz tudo, do consêrto de máquinas de costura, espingardas, óculos e tesouras à fabricação de pesos para papéis, cintos de couro, chinelas de corda, etc. Só não fabricava suspensórios para cobra e anzóis de vidro...

Montada a oficina foi êle vivendo, uns dias em cheio, quando conseguia enganar algum senhor de engenho, outros em vão, quando não podia fazer algum negócio em que o freguês ficasse, como se dizia, de tanga, pote e esteira...

Passados dois anos o Libório começou a atravessar graves dificuldades financeiras, pois sòmente de tempos em tempos um freguês transpunha as portas de sua casa. Parece que a quinta coluna dos seus inimigos (já naquele tempo havia quinta coluna...) aproveitando uns tantos negócios escusos feitos por êle em Junqueiro, dirigia contra o Libório uma campanha derrotista, afastando os compradores, já escassos.

Vendo a oficina parada, à falta de encomendas, e estando cada vez mais atrapalhado, sem dinheiro, devendo à pada-

(Cont. na pág. 45)



Conto de Félix Lima Junior
Ilustrações de Renato de Souza

CONVERSA SOBRE O AMÔR

Um psicólogo de nossos dias, Léopold Stern, falando sôbre as excelências do dinheiro, em matéria de amor, refere-se aos "dois sistemas do amor contemporâneo — o tempo e o dinheiro". Nesse ponto, recorda as "três semanas de côrte assídua, de outrora", que algumas notas de banco, habilidosamente servidas, substituem vantajosamente, hoje em dia.

Considerando o senhor Stern um mestre do desamor ao amor, queremos tratar hoje, aqui, do que êle chama côrte assídua, com o prazo de três semanas.

Estamos em que todo amor, ainda os mais profundos, dêsses que enchem tôda uma vida ou todo um romance — é coisa de um momento, um "coup de foudre". O que se chamava processo da conquista, na velha psicologia, a côrte, o que hoje se chama "dar em cima" — é uma teoria falsa, uma teoria ou uma prática... O amor não resulta de um lento trabalho analítico, mas de uma síntese momentânea. Os psicólogos mundanos sabem que a análise só conduz à decepção, neste caso.

Desconfiamos do amor sempre que resulte de uma longa paciência, de um demorado trabalho de conciliação mútua, de cotidianas acomodações entre duas personagens, da soma de descobertas maravilhosas ou de transigências recíprocas. Êsse amor de brinquedo-de-armar, de "puzzle", não passará nunca de uma experiência em tôrno do amor.

O amor, propriamente, consiste na atração instantânea, recíproca, insofismável e irremovível. Tudo mais é sentimentalismo medíocre. Ou o amor nos arrebata, no primeiro momento, nos eleva ou nos perde, com sua fôrça irresistível — ou será uma combinação inteligente, meticulosa e estéril, entre duas criaturas sem nada mais interessante em que se ocupar.

LYSE







Muitas vêzes um pequeno detalhe dá uma nota de grande elegância na toilette. Os costureiros franceses são os magos das idéias e sugestões para novos detalhes. Aqui estão algumas de suas mais recentes criações.

Hermés — Um novo estilo de luva com a boca larga e alongada. Schiaparelli sugere êstes dois feitios de gola, uma simples na frente, atrás formando duas grandes pontas, uma das quais desce até à cintura. A outra gola é própria para costumes e casacos, é bem larga e dobrada, vindo bem à frente. Jeanne Lafaure exibe um novo ornamento, puma aba de bolso, três cabeças de vison. Êste enfeite é próprio para roupas pesadas. Um chapéu de original feitio, executado em tafetá azul e branco, acompanhado de luvas também bastante interessante.





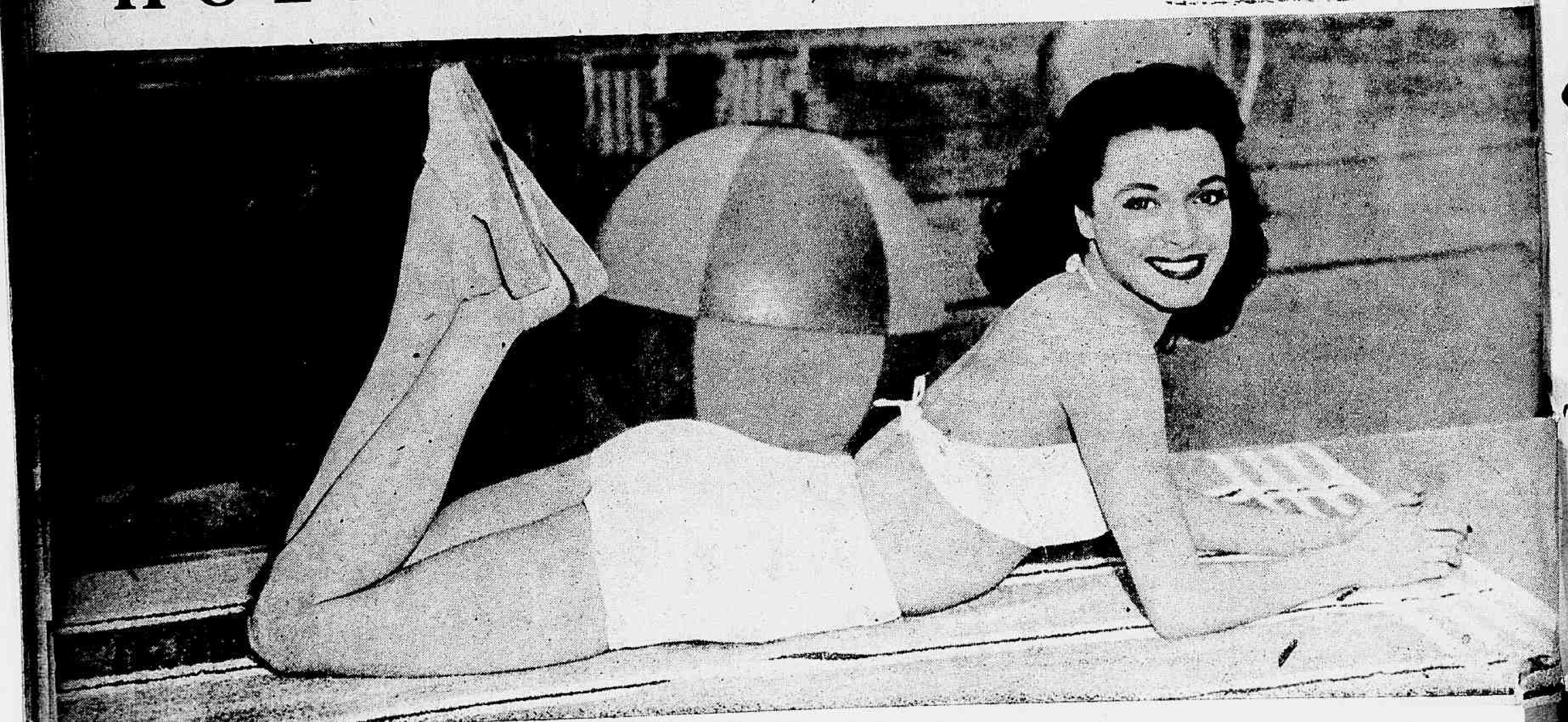
DETALHES ORIGINAIS





"MAILLOTS" DE HOLLYWOOD

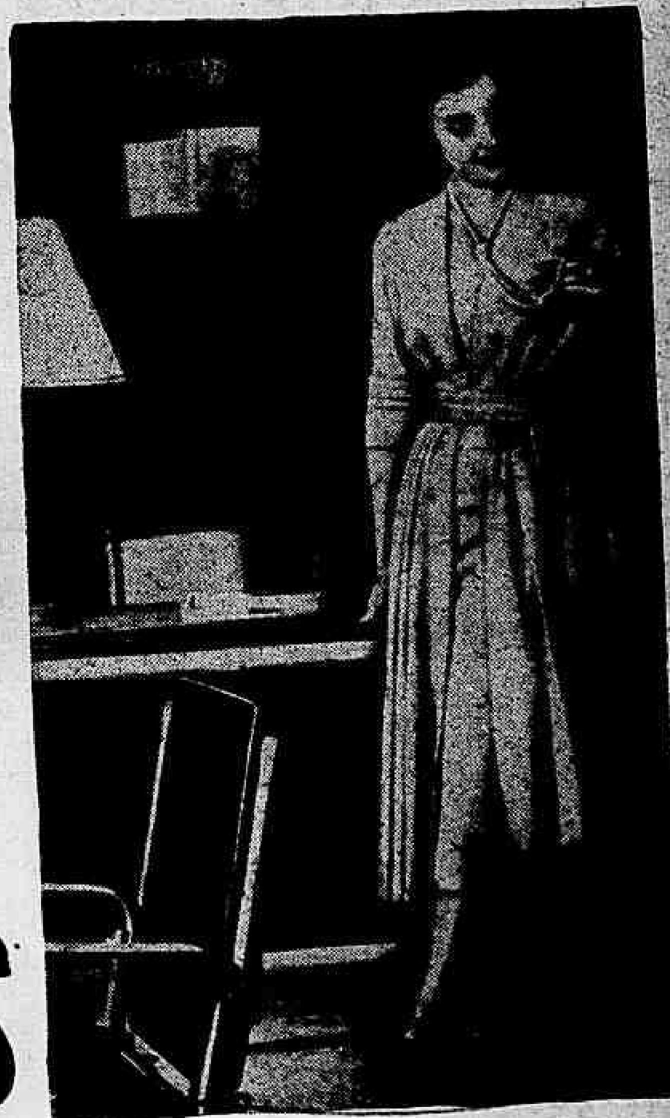
EMBORA um pouco audaciosos, êstes elegantes "maillots" que Hollywood nos manda nem por isso deixam de ser bastante práticos e encantadores. Em cima, temos Peggy Castle numa sugestão em lastex côr pérola; a seguir, Pat Halphin exibindo um modêlo duas-peças, azul, com estampados brancos e vermelhos; finalmente, em baixo, outro modêlo. Desta vez em gorgurão branco. (Fotos Universal-International).







PARA reuniões íntimas nos vêm de de Paris êstes vestidos de linhas sóbrias e clássicas, onde a simplicidade é realçada por encantadores detalhes. Molyneux apresenta um modêlo em jersey, o corpo é drapeado com decote em bico, uma túnica franzida abre-se sôbre a saia estreita. Tafetá é o tecido escolhido por Manguin para êste elegante vestido com o decote em forma de trapézio emangas "bouffantes" com punhos largos. Germaine Lacomte sugere êste modêlo em seda pesada, com as mangas bem justas e o corpo bem subido, terminando em "plissés" que caem para um dos lados; o mesmo efeito aparece na saia. Em seda, êste modêlo de Bruyère apresenta decote assimétrico, guarnecido por pespontos acolchoados, mangas três quartos e saia com pregas do lado esquerdo. Todos êstes modelos dão à mulher uma silhueta juvenil e desembaraçada, onde a graça é acentuada pela mobilidade dos panos e franzidos.



NOVIDADES DE PARIS





YVONE DE CARLO SUGERE

YVONE De Carlo, jovem e bela estrêla da Universal-International, é quem sugere êstes três modelos que poderão, sem dúvida, figurar no guarda-roupa de qualquer mulher elegante. À esquerda, para noite, modêlo em pesada seda preta de original decote, com bordados em prata sôbre o busto e ombros; em cima, sugestivo conjunto, composto de saia de tafetá preto e blusa em organdi branco, bordado; finalmente, em baixo, um alegre modêlo em laise branca, saia ampla, mangas largas, cintura bem justa completada por uma larga faixa de tafetá rosa-pálido.







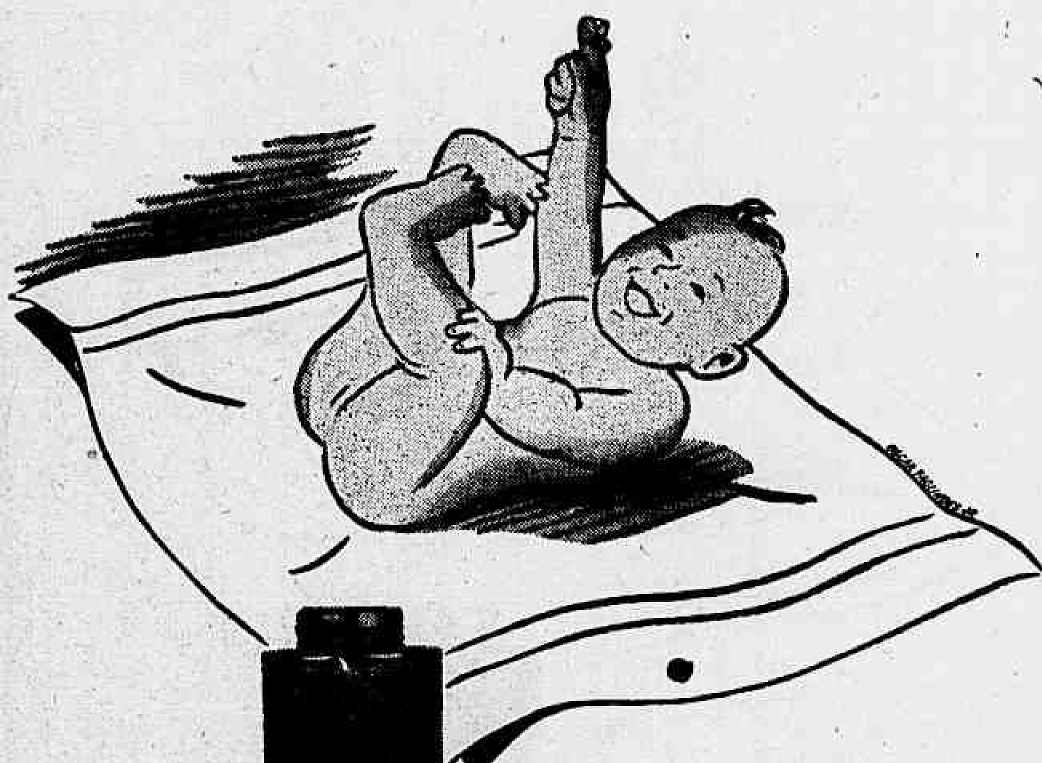


OS CHAPÉUS E OS VÉUS

OS véus continuam a ser o ornamento principal dos chapéus; geralmente usam-se caídos no rosto, mas nestes modelos aparecem de diversas maneiras. São confeccionados em tule liso ou com "pois" e formam cocadas, cáem em forma de gomos em tôda a volta da cabeça, ou cobrindo apenas o rosto ou então enfeitam sòmente a parte de trás do chapéu. Em cima vemos, à direita, modêlo em feltro preto, com amplo veu cobrindo inteiramente o rosto e a parte posterior da cabeça. Em baixo: modêlo em feltro cinza, com grande laço no alto, veu preto com "pois" brancos; à direita: modêlo também em feltro, com véu salpicado de missangas, e penas de ave do paraíso.



não esqueça o bêbê ...





atenda-o com

Polvilho Antisséptico

GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

Passou a dôr?

-um SORRISO-



graças a

CAFIASPIRINA

O REMÉDIO DE CONFIANÇA





WEEK-END



BISCOITOS DE NOZES

Leve ao forno, apenas para secar, 250 grs. de nozes sem casca e passe na máquina. Junte seis ovos, um a um, a fim de obter uma pasta mole e fina. Bata 250 grs. de manteiga, incorpore as nozes e bata ainda um pouco adicionando 300 grs. de farinha peneirada. Trabalhe ainda um pouco a massa, estenda num tabuleiro untado de manteiga, corte em tiras finas e longas e leve ao forno quente por alguns instantes.

★

BISQUE DE CAMARÃO

Ponha numa panela 1 colhér de manteiga e refogue oito cenouras com rodelas, 1 cebola grande picada, 2 galhos de salsa e meio quilo de camarões com casca, sem os olhos, e leve ao fogo até ficarem bem vermelhos. Retire os camarões, descasque, parta a metade bem picadinhos, e a outra soquem e deite de novo na panela, com 2 ½ litros de água, e deixe cozinhar em fogo brando. Depois passe tudo por uma peneira; junte os camarões partidos, meia colhér de manteiga tostada com 1 de farinha, meia xícara de leite e 3 pimentas malaguetas socadas e leve a engrossar, mas não deve ficar muito espesso.

★

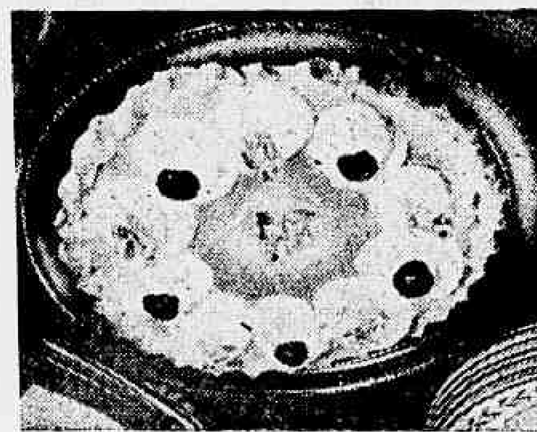
PUDIM DE AMÊNDOAS

Tome 125 grs. de amêndoas moidas, 450 grs. de açúcar, 1 dúzia de gemas e 125 grs. de manteiga. Do açúcar faça uma calda em ponto de pasta. Misture o resto, despeje em fôrma untada de manteiga e leve a assar em fôrno brando.

★

DOCE DE CASTANHA DO PARÁ

Tome trezentas gramas de castanhas do Pará, sem as cascas, 450 grs de açúcar e oito ovos. Leve as castanhas ligeiramente ao fôrno, para tirar-lhe as peles escuras, e então passe na máquina. Faça uma calda de açúcar. Reúna tudo e leve a tomar ponto no fogo. Quando despegar da panela despeje num prato e depois de bem frio, enrole em bolas e passe em açúcar socado e peneirado.



CASCAS DE SIRI COM MAYONAISE

Cozinhe 24 siris, tire as cascas e escolha as doze menores. Lave estas com uma escova e guarde. Tire tôda a carne dos siris. Faça a metade da receita de môlho mayonaise. Deite nas cascas um pouco de carne de siris, cubra com o môlho bem espesso e enfeite no centro com três pequeninos camarões cozidos. Sirva num prato forrado com um guardanapo bordado bem engomado. Se não tiver siris frescos compre em lata e arrume em conchas de porcelana.

★

BANANAS COM GELÉIA

Parta ao meio algumas bananas. Arrume num prato de cristal, cubra com geléia de goiaba ou outra fruta qualquer e deite por cima creme de leiteria batido, formando arabescos, por meio do saco apropriado.

★

KNEDEL DE PÃO

125 grs. de pão amanhecido, 2 colheres de manteiga, 3 ovos, sal, pimenta, noz moscada, 100 de farinha de rosca. Amolece-se o pão amanhecido em água fria, espreme-se bem e mistura-se com os ovos, manteiga, sal, pimenta, noz moscada e farinha de rosca. Quando a massa estiver bem mexida, tiram-se colheradas que se deitam em água fervendo com sal, onde devem cozinhar por 15 minutos. Servem-se êstes knedels com manteiga derretida ou môlho de salsa.

★

REFRESCO DE FRAMBOESA

Deite numa vasilha 1 litro de xarope de framboeza, 1 garrafa de vinho tinto fino, 1 cálice de Kirsch, pedacinhos de um abacaxi pequeno, e de 2 maçãs, e gêlo picado. Mexa e guarde. Na hora de servir, junte sifão ou água mineral e sirva em cálices.

★

CLARET LIMONADE

Tome um grande jarro, encha de gêlo até ao meio, junte o caldo de um limão, o caldo de uma laranja, açúcar à vontade, 1 copo de Claret e acabe de encher com sifão. Junte pedacinhos de frutas e sirva em cálices com uma colherzinha ao lado.

★

BIFES DE BATATAS

Descasque 1 quilo de batatas, deite em água fria e rale cruas, adicione 5 ovos, 1 xícara de leite e sal. Misture

A COZINHA

bem e frite aos bocados como panquecas e do mesmo tamanho. Arrume os bifes de batata num prato e sôbre cada um coloque um pequeno monte de ameixas.

★

RECHEIO DE LEGUMES

Parta em dados de um cm. um punhado de vagens, 4 cenouras e 2 nabos; leve a cozinhar em água a ferver, sal e ½ colher de açúcar; escorra bem e guarde. Toste uma colher de cebolas raladas com 1 colher de manteiga. Molhe com 2 xícaras de leite, ferva um pouco e vá juntando farinha, batendo com o batedor até ficar com um creme ralo; incorpore 3 ovos, sempre batendo. Retire do fogo; junte 3 colheres de queijo ralado e os legumes.

★

OVOS MEXIDOS COM AÇÚCAR

Batem-se 7 ovos com 1 xícara de leite, acrescentando-se-lhe 2 colhéres de açucar, um pouco de sal e a casca ralada de um limão. Frege-se esta massa em manteiga quente, em fogo brando, tendo o cuidado de deixá-la bem fofa. Querendo, acrescenta-se uma gota de água de flor.

★

150 grs. de açúcar, 5 a 6 ovos, cas-



ca ralada de limão, 80 grs. de passas, 50 grs. de laranja cristalizada, 1 cálice de Madeira, 125 grs. de farinha de trigo, 1 colhér de chá de fermento em pó, 30 grs. de farinha de batatas, 50 grs. de manteiga. Bate-se e mistura-se bem o açucar, as gemas e a casca ralada de limão. Juntam-se ao vinho as passas e a laranja picadinhas, deixa-se sozinhar e depois de fric junta-se à massa. Adicionam-se então as farinhas e o fermento peneirados, as claras em neve, e por último a manteiga derretida em banho-maria. Põe-se em fôrma de abrir bem untada e polvilhada e leva-se ao forno regular, enfeita-s ecom glacê de chocolate.

★

PUDIM DE FARINHA DE MILHO

150 grs. de maizena, 2 colheres de sopa de manteiga, 1 litro de leite, 100 grs. de açúcar, uma pitada de sal, 3 ovos, casca ralada de limão. Cozinha-se a farinha de milho no leite, e se vai misturando e mexendo durante 15 a 20 minutos; junta-se a manteiga, o açucar, o sal e deixa-se esfriar. Põe-se então as gemas, a casca de limão e as claras batidas em neve. Leva-se ao fôrno em fôrma untada durante 30 a 40 minutos. Borrifa-se com conhac.



GELÉIA DE LARANJAS EM COPOS

6 laranjas, 4 colhéres das de sopa de caldo de limão, 2 claras, 300 grs. de açúcar, 20 folhas de gelatina. Mistura-se o caldo de laranja com o de limão e junta-se tanta água quanto fôr preciso para se obter 1 litro de líquido. Adiciona-se a gelatina amolecida e o açúcar deixando-se então cozinhar. Batem-se as claras com 2 colhéres de sopa de água, cozinha-se mais uma vez e deixa-se esta massa 15 a 20 minutos em lugar quente. Côa-se então em um pano, põe-se em copos ou em cestinhas de cascas de laranja, deixa-se gelar e enfeita-se na superfície com frutas ou com creme Chantilly.

★

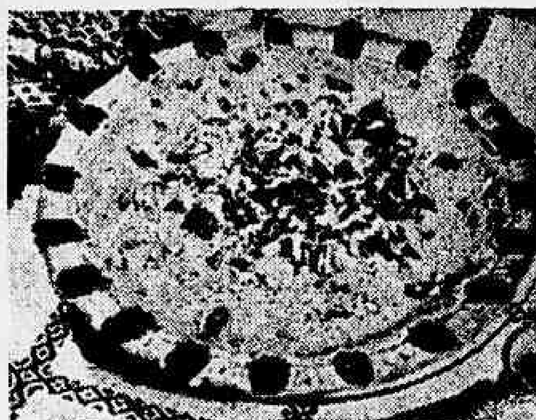
SALADA DE ARENQUES

Tomam-se 10 a 12 batatas cozidas e descascadas, algumas maçãs também descascadas, 2 arenques que devem ter sido postos de môlho umas 2 horas antes, 1 pepino em conserva, 100 grs. de carne assada fria, 25 grs. de linguiça de fumada e 1 cebola. Pica-se tudo em quadradinhos e mistura-se com sal, pimenta e duas colhéres de azeite. Misturam-se as ovas e as sementes dos arenques com duas ou três colhéres de vinagre. Juntando-se uma colherinha de mostarda e, se quiser, uma de açucar. Acrescenta-se esta mistura à salada acima que se deixa descansar para tomar gôsto. Arruma-se em uma vasinha de vidro e enfeita-se com rodelas de linguiça, de pepinos em conserva, quartos de ovos cozidos e alcaparras.

★

GELÉIA ECONÔMICA

1 ou 2 colhéres de sopa de extrato de carne, 20 folhas de gelatina, 2 ou 3 colhéres de sopa de vinagre de vinho ou vinho do Pôrto e Madeira. Deita-se o extrato em 1 litro de água, lava-se tudo ao fogo e, quando levantar fervura, retira-se. Disolvem-se as folhas de gelatina em água e juntam-se as mesmas ao caldo, mexendo-se bem. Acrescenta-se ainda o vinagre ou o vinho e põe-se a gelar.





Antes, era preciso tomar cuidado com os inseticidas comuns.

Agora, NEOCID EM PÓ pode ser aplicado em armários, guarda-comidas... e até diretamente sobre o corpo, porque é como qualquer talco de toucador, limpo e...



Peça hoje mesmo NEOCID EM PÓ na farmácia, no armazem ou em qualquer loja de ferragem e verificará, também, como é fácil combater os insetos do lar e os piolhos do homem e dos animais domésticos.



DESCOBRIDORES DO DDT



NEOCID em pó

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essên- cias 10 gr.	Extra- tos 50 gr.	Lo- ções ¼
Crepe A — Super ...	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
	Cr$	Cr$	Cr$
Jasmim Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super ..	13,00	22,00	30,00
Q. Fluers — Super ..	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super ...	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super..	25,00	35,00	40,00
Preix — Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super ...	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super ..	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super ..	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF..	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF ..	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso..	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00



Festa da uva

(Cont. da pág. 34)

gargantas mais ou menos afinadas, depois d evárias doses de vinho generoso e quente:

Caxias do Sul, Pérola das Colônias
Terra de imensos parreirais
Onde as igualdades coloniais
Se associam neste momento
Das grandes festas tradicionais...

E o hino de "seu" Rufino ia adiante, em versos que requeriam muletas, mas bem intencionados:

Há setenta e cinco anos
Quando êles aqui chegaram
Milhares de sacrifícios
Todos êles aqui passaram
Só abraçaram matas virgens
Mas a custo as dominaram.
Não tinham aparelhamento
Para as matas derrubar
Mas fôrça, fibra e coragem
Serviram p'ra conquistar.
Foram trabalhos honrados
Que se podem admirar...

A madrugada vai chegando, lentamente. Do Clube Juvenil ouvem-se, pelos alto-falantes da Praça Rui Barbosa, fragmentos dos discursos trocados pelos comensais ilustres. Cá fora, no sereno, muitos retardatários ainda fincam pé esperando a saída do "seu" General que êles querem ver bem de perto. Nos intervalos da discurseira, a orquestra executa o mais genuíno e arcaico repertório de valsas vienenses. Gente entra e sái da exposição, gente passa pelas ruas festivamente iluminadas com açafates repletos de uvas, garrafões de vinho doce, embrulhos com as sobras do churrasco. Moçoilas de vestidos em côres berrantes, olhos pretos, faces rubras sem artifícios, desfilam ainda, entoando melodias das colônias ou fragmentos de canções gaúchas em que se fala de tordinhos, desgarradas, bravatas dos corséis, laçadas e beijos furtivos. Grupis discutem quem vai ser o futuro presidente, manjando o tempo. Quem não conseguiu uma vaga para dormir, estende-se no banco da praça e faz do céu estrelado um cobertor. Nem é preciso agasalho, porque a noite está quente e o vinho, a carne, a uva, incumbiram-se de aquecer mais ainda as cabeças. Pares de namorados, os rapazes em roupas domingueiras, novas em folha, de camisas engomadas sem gravata, de botinas rinchadoras, de lenço vermelho com a ponta saindo do bolso do casaco e de chapéu alto da cabeça, com as abas largas reviradas para cima, as moças penduradas no braço do par querido e as gengivas à mostra numa gargalhar nervoso, voltam para casa. Não que o sol apareça, êsse disco rubro, tingido de sangue, incomparável, dos céus dos Pampas. Sáem do Clube Juvenil os primeiros comensais. E ao nosso lado, alguém sussurra para o companheiro.

— Será que o Getúlio não vem mesmo?

A vida aventurosa de um...

(Cont. da pág. 23)

"Diário da Noite", passei para o "O Jornal", e finalmente para a Agência Meridional, onde já trabalhara em 1932, ganhando 120 cruzeiros por mês e de onde fui demitido por incapacidade. Colaborei nas revistas "O Cruzeiro", "A Cigarra", "Revista do Brasil", "Jornal das Moças", "Almanaque Saúde da Mulher", "Capivarol", etc e "O Avião", "A Picareta" e "Diretrizes". Já trabalhei nos seguintes jornais: "O Globo", "Diário de Notícias", "A Pátria", "A Manhã", do Pedro Mota Lima; "Jornal do Brasil", "A Batalha", "Jornal do Povo", "A Nota", "O País" da segunda fase; e o "Jornal da Noite", de Santos. Iniciei minha carreira de repórter em minha terra, na "A Rua" e "O Ceará".

— Fora disso, que foi v., Morel velho de guerra?

— Fui oficial de gabinete do sr. Marcondes Filho, quando ministro do Trabalho, fato que considero um crime infamante. Fui popularizado pelos 30 jornais, 17 estações de rádio e 6 revistas dos "Associados" e cêrca de 3 milhões de leitores conheceram minhas reportagens. Percorri o Brasil de ponta a ponta e penso que já voei mil horas de avião. Conheço Argentina, Uruguai, Bolívia, Paraguai, Itália, Turquia, Síria, Palestina, Portugal e Espanha.

— V. deve ter o seu pé-de-meia, não Edmar?

— Qual o quê! Vivo eternamente com letras em bancos para pagar, mas, graças a Deus não tive uma letra protestada até hoje.

E mudando de confidências, declarou ainda mais: — Fui gago até 1933 e fiquei bom com o poeta e médico Augusto Linhares. Em função da reportagem já quebrei um braço e uma perna, no Xingu; em Buenos Aires tive impaludismo; sinusite no Rio Grande do Sul, operei um pé em Pernambuco; quebrei a cabeça e o nariz num desastre de ônibus, aqui no Rio; e, ainda recentemente, tive uma perna quase que esmagada num desastre de bonde.

Mudando de coisas tétricas ou mórbidas, completou as informações a seu respeito:

— Não danço, não jogo, não fumo. Bebo. Leio até tarde da noite, durmo cedo e acordo às oito. (Nota do entrevistador: se êle dorme cedo não pode ler até tarde). — Tenho vários emprêgos e colaboro em várias publicações. Meus melhores amigos são: Jaime Vasconcelos, uma espécie de pai; Gago Coutinho, espécie de avô; o Bispo de Maura, espécie de sôgro; e mais os generais Rondon e Klinger, Maurício Lacerda e Assis Chateaubriand. Meus grandes amigos: minha espôsa e meu filho, Mariozinho, que pensa em ser repórter também. Em matéria de reportagens tenho feito tudo e já entrevistei Prestes em discos. Os Estados brasileiros que mais gosto de visitar são: Bahia, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Ceará. Sou sócio da ABI, da qual fui diretor, mas estou em atraso. Não faço parte de confrarias ou sociedade literária e sou considerado elemento nocivo na Sociedade de Homens de Letras, Clube das Vitórias Régias, Academia Feminina de Letras, Academia Juvenal Galeno, pois acho tôdas elas redutos de subliteratos.

MOREL AINDA NA PRIMEIRA PESSOA

Prosseguindo, Edmar Morel declarou com orgulho:

— Aqui está minha nobre árvore genealógica: meu bisavô, Herculano Oliveira, era embarcadiço; meu avô, Vicente Oliveira Morel, carpinteiro; e meu pai, José Morel, era barbeiro. Meus estudos são os seguintes — acentuou com ufania — fiz apênas o terceiro ano do Colégio Castelo Branco, do Ceará. Tenho filmes rodando pelo Brasil do meu encontro com o índio-louro Dulipé nas selvas. Já entrevistei os presidentes seguintes: Getúlio Vargas, Farrell, Amezaga, Peñaranda e Morinigo. Conheço o atual Papa Pio XII, desde quando passou por aqui como Cardeal Pacelli. Minha casa é um misto de religião: minha mulher é esotérica, meu filho é católico, minha empregada protestante, eu sou livre pensador e "mon valet de chambre" pai de santo.

Considero o Joel Silveira o mais completo repórter brasileiro e sou amigo de todos os meus confrades. Tenho poucas inimizades, mas, as que tenho, valem por milhares.

— Você está satisfeito com *o que é* e com *o que fêz?* — indagamos.

— O.K. Estou radiante com a vida e creio que dela tirei tudo que era bom. Não tenho recalques nem complexos. Mas é óbvio que para a fascinação do belo sexo gostaria de ter crescido mais. Gostaria mesmo de ter alguns centímetros mais de altura. Todavia minha espôsa me adora assim mesmo e por isso me julgo um gigante, apenas com um metro e 54 centímetros de altura (outro tanto de barriga?). Meu consôlo é ver pigmeus pertos de mim como Magalhães Júnior, Dias da Costa, Maurício Goulart, Pinheirinho do "Radical", Herbert Moses, os dois Paulos Oliveiras, Jocelyn Santos e um anãozinho do Circo Dudu, todos mais baixos do que eu, meu caro. Adoro o circo, não gosto de cinema, aprecio o teatro de Dulcina e detesto o rádio.

ENTREVISTANDO UM ENTREVISTADOR

— Meus grandes amigos no Rádio são: Grande Otelo, Eros Volúsia, Elza Marzulo, Yvonete Miranda, Dorival Caymmi, Assis Valente e Ari Barroso. Meus amigos em literatura: Raquel de Queiroz, José Lins do Rêgo, Agripino Grieco, Mário Cordeiro, Emil Farahl, Carlos Lacerda, Vinicius de Morais, Guilherme Figueiredo. Em Artes plásticas: Portinari, Pancetti, Jordão de Oliveira, Reynoso, Jota Carvalho, Augusto Rodrigues, Livio Abramo, Di Cavalcanti, e fui amigo também de Vicente Leite.

Sôbre esportes devo dizer que não tolero futebol, corridas de cavalos nem regatas. Nado. Já fui *jóquei*, já joguei box, que é o meu esporte predileto. No Ceará fui campeão da categoria dos pesos môscas, e agora, embora fora de forma, ainda sou capaz de surrar Ataulfo Alves de Paiva. Sou de 17 de março de 1902 e só estudei até 14 anos. De 1912 para cá tenho lutado muito. Já fui empregado em casa de discos, fui mecânico de vitrola, mas com o advento do rádio perdi o emprêgo. Com 18 anos percorri os sertões como viajante vendendo bugigangas. Fui secretário de um circo no Rio Grande do Norte, terra do Café Filho. Fui viajante e corretor de assinaturas para jornais e daí virei jornalista, entrando então para os jornais dos mestres Pais de Castro, Júlio Ibiapina e Demócrito Rocha. Pago mil e quinhentos cruzeiros de impôsto sôbre a renda e não tenho renda. Meus livros são: "Gago Coutinho e sua vida aventurosa", "E Fawcett não voltou", "Sob os Céus de Pôrto Seguro" (reportagem editada pelo DIP), "O Brasil Visto dos Céus", "Padre Cicero, o Santo de Joazeiro", "Dragão do Mar", "José Maria do Contestado", êste sairá êste ano.

— Você neste passo acabará na Academia...

— Perfeitamente .Minhas grandes aspirações são: primeiro, educar meu filho; se-

UM ESCRITÓRIO DE LUXO TODO EM IMBUIA!

EM LINHAS MODERNAS, COM CANTOS CURVOS



Em legítima imbuia e desenhado em linhas modernas e elegantes, o conjunto "KASTRUP" dá a qualquer escritório o ambiente inconfundível de sua qualidade

★

ATENDEMOS PEDIDOS PARA GRANDES INSTALAÇÕES

CIA. P. KASTRUP — COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Av. Franklin Roosevelt, 146-B — Tels. 42-1736 — 42-7062 — Rio

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.

gundo, viver sem aperturas financeiras, um dos flagelos que me perseguem desde 1935.

— Se v. não fôsse jornalista...

Morel adivinhou a pergunta e adiantou:

— Ja sei. Se não tivesse tido sorte na carreira de repórter teria sido mecânico. Tenho saudades do meu tempo de mecânico de vitrolas. Sou casado há 15 anos, vivo imensamente feliz, mas não uso aliança. Faço parte do clube "O mundo inteiro não vale o meu lar", sendo sócios eu, Joel, Fernando Haddock Lôbo, Francisco Assis Barbosa e Samuel Vainer.

— Em sua vida de repórter, não foi "furado"?

— Claro que sim. Mas o maior "furo" foi não ter entrevistado Prestes na prisão, reportagem feita com muito brilho pelo Pedro Mota Lima. A coisa que mais odeio na vida é o fascismo e seu agente nacional o integralismo. Os homens que mais repudio são Artur Bernardes, Plinio Salgado, Filinto Muller, Vicente Rào, Chico Campos e Agamenon Magalhães. Os hómens que mais admiro são Clóvis Bevilaqua, Humberto de Campos, Pereira da Silva (não o Gastão) o poeta (não confundir também com o deputado), Augusto dos Anjos e Castro Alves. Meus vultos históricos: Felipe dos Santos, Zumbi dos Palmares, Tiradentes, Vidal de Negreiros, Felipe Camarão, Garibaldi (parece que antepassado de Sady) e todos os heróis da Confederação do Equador, da Balaiada, do 2 de julho na Bahia, os 18 do Forte e a rapaziada decidida de 35 — terminou o repórter Edmar Morel sua palestra de entrevistador entrevistado.

UMA SOMBRA NO CÉU

(Cont. da pág. 24)

— Roberto!...

— Patrícia! Você aqui?! A vida tem caprichos quando quer..."

Os meus olhos umideceram-se de repente. E rápida:

— No Rio falarei com você, está bem? Êste será o meu último vôo... Mas você não mudou nada, Roberto...

Eu estava confusa. Não seria possível êste nosso "encontro no céu"... Minhas mãos trêmulas e a minha emoção enorme, certo, seriam notadas por qualquer um. Uma vontade de gritar, de chorar, de rir... Que vida, que destino o meu!

No Rio, juntos, celebramos o nosso encontro. Roberto contou-me em poucas palavras a sua vida durante os oito anos que se passaram. Casara-se, tivera dois filhos e enviuvara. Agora estava êle ali, junto de mim, fitando-me ansioso, com os seus olhos verdes penetrantes:

— Estou velho, Patrícia, cansado... repare nos meus cabelos brancos... (passou, sorrindo, as mãos morenas pelos cabelos negros em que se misturavam alguns cabelos brancos, como fios de prata)... Você, não! Sempre moça, linda, vibrante! Casou-se, Patrícia? Conte-me alguma coisa de você...

Tive ímpeto de gritar-lhe, louca de amor: "Não vê que estraçalhaste a minha vida? Sim, estou moça... Mas o coração está velho e cansado também. Deute todo o amor... Não compreendes, se és humano, o meu sofrimento por ti e a minha paixão recalcada?"

Porem, limitei-me a dizer-lhe, com meiguice:

— Não, Roberto, nunca me casei. O casamento, por ora, não faz parte dos meus planos. Intimamente pensei comigo mesma: "a não ser que você ainda me queira... você, Roberto, que ultrajou o meu orgulho, outrora; você, a quem o meu amor próprio ferido jamais deveria permitir-me que eu aceitasse, e, sim, o encarasse com desprêzo e ironia..."

Contamos nossas vidas durante os oito anos passados. Por fôrça de circunstâncias, Roberto casara-se; a espôsa, débil e fraca, a morte lh'a roubara há cinco meses, deixando-o com dois filhos pequenos. Êle lutara muito e era grande advogado e escritor.

Para ser sincera a mim mesma, sentime quase como uma menina, ali, ao lado dele, do meu Roberto, que, quem sabe me fôra restituído pelo destino cruel que m'o roubara outrora.

★

Glenda telefonara-me apressada, com um apêrto na garganta... emoção, talvez, pedindo-me chegar mais cedo à sua casa para colocar-lhe o véu:

— Você tem "mãos de fada", Patrícia, quero que me coloque o véu e o diadema. Venha cedo.

Foi lindo o casamento de Glenda e Júlio!

Glenda ignorava ainda que Roberto voltara para minha vida...

Ao dar-lhe o beijo de parabéns segredei-lhe: "Sou muito feliz, agora, também, Glenda..." Segurei Roberto pela mão, puxei-o para junto de mim e o mostrei, vitoriosa, a Glenda e Júlio:

— Como?! — Fêz Glenda surprêsa...

— Meu noivo... Retorqui sorrindo. Júlio, embaraçado, apontou-me duas crianças louras que nos seguiam.

Compreensiva, feliz, puxei para junto de mim e Roberto os dois pequenos e, orgulhosa, mostrando-os a Julio, a sorrir:

— Filhos de Roberto. Meus filhos...

Os santos do Libório

(Cont. da pág. 36)

ria, à bodega, ao açougueiro, além de impostos à Prefeitura e ao Estado, tendo até discutido violentamente com o Coletor, resolveu o Libório fabricar santos. Santos que, com facilidade, venderia, na feira, aos matutos de Bôca da Caixa, São Miguel dos Campos, Bica da Pedra, Anádia, Volta d'Água.

Cortou uma jaqueira velha, que havia no fundo do quintal, deixou-a secar, e talhou algumas imagens, que ficaram mal acabadas e mal pintadas, tendo êle, porém, sem grandes dificuldades, conseguido impingi-las aos tabaréus. Não se perdeu um só pedaço de árvore. E muito Santo Antônio, São Bento, São João, Santa Rita, ainda hoje venerados nas margens dos canais e lagoas, foram feitos pelo Libório, aproveitando a fruteira quase centenária. E sua fama de santeiro espalhou-se, em pouco tempo, do Pôrto do Francês ao Coqueiro Sêco, de Poxim a Santa Luzia do Norte.

Acabada a madeira verificou o Libório ser necessário contratar dois ou três homens e mandá-los à mata cortar nova árvore, cedro, massaranduba ou louro, já que no quintal de sua residência não havia outra que servisse. Era preciso, porém, pagar adiantado (últimamente, devido às *intrigas da oposição*, ninguém trabalhava para o Libório sem prévio pagamento) e não havia dinheiro.

Era o diabo! Assim um homem não prospera... O Libório, inteligente como poucos, não se atrapalhou. Passou a noite acordado, pensando no problema, conseguindo obter a solução, mesmo sem tomar banho e sair pelas ruas despido, como Arquimedes. Resolveu fabricar santos... de gerimun!

Na primeira feira que houve na cidade, depois do caso resolvido, não sobrou um só gerimun. O Libório comprou-os todos, fiado, a um roceiro que não o conhecia bem. Duas semanas depois a oficina exibia uma coleção notável de santos: Nossa Senhora da Guia, Santo Agostinho, Sagrada Família, São João, Santa Luzia. Tudo pela metade dos preços antigos, como anunciava um cartaz mal escrito, mal pintado, colocado à porta.

Foi um sucesso! Não havia mãos a medir. Tanto santo se fabricasse quanto se vendia.

Dois meses depois, como era natural, começaram a surgir reclamações. Os santos, como qualquer mortal de carne e osso estavam apodrecendo...

Certa tarde chuvosa, de agôsto, uma velha sardenta, de Taperagua, apareceu na oficina, com uma toalha bordada, muito alva, na qual conduzia uma imagem de São Benedito, que fedia a valer... Libório, fingindo-se espantado, verificou os estragos, depois benzeu-se, levantou as mãos para o céu, num gesto de desespêro, de temor, de agonia, e aproximando-se da porta para ser ouvido pela vizinhança, bradou com tôda a fôrça dos pulmões:

— Senhor, misericórdia! Misericórdia, Senhor! Em que tempos nascemos, em que épocas estamos, em que terra vivemos! A impiedade, as blasfemias, as ofensas a Deus, os crimes dos homens desta terra desgraçada são tão terriveis, tão abomináveis, que até os santos estão apodrecendo!

Com o barulho foi juntando gente atemorizada, receiosa dos castigos de Deus. Ali mesmo, na oficina, o Libório improvisou um altar. Dona Biluca, depois de ter coberto a cabeça com a mantilha preta que só era usada para acompanhar a procissão do Senhor Morto, acendeu duas velas bentas. Ajoelhados, todos começaram a rezar um Miserere, para acalmar a justa cólera de Deus e evitar que caisse um raio ou coisa pior...

Mas o professor Quintino, Diretor do Grupo Escolar, que não perdoava ao Libório ter tomado 200$000 adiantados para pintar o prédio e não ter feito o serviço e nem devolvido o dinheiro, quando soube da história, em vez de ficar alarmado como os outros, pedir perdão a Deus e rezar, ajoelhado, para descarregar os pecados e aliviar a consciência, zangou-se e saiu de porta em porta afrontando a chuva que caia, dizendo não acreditar naquela história. O Libório, além de refinado patife, era mais ladrão do que um rato catita! Ali andava tramóia, na certa! Quem foi que já ouviu dizer que santo apodrecesse?! Em que terra, em que parte do mundo já se vira coisa idêntica? Não! Aquela era mais uma das muitas tratantadas do Libório! — afirmava, zangado, o velho funcionário estadual.

À proporção que o professor batia com a lingua nos dentes a desconfiança aumen-

(Cont. na pág. 47)

UM RADIO feito especialmente PARA O BRASIL



RCA RADIOLA Mod. E-215

UM PEQUENO RADIO DE GRANDE ALCANCE

- Peças feitas para resistir à umidade e a temperaturas elevadas
- Elegante móvel de imbuia, construido especialmente para nossas condições climatéricas.
- Adaptável à corrente continua ou alternada, de 105 a 125 volts e 210 a 250 volts, de 25 a 60 ciclos
- Ondas curtas e longas permitindo alcançar qualquer programa em qualquer ponto do territorio nacional

1.800,00

MESBLA

Vendas pelo Crédi-Mesbla

RIO: RUA DO PASSEIO, 42/56 — NITEROI: RUA VISCONDE DO RIO BRANCO 521/3

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS, TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

O segrêdo de uma LINDA CABELEIRA sem CASPAS e CABELOS BRANCOS está em EUTRICHOL ESPECIAL. EXPERIMENTE E VERÁ. Remessas pelo Reembolso Postal

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio



EXCELSIOR
PARA ASSENTAR O CABELLO
PRODUCTO VEGETAL NÃO GORDUROSO
Nova fórmula garantida pelo LAB. "XAMBÚ" - R. Souza Dantas, 23 - Rio
Atendemos pedidos - REEMBOLSO POSTAL

LEITES EM PÓ E SEU PREPARO

DR. SABOIA RIBEIRO

UMA vez estabelecido que o regime do lactente é pelo leite em pó — o que é obra das circunstâncias, mas geralmente porque faltou o leite materno e não se dispõe de leite de vaca suficientetemente bom, ou porque a conservação dêste se torna dificil em falta de uma geladeira, então é necessário que se proceda com perfeito critério ao preparo das mamadeiras.

Em primeiro lugar, não confundir com leite em pó uma série de preparados lançados mais ou menos com êste nome, mas qeu, na verdade, não são leite em pó, e sim leites modificados, e indicados, antes, em face de determinados estados mórbidos da criança, quer dizer, em face da criança doente.

O que nós consideramos leite em pó, é o que, uma vez preparado, corresponde, ou ao leite materno, ou ao leite de vaca.

Neste número, incluimos o Lactogeno, o Ninho, o Dryco, o Klim, etc.

Isto pôsto, o outro cuidado é a quantidade de liquido e composição das mamadeiras.

Estas devem ser dadas em quantidade sempre capaz de satisfazer às necessidades do bebê em água, mas sem excesso de volume liquido, que poderia, se demasiado, forçar a própria capacidade do estômago da criancinha; porém, por outro lado, as mamadeiras devem ser suficientemente nutrientes, do ponto de vista de sua riqueza em principios alimentares, ou seja, as mamadeiras devem ser preparadas nem muito aguadas nem demasiado espêssas.

A fim de obter-se êsse resultado, as mamadeiras devem corresponder, no primeiro trimestre, à metade água, metade leite puro; no segundo, duas partes leite e uma parte água; do sexto mês em diante, leite puro.

Ora, tratando-se de leite em pó, deve-se levar em conta essa regra, preparando-se mamadeiras, respectivamente, de 100, 150 e 180 centimetros cúbicos, com graduais aumentos à medida que o trimestre fôr progredindo. Entretanto, após o sexto mês, a quantidade não ultrapassará jamais 180, e só excepcionalmente (nas crianças de grande desenvolvimento) dar-se-ão 200 c.c.

Com o leite em pó, o preparo no primeiro trimestre deve ser duas colheres de sopa, rasas, tamanho médio, para cada 100 centimetros cúbicos de água fervida; no segundo, três colheres, e após o sexto mês, quatro colheres (*o que chamamos uma colher de sopa de tamanho médio é a de capacidade de 5 c.c., na verdade colher de chá, em técnica*).

Assim, para uma criança no primeiro, segundo e terceiro mês:

Água fervida .... 100 c. c.
Leite em pó .... 2 colheres

Dissolver a quantidade de leite em pó, n'água, aos poucos, mexendo vivamente.

Para uma criança no quarto, quinto e sexto mês:

Água fervida .... 150 c. c.
Leite em pó .... 4½ colheres
(Idem, idem).

Depois do sexto mês:

Água fervida .... 180 c. c.
Leite em pó .... 7 colheres
(Idem, idem).

Adoçar as mamadeiras, no fim, à razão de uma colher média para cada 100 gramas de liquidode liquido. Um bom açúcar.

Evidentemente, são fórmulas, estas, mais ou menos esquemáticas. Observa-se, por exemplo, que a quantidade de cada mamadeira, em um trimestre, é sempre a mesma; e apenas aumenta de um trimestre para outro 50 e 30 centimetros, no segundo e terceiro trismestre, respectivamente.

Se a criança, num dado trimestre, demonstra sinais de insatisfação, ou melhor, não espera entre mamadeira e outra sem dar sinal de fome (chôro, sucção dos dedos, agitação, parada do pêso, prisão de ventre), então poder-se-á aumentar um pouco a quantidade de leite em pó de cada mamadeira e proporcionalmente do liquido.

Geralmente, com essa medida e aumento da quantidade de açúcar em cada mamadeira, tudo se corrige bem, passando a criança a aumentar de pêso, a esperar as mamadeiras sem sinal de fome, e evacuando diàriamente.

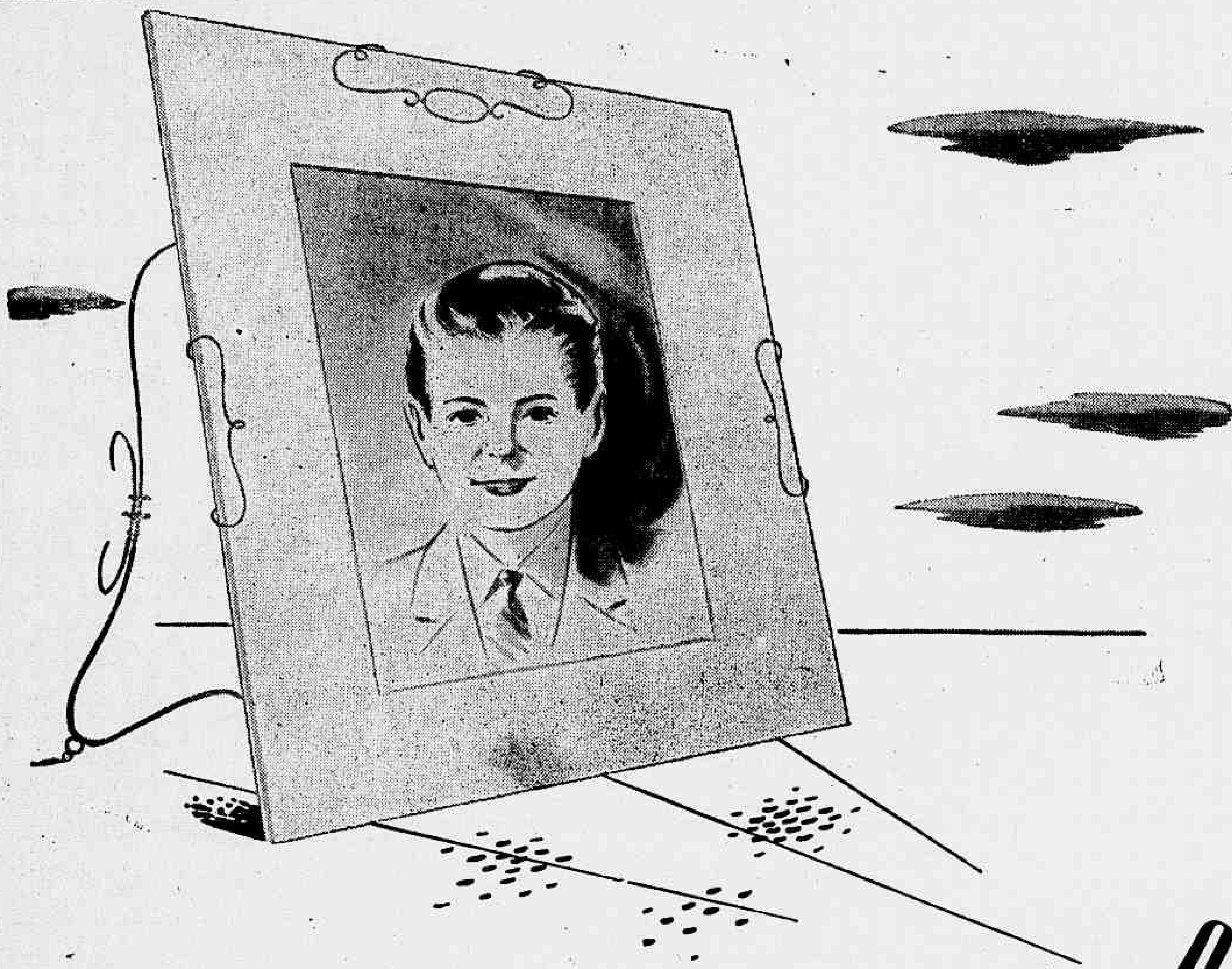
Quando, no regime de leite em pó, a criança não prospera o suficiente, é que o leite está fraco e aguado.

A fim de que isto não aconteça, além do preparo obedecendo às proporções acima, das mamadeiras, deve-se juntar a cada mamadeira uma colher de chá de uma farinha alimenticia para cada 100 centimetros cúbicos de liquido, farinha que, à parte, deverá ser cosida, a fogo brando, uns 10 minutos e acrescentada ao leite em pó já preparado — salvo se, pela técnica de seu preparo indusriial, a farinha dispensar a cocção.

A melhor ornamentação do lar resume-se na conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.



LYTOPHAN



Que será seu filho AMANHÃ

advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

O NASCIMENTO DE UM VIOLINO

(Cont. da pá. 20)

embutido o tampo, com os seus típicos furos em forma de "S".

Neste estado de fabricação o violino é ainda um corpo sem cabeça. Esta será talhada à mão, seguindo uma linha harmoniosa, que se desenrola como uma arquitetura veemente, e parece obedecer ao movimento de uma onda sonora.

Uma vez fixada a cabeça, o instrumento acha-se acabado em bruto. Agora vai se iniciar a delicada operação do envernizamento, que é de primeira importância. E' da qualidade do verniz que depende a uniformidade da superfície da caixa, portanto, a possibilidade de vibração regular e contínua e, como último resultado, a sonoridade do instrumento. São precisos no mínimo três meses para obter um verniz perfeito que se aplica em camadas superpostas e com grandes intervalos.

O maior segrêdo da família do fabricante de violinos é a composição dos vernizes, dos quais depende não sòmente a sonoridade mas também o aspecto estético do instrumento, sendo os vernizes de tonalidades que variam do "laranja" ao vermelho e o amarelo âmbar.

A construção de um violino é o exemplo mais perfeito e absoluto de uma obra individual.

O tempo, que a técnica moderna pretende eliminar por completo como fator decisivo da qualidade do produto, ganha neste caso tôda a sua fôrça e a sua significação passada.

Um objeto fabricado às pressas com processos acelerados tem vida curta. Aliás, esta consideração faz parte do programa: produzir ràpidamente, gastar e substituir. E' o lema da produção americana. O nosso caso é diametralmente oposto: aqui será preciso produzir com lentidão para assegurar a longevidade da obra e a sua qualidade. Dez violinos e um violoncelo por ano, eis a maior produção dêste artista-artesão detentor de medalhas e diplomas de honra, e cuja produção é pacientemente esperada por muitos artistas de renome.

O POT na berlinda

(Cont. da pág. 13)

prova a guerra de conquista, direta ou indireta, ainda que em aliança do país com outra nação."

Considera como direitos fundamentais de nosso povo a igualdade perante a lei, a liberdade de ir e vir; a acessibilidade dos cargos públicos a todos os brasileiros; liberdade de consciência e de culto; inviolabilidade de domicílio e correspondência; o direito de petição e representação, a liberdade profissional, liberdade de associação, liberdade de reunião pacífica; inviolabilidade pessoal, o direito de propriedade e a liberdade de manifestação do pensamento. Garante ainda o POT, caso atinja o poder, o "debate público, ou liberdade de imprensa e de tribuna, sôbre os problemas do Estado, ou de interêsse geral".

★

Para ser membro do POT, de acôrdo com os estatutos do partido é necessário que o candidato não só pague as contribuições, normalmente, como ainda exerça uma profissão lícita, tenha boa conduta, assuma e respeite o compromisso de obedecer ao programa, estatutos e autoridades do partido. São deveres do potista eleito para qualquer cargo público ou eletivo: aplicar todo zêlo e diligência, e os recursos do seu saber, na defesa dos princípios democráticos e direitos fundamentais do homem definidos na Constituição; idem na defesa do programa do partido; não patrocinar, no exercício da função pública, interêsses contrários aos princípios que se obrigou defender; manter-se com honestidade e lisura nas funções que exercer; e combater, com destemor e altivez tôda e qualquer desonestidade na administração pública de que venha a ter conhecimento. Todo potista que fôr eleito para o exercício de qualquer função pública federal, estadual ou municipal prestará, perante o partido, solene compromisso de cumprir essas obrigações. Ao mesmo tempo ficará obrigado a comparecer aos diretórios partidários quando fôr convocado para prestar esclarecimentos ou receber instruções. Acentuam ainda a respeito, os estatutos potistas que o associado que desrespeitar o compromisso assumido terá cassada a sua qualidade de membro do partido e estará sujeito à obrigação de renunciar ao cargo para o qual tenha sido eleito.

Assim rezam os estatutos do partido.

★

Como está organizado?

Muitas perguntas que fizemos à direção do POT não nos foram respondidas. Queríamos nos informar de tudo sôbre a vida do partido, como fizemos com os outros, anteriormente. O POT se ressente de uma boa organização. Perguntamos, por exemplo, quais os Estados em que o partido está bem organizado, mas apenas ficamos sabendo que o POT existe em 17 Estados da União, embora em muitos dêles, sob a forma de pequenos grupos ainda em forma embrionária de organização. Em Minas Gerais, porém, o partido está bem organizado. Bem assim no Rio. No Estado montanhês possui 166 diretórios municipais, funcionando regularmente, e nesta capital 15 diretórios paroquiais, compreendendo 105 subdiretórios espraiados pela cidade, qual as pequeninas raízes que prendem às árvores mais intimamente ao solo. Prometem os seus dirigentes, no entanto, um crescimento rápido para o partido, agora na fase eleitoral. Muitos políticos ainda flutuantes terão de tomar uma decisão e vários dêles já estão com as malas prontas para ingressarem no POT.

O partido está sujeito às decisões da sua convenção nacional, órgão supremo, vindo a seguir, as convenções estaduais, municipais e distritais. Vêm depois os diretórios nacional, estaduais, municipais e distritais, na ordem, eleitos nas convenções do partido, pelo prazo de 4 anos. O atual diretório nacional potista é constituído dos srs. Alberto Dourado Lopes — presidente; Luiz Brandão Fraga — 1º vice-presidente; Antônio Vieira de Melo — 2º vice-presidente; José da Silva Aranha — secretário-geral; coronel Olímpio Mourão Filho — 1º secretário; Waldemar Pinto Peixoto — 1º tesoureiro; major Joaquim Paredes — 2º tesoureiro: João Xerem — diretor eleitoral; Dourado da Silva Sayão — diretor de propaganda; José Severiano Barroso Pires — diretor bibliotecário; Waldemiro Miranda Carvalho — diretor cultural; e mais os srs. Roberto Magno de Carvalho, João Batista Pinto e Edson Augusto Coelho — diretores, sem especificação. O diretório potista do Distrito Federal é presidido pelo sr. Antônio Vieira de Melo, funcionando os srs Durval da Silva Sayão, Othon de Souza e Silva e Messias Cardoso como 1º e 2º vice-presidentes e secretário-geral, respectivamente.

O chefe da secretaria do partido é o sr. Jorge Dabul. Funciona a secretaria na Rua 1º de Março nº 103, sede espaçosa e arejada, embora o prédio seja velho. Numa grande mesa, à frente, dois grandes potes de barro simbolizam o partido.

★

Cada diretório potista, seja nacional, estadual ou municipal deverá ter diversas "comissões legislativas", temporárias ou permanentes, conforme a natureza do problema a estudar. E há ainda a Comissão Judiciária, constituída de 15 membros efetivos e 15 suplentes, esparsos por cinco câmaras de julgamento, destinadas a julgar os casos que surjam internamente no partido.

As *"Comissões legislativas"* compreendem 12 subcomissões técnicas, assim discriminadas, conforme o programa e os problemas que o partido se propõe resolver: 1 — de *liberdade*: consubstanciada na defesa da soberania nacional e nos princípios dos direitos do homem, dentro de moral elevada e fraternal, e sem linhas divisórias de raça, côr e religião; 2 — *instrução*: primária, secundária e técnica gratuitas e superior facultativa, com o amparo e estímulo ao desenvolvimento cultural, científico, literário, artístico e esportivo; 3 — *Transportes*: aéreos, marítimos, fluviais e rodo-ferroviários, executados em planos rápidos e amplos; 4 — *saúde pública*: desenvolvida em grau compatível com os progressos intensivos a serem realizados na instrução e nos transportes, com completa e eficiente assistência médico-social; 5 — *povoamento*: imigração sistemática, racional e selecionada, com melhor aproveitamento dos latifúndios; 6 — *finanças*: saneadas e equilibradas, com amplas facilidades de crédito a longo prazo e juros baratos; 7 — *economia*: pública, dentro de princípios sãos e progressistas, e particular, dentro de princípios sociais compatíveis com as verdadeiras liberdades democráticas, constituindo sólida reserva para os momentos decisivos da nação; 8 — *Agricultura e pecuária*: fomentada dentro dos mais modernos e adiantados moldes, principalmente quanto ao cooperativismo; 9 — *industrialização*: intensiva das indústrias básicas, subordinadas a um planejamento rigoroso e de grande amplitude, sobretudo em seu elemento essencial: energia elétrica; 10 — *trabalho e capital*: como fôrças conjugadas e complementares, dentro de mútua compreensão, harmonizando sempre os interêsses do trabalho com uma legislação progressiva, acompanhando a evolução da ciência e da técnica; e o capital, elemento necessário ao desenvolvimento da produção da riqueza; o trabalho e o capital serão irmãos gêmeos; 11 — *Previdência social*: efetiva e compatível com o padrão de vida de um homem, livre e culto; 12 — *Boa-vizinhança*: prosseguimento, no futuro, dessa política, que, no passado do Brasil já constituiu um dos seus padrões de glória e tradição."

★

E o dinheiro?

Não parece muito o do POT. A contribuição de cada dirigente do partido bem como de seus associados é de acôrdo com as posibilidades de cada um. O sr. Vieira de Melo, presidente do diretório do D.F., entra mensalmente com 200 cruzeiros para os cofres do partido, e assim muitos outros. Maiores informações a respeito não nos foram prestadas.

Ùltimamente têm aparecido vozes que falam em "caixinha do POT", cujos contribuintes seriam os homens do comércio. E o dinheiro assim arrecadado seria todo êle empregado na propaganda da candidatura do general Canrobert. Nada há que confirme o que a respeito se propala e talvez seja um episódio semelhante àquele dos "marmiteiros", que muito prejudicou o nome do brigadeiro Eduardo Gomes nas eleições de 1945, no Rio. Aliás, o ministro da Guerra vem de desautorizar pùblicamente quem quer que se apresente aos comerciantes com essa finalidade.

★

O POT aponta para fazer frente aos demais partidos na pugna eleitoral que se aproxima e pretende fazer o futuro presidente da República. Está empenhado, para isso, no aprimoramento de seus quadros. Eleito sob suas legendas, não tem nenhum deputado federal ou senador, nem vereador nesta capital. Cêrca de 28 deputados estaduais já aderiram ao partido. Em Minas, S. Paulo e Estado do Rio, vários representantes estão de malas prontas para embarcarem na canoa do partido — segundo fomos informados. Seus nomes, porém, ainda constituem mistério que o partido guarda zelosamente, com receio de que a precipitação venha a prejudicar a ultimação dos entendimentos que estão sendo feitos. E há ainda 9 deputados federais... Arma secreta?

No próximo pleito, se forem concretizados os sonhos do partido, êle aparecerá com uma boa representação. Dentre os candidatos potistas à Câmara Federal nesta capital, constam os nomes dos srs. Vieira de Melo, almirante Melcíades Alves Portela, Waldemar da Silveira (diretor do Serviço de Recreação Operária, do Ministério do Trabalho), e professor Durval da Silva Sayão. Como candidato ao Senado, o partido apresentará o seu presidente, engenheiro Alberto Dourado Lopes. De todos êles o candidato mais capacitado para vencer parece ser o sr. Vieira de Melo; para isso foi criada a "Legião Vieira de Melo", presidida pelo jornalista Hélio de Abreu, candidato a vereador, que congrega a maioria dos potistas cariocas e que está, inclusive, providenciando a verba para a propaganda do patrono através a contribuição de todos que apóiam o seu nome. Quanto à candidatura do ministro da Guerra, ela aponta como promisora para o POT, dado o prestígio de que goza o general Canrobert nos meios políticos, no momento; se vencer, um bom futuro estará reservado para o partido. Mas, se vencer... e isso só as urnas poderão dizer. Não deixa de ser curioso que um pequeno partido tome uma iniciativa de tal envergadura. Como grandes partidos — UDN e PSD — estão considerando as possibilidades de lançar o nome do general Canrobert, os observadores políticos apontam a iniciativa extra-oficial do POT como um golpe eleitoral. De qualquer forma, o POT entrou em evidência e, em política, quem subestima a fôrça da propaganda?

RITA HAYWORTH

(Cont. da pág. 5)

Siegfried, de um Ormesson, de um Silone, de um Madariaga.

Se se tivesse de julgar da sorte da Europa e da cultura européia escolhendo-se as preferências do público diante dêsse tivéssemos que nos dar condolências pela ria suplantado por Montchoisi, embora tivéssemos que no sdar condolências pela sorte da Europa e pela cultura...

De uma ocorrência mais ou menos igual já se havia lamentado, algumas semanas antes, o homem da Pan-Europaa, Conde Coudenhove-Kalergi, que, estando na estação alpina de Gstaad, em Oberland Bernese, viu-se sùbitamente decaído de sua posição de primeira figura laquele ambiente, quando o príncipe Ali Khan teve a lembrança de ocupar com sua espôsa, grande "chalet" de montanha naquele mesmo sítio, o que veio ofuscar completamente a presença do Conde.

E aí está, leitor, mais uma interessante página que nos vem da Suíça através de informações de Mino Benzoni, que muito escreveu sôbre o "parto atômico" de Rita Hayworth, como pitorescamente lhe chama, dando muita vivacidade e graça aos seus comentários em tôrno de um dos mais interessantes episódios do fim do ano passado.

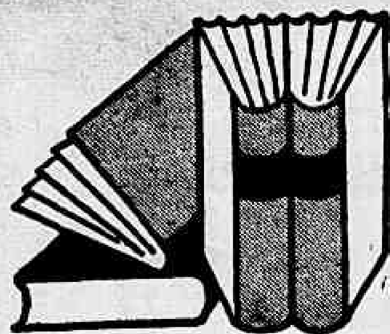
OS SANTOS DO...

(Cont. da pág. 45)

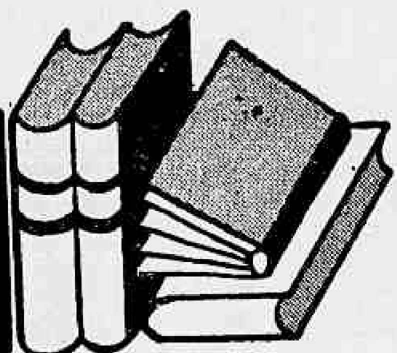
tava e ia-se espalhando. Cada qual correu ao oratório e ao abri-lo um cheiro mau, de rato podre, se espalhava pela casa. Era uma decepção terrível, seguida de raiva surda contra o imaginário. Foi juntando gente em frente ao antigo Palácio do Govêrno e às sete da noite enorme multidão, armada com achas de lenha, apanhadas à porta de uma padaria, invadiu a oficina, quebrando tudo. O Libório conseguiu fugir, pelos fundos, mal ouviu os primeiros sinais da *manifestação em apreço*...

Depois de meia-noite, quando todos dormiam, um vizinho, que o acolhera com a espôsa, livrando-os da indignação popular, arranjou uma canoa e nela chegaram êles ao Pilar, como contei, molhados como pinto, mordidos pelos mosquitos, tremendo de medo, de frio, de raiva...

E até hoje, passados tantos anos, nunca mais apodreceram os santos na velha cidade onde nasceu o proclamador da República dos Estados Unidos do Brasil.



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

CONDECORADO BENEDITO COSTA



O escritor Benedito Costa, antigo colaborador da REVISTA DA SEMANA, sob o pseudônimo de Paulo Gardênia, autor de um ensaio crítico publicado em francês sôbre o romance brasileiro, foi condecorado pelo govêrno da França, quando cônsul de nosso país em Dacar. Neste instantâneo, fixa-se o momento em que o presidente Vincent Auriol colocava à lapela de Benedito Costa as insígnias francesas.

46

ANIVERSÁRIO DA MORTE DE MÁRIO DE ANDRADE



Mário de Andrade

PASSOU a 25 de fevereiro último o quinto aniversário da morte de Mário de Andrade. A data foi recordada por todo o Brasil, com a glorificação do escritor de maior, mais profunda e mais significativa influência, neste meio século de literatura, renovador da poesia e da prosa, crítico de letras e de artes, musicólogo ilustre, ensaísta e homem de ação que nos legou uma obra imperecível e um nome que há de ser lembrado sempre com o afeto que merece êsse grande que foi um bom.

PEQUENOS CONTOS DE WILDE

NA série que a Editorial Poseidon, de Buenos Aires, está publicando sôbre "Criticos y Historiadores de Arte", o volume número cinco é dedicado a Oscar Wilde e de autoria de Ramon Gomez de La Serna, que, na sua introdução às páginas de critica, e estética do livro, reproduz uma série de pequenos contos e parábolas que foram conservados oralmente por amigos e admiradores do poeta. Entre êles, os que traduzimos a seguir e que não nos parecem muito conhecidos.

★

PRESENÇA DE ESPIRITO — Na orquestra de um teatro da América, destacava-se um jovem flautista dotado de uma extraordinária presença de espirito. Um dia sucedeu que pegou fogo a uma parte do cenário e, como as chamas e a fumaça começassem a invadir a sala, o público se levantou, espavorido, tentando fugir.

Então, em meio do pânico geral, dando prova de um sangue-frio admirável, o jovem flautista se ergueu com decisão e fazendo gestos com as mãos, gritou com uma voz estentórica:

— Não há perigo!

Os assistentes, acalmados por essas palavras, voltaram aos seus lugares e todos êles foram queimados vivos.

Isto prova a utilidade da presença de espirito.

★

O DISCIPULO — Quando Narciso morreu, as Oréadas se debruçaram sôbre o tanque em que Narciso se mirava e cujas águas, de doces, se haviam tornado salgadas, de tanto chorar.

— Não nos espanta que choreis, Narciso, que era tão belo — disseram-lhe as Oréadas.

— Mas, de fato, era belo? — perguntou o tanque.

— Quem melhor que tu pode sabê-lo?

— Eu nada sei sôbre isso... Eu amava Narciso porque, quando êle se inclinava sôbre minhas margens e deixava repousar seus olhos sôbre mim, no espêlho de seus olhos eu via refletir-se minha própria beleza.

★

O ÔLHO DE VIDRO — Certo personagem endinheirado, tendo sido vítima de um trivial acidente de caça, ficou caolho: mandou confeccionar, então, um ôlho de vidro especial, um ôlho admirável e perfeito, digno em absoluto de sua riqueza.

O cristal mais puro e o esmalte mais fino se combinaram para obter uma pequena obra de arte. Na água verde daquela pupila havia traços de ouro e o íris parecia tão profundo como se fôsse dotado de vida.

O torto contemplou-se no espêlho, ficando tão satisfeito que quase se enamorou de si mesmo. Quis, contudo, consultar a seu melhor amigo.

— Bem — disse-lhe, radiante — que te parece meu ôlho de vidro?

O amigo respondeu, cautelosamente:

— Verdadeiramente, não se podia fazer nada melhor.

— E' possivel que não estejas maravilhado? Se é vivo mesmo!... Quanto a mim, estou tão assombrado que mal distingo o falso do verdadeiro. Olha bem... Olha bem e dize-me se descobres qual é o artificial...

— E' êste — replicou o amigo sem vacilar.

— Como adivinhaste?

— Porque é o mais bonito.

— Ora! Procedes de má fé. E' porque o sabias!... Mas façamos uma verdadeira experiência. Acompanha-me à rua.

Sairam ambos e o ricaço viu, perto de sua porta, encostado à parede, um pobre mendigo, quase morto de frio.

— Amigo, queres ganhar uma coroa?

— Uma coroa? — exclamou o infeliz. — Se quero! Há dois dias que não como e bem que o necessito.

Cerrando a sobrancelha de seu único ôlho, o ricaço colocou-se em frente ao árbitro, pondo-lhe na mão uma moeda de prata.

— Olha... Examina a teu gôsto. Eu sou caolho. Dize-me qual de meus olhos é de vidro.

O mendigo, sem hesitar, tal qual o amigo, disse:

— E' êste.

— E' de fato surpreendente!... E como adivinhaste?

— E' muito simples, cavalheiro — retornou o mendigo — é o único dos dois olhos em que vi um pouco de piedade.

CENTENÁRIO DE LOTI

A Sorbonne comemorou o centenário do nascimento de Pierre Loti. Presidiu Vincent Auriol essa cerimônia, a que assistiram o filho do escritor, Samuel Viaud, e seus dois netos, além de inúmeras personalidades.

Após os discursos de Fernand Gregh, presidente da "Societé des Gens de Lettres", e de Philippe Hertat, Claude Farrère, membro da Academia Francesa, contou como fôra aspirante em "Le Vautour", comandado por Loti, dizendo sua admiração por êste chefe, escritor e oficial de escol.

O ministro da Educação, sr. Yvon Delbos, traçou breve retrato da carreira do "enamorado do mar". A banda de música da Marinha prestou seu concurso.

Maurice Escande, da "Comèdie Française", e Claude Dedieu, do Teatro Herbelot, leram trechos do autor dos "Pêcheurs d'Islande". Grupos de dançarinos bretões, vascos e do Tahiti evocaram passagens de seus romances.

Em outra cerimônia, nos salões do Ministério da Marinha, foi exaltado o nome de Pierre Loti, discursando também Claude Farrère, depois do qual o capitão de Fragata Rouch fêz uma comunicação sôbre "Pierre Loti, pintor do mar e da atmosfera", lendo Maurice Escande algumas passagens do autor. René Cahuvaux, acompanhado por Robert Salvat, cantou melodias de Albeniz e Laparra sôbre palavras de Loti.

UM POETA ARGENTINO

O nome de Pedro Miguel Obligado tem últimamente sido impresso em alguns jornais brasileiros, porém no noticiário cinematográfico. E' que o grande poeta argentino teve seu talento solicitado pelo adiantado cinema de sua pátria, a que vem emprestando o prestígio de seu nome, como escritor de argumentos e diálogos.

E' do Pedro Miguel Obligado, um poeta da nova geração que mereceu a honra de um prefácio de Leopoldo Lugones — o argumento do filme "História de uma mulher perversa", que o Rio já viu uma versão fílmica da peça de Oscar Wilde, "O leque de Lady Wyndermere", a que a bela e emocionante Dolores del Rio dá seu corpo e sua alma, no ambiente da Londres vitoriana, onde vivem as sombras de Disraeli e de Lady Blessington.

Foi êsse filme que nos lembrou Pedro Miguel Obligado, sua enternecida e doce poesia de "El Ala de Sombra" de "La Isla de los Cantos" e dêste "El Hilo de Oro", cuja quarta edição se abre com a palavra nobre e ilustre de Lugones, num belo estudo sôbre o jovem poeta de lirismo tão emocionante e próximo, que o prefacista define numa síntese admirável: "história de uma melancolia". História que parece tôda ela contida num verso de Obligado, êste:

"Es otono. Estoy solo. Pienso en ti. Caen las hojas"...

O verso é, sòzinho, um poema, um grande e comunicativo poema de amor e de melancolia — a história de uma alma que saire na paisagem outonal...

Mas tôda a poesia de Obligado é assim, terna e confidente... A respeito dêle é que achou Lugones que a melancolia é a discrição da dor... E' a voz discreta, suave das angústias... Ouçam-na:

"Tú ya no estás commigo para hacerme [dichoso,
y te hollas tan lejana, que eres una tris- [teza...
Pero todo, esta noche, se vuelve más her- [moso,
tal como si estuviese pensando en tu be- [lleza..."

E assim conclui êle um de seus poemas de terna consolação:

"Si todo lo que buscas se retira de ti,
y tus suenos se abaten, muertos por la aun asi, aun asi, [verdade:
amigo, no estás solo: tienes tu soledad."



"MAYA", NO CINEMA — A famosa peça de Simon Gantillon, "Maya", acaba de ser filmada, na França, sob a direção de Raymond Bernard que, com o próprio Gantillon, fêz a adaptação. A principal intérprete é Viviane Romance, que vemos aqui com Jean-Pierre Grenier, numa cena de "Maya".

MAIS PÉROLAS

Do deputado irlandês, arrebatado pelo furor tribunicio:

— "Não vejo, senhores, a razão porque se invoca a posteridade neste debate. Porque devemos nós suportar por causa dela os inconvenientes a que aludo? Que é que a posteridade já fêz por nós?"

★

O ministro Pierre Legrand, advogando, no parlamento francês, numa questão em que estavam envolvidas umas operárias, costureiras de camisa, declarou, justificando a ação do govêrno no caso:

— "Les ouvrières en chemise ont toutes les sympathies du ministre".

PHIL STACK



FALEMOS hoje de um poeta: Phil Stack. Êle foi certamente um poeta único, nos Estados Unidos. Seus versos acompanhavam geralmente as páginas galantes das revistas, com as mulherzinhas pouco vestidas de Varga, de Simms Campbell e outros.

Sua poesia pertence a um gênero que os americanos chamam "torch" — incandescente, digamos. Sob o pseudônimo de "Don Wahn", colaborou na coluna de Walter Winchell. Em seguida, passou às páginas do "Esquire", assinando seu próprio nome, ilustrado pelos principais desenhistas do mensário de Chicago.

Phil nasceu em Vermont. A maior parte de sua vida êle a passou na Broadway, onde encontrava inspiração para seus versos galantes, como outrora Degas, nos bastidores da Ópera, encontrava bailarinas para os seus quadros. Descendente do poeta irlandês Tom Moore, considerava uma hereditariedade o tom irônico de sua musa.

Além da poesia, Phil Stack fazia anúncios e publicidade, acompanhando com o seu lirismo citadino e elegante as funções de "press agent" de estrêlas do rádio.

Aqui está uma amostra de sua deliciosa, encantadora poesia. E' o poemeto "Futilidade", de que fizemos uma tradução livre:

FUTILIDADE

Queria encontrá-la logo à noite
E ficar ao mesmo tempo indiferente e frio.
Não me perturbar em sua presença
Não fazer mais êste papel de tolo...
Queria falar-lhe sem mágoa
De todo o encanto que, afinal, passou.
E também festejar o nosso encontro,
Partilhar com você o despertar do dia;
Beijaria então levemente os seus lábios
E desejaria ao seu novo amor mil felicidades.
Depois de murmurar que tôdas as coisas belas são efêmeras
Falando de algum misterioso sonho perfumado;
Mas, para que ficar desejando coisas imaginárias?
Basta olhar para você e vou sucumbindo... sucumbindo...

Phil Stack, isto é, Philip Stack é o poeta que se especializou nesse lirismo galante autor, também, das doces fórmulas de cartões-postais de boas-festas e de Natal e que se matou violentamente, atirando-se do décimo-segundo andar de seu estúdio, em Manhattan.

FORA DO PRELO

MENSAGEM DE ROMA

A contribuição da cultura brasileira para o Ano Santo não poderia estar melhor representada do que com êste livro, "Mensagem de Roma" — Agir, Rio — de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), pensador católico que atingiu o maior prestígio de sua carreira literária, como crítico e ensaísta, por seus livros de religião, política e sociologia.

"Mensagem de Roma" é uma obra de fé, votada à eternidade da Igreja. Alceu Amoroso Lima se dirige ao mundo católico e, certamente, ao não-católico, para falar sôbre a palavra dos Papas. Nos onze capítulos de seu livro, verificamos que, através de tantas experiências humanas, extremes e contraditórias, só permanece a eternidade da palavra de Deus, na voz do Vigário de Cristo. E, subjugados pela clareza e pela sinceridade desta mensagem, somos conduzidos à certeza consoladora de que neste mundo de perecimentos constantes, apenas a Igreja continua firme sôbre as costas de Pedro, a **pedra** em que foi fundada para salvação da humanidade desatinada.

Nunca o problema do eterno e do efêmero foi pôsto tão clara e evidentemente em equação, em nossas letras religiosas. Êste livro nos mostra um horizonte para além da linha que lhe traçou o autor. Mostra-nos que a humanidade exausta de contradições e de fés transitórias, está madura para a Igreja. E' a maior fôrça desta obra, o aceno consolador que nos faz com o único rumo que será possível encontrar para uma salvação menos contingente.

CRÍTICA HUMANISTA

Souza Filho escreveu para "A Gazeta", de São Paulo, uma série de estudos de crítica, agora reunidos neste volume, "Crítica Humanista" — Livraria Martins Editôra, São Paulo — com um prefácio do professor Leonardo Van Acker e visando salvar da efemeridade jornalística alguns dos mais claros e sensatos artigos consagrados às letras em nossa imprensa, onde a morte fêz ausente o publicista paulistano.

Raramente acontece o que verificamos com esta póstuma. Ao longo desta série de rodapés escritos semanalmente para o diário de Casper Líbero, assinala-se a presença de um de nossos grandes críticos, de uma classe que aos poucos vai desaparecendo, substituída pelas organizações publicitárias e pelas cooperativas de elogios que comprometem o departamento da crítica. Felizmente, nem tudo está perdido, há aqui e ali uma reação e sobretudo a nova geração aí está, dando balanço às glórias e às genialidades improvisadas no post-modernismo.

Os estudos de "Crítica Humanista" marcam uma personalidade e um momento. Tomando por título um dos artigos de Souza Filho — precisamente aquêle que êle consagra à crítica literária — reúne êste volume um grupo de estudos que versam muitas das questões literárias e filosóficas mais significativas de nossa época. E é com prazer e emoção que lemos êste livro, de um escritor morto, onde avulta a figura de um crítico e pensador, através das idéias mais expressivas de nosso tempo, apreciadas por um humanista ilustre, fina flor do jornalismo brasileiro.

NIETZSCHIANA

Mais um volume da primorosa "Coleção Rubaiyát" — Livraria José Olímpio Editôra, Rio — nos apresenta êstes textos escolhidos na obra do autor de "Assim falou Zaratustra", prefácio de Agripino Grieco, florilégio que se deve ao espírito de Alberto Ramos, além de uma nota sôbre a filosofia de Nietzsche, assinada por Almir de Andrade: "Nietzschiana".

Não se trata, portanto, de um livro para apreciadores de "quotations" ou para cultura de salão. Trata-se de uma obra que percorre tôda a bibliografia do filósofo alemão e que nos pode dar uma idéia de seu pensamento, despertando interêsse pelo conhecimento mais detido do que nos legou seu espírito. Alberto Ramos, a que devemos a inteligente seleção — que poderemos chamar roteiro de Nietzsche — louvou-se na obra original, traduzindo o pensador da edição de Alfred Balmuler, de Leipzig (Obras Completas, 8 vols.).

As traduções desta antologia de Nietzsche que aparece agora cercada de prestígio, pela orientação a que obedeceu, pelo prestígio de seu autor e ainda, pela revisão de Gastão Cruls — destinam-se a enriquecer nossas bibliotecas, onde pompeiam as mais suspeitas e menos escrupulosas edições em português do autor de "Vontade de Poder". E nada tão oportuno para melhor esclarecimento das idéias de nosso tempo do que recapitular Nietzsche.

CASA-GRANDE E SENZALA

Vem muito a tempo esta sexta edição, acrescida de numerosas notas e com ilustrações de Santa Rosa, da já famosa obra de Gilberto Freyre, "Casa-Grande e Senzala" — Livraria José Olímpio Editôra, Rio. E vem a tempo porque já muita gente anda lendo êste livro indispensável nas suas traduções em inglês e castelhano, à falta de edições em português.

Pois aqui estão êstes dois alentados volumes da nova tiragem que Gilberto Freyre reviu e a que somou um acêrvo de notas admiráveis, acrescentando ao valor da obra original o que os 17 anos de existência do livro — a primeira edição é de 33 — lhe indicaram para alargar a importância da obra tão largamente importante, sem dúvida uma das mais significativas investigações feitas ao passado brasileiro, por um sociólogo-esteta, que infunde tanta vida ao documento a ponto de transformá-lo numa ressurreição.

OUTROS LIVROS

"O Idiota", o mais apreciado dos romances de Dostoievski — ainda há pouco recordado num admirável filme francês — acaba de ser editado pela Livraria José Olímpio. Trata-se de mais uma tiragem da oportuna e bela coleção das "Obras Completas e Ilustradas", de F. M. Dostoievski, texto integral, tradução de José Geraldo Vieira, prefácio de Brito Broca, capa de Danilo e ilustrações de Osvaldo Goeldi — sem dúvida das mais belas que se fazem entre nós.

"O Idiota" aparece em dois grossos volumes e é bom que se recorde que "Dostoievski nunca decerto foi mais poderoso na pintura do amor do que neste **livro"**.

★

"Diário", de Joseph Goebbels, o famigerado comparsa de Hitler na fracassada restauração do Santo Império, aparece agora em volume — Editôra A Noite, Rio — na excelente tradução de Enéias Marzano, feita sôbre a obra compilada, comentada e anotada por Louis P. Lochner. Trata-se de um dos mais sensacionais depoimentos sôbre a última convulsão que agitou o mundo e é sem dúvida emocionante e trágico assistir à vida e às misérias dêsse herói principal do grande drama nazista êsse doutorzinho Goebbels que tanto sangue fêz correr, preocupado com as suas mulheres, as suas fardas e a sua calvície precoce, ao mesmo tempo sonhando a grandeza da Alemanha Nazista e a salvação do mundo.

★

Falta às novas figuras de nosso mundo político a necessária cultura, a experiência da vida pública, o tirocínio administrativo? Falta. Basta visitar os nossos parlamentos, ministérios e outras repartições. Se, preocupados com o "problema sucessório, tiveram êles, contudo, tempo para ler, aqui está o "vade mecum" para todos: **"História Administrativa do Brasil"**, de Almir de Andrade — Livraria José Olímpio Editôra, Rio — dois amplos volumes do maior interêsse, pois versando todos os nossos problemas administrativos da fundação da República **até 1945.**

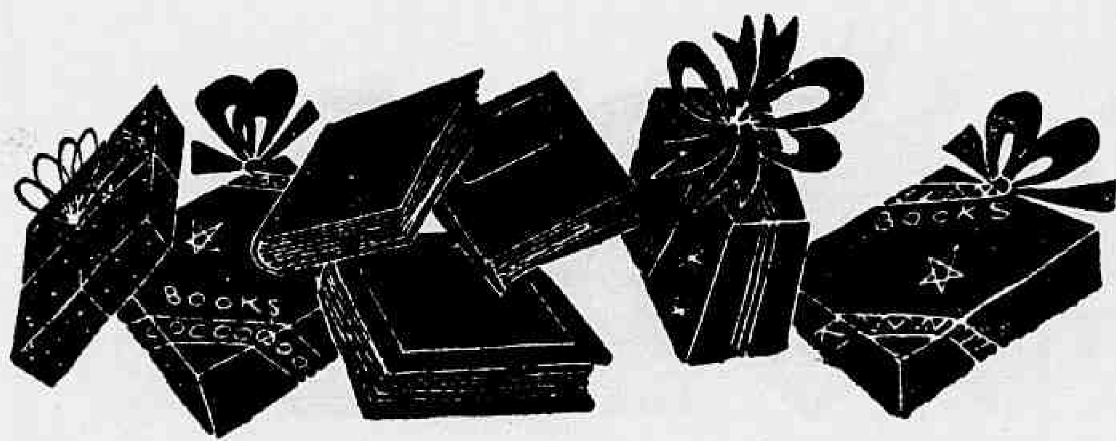
★

Apareceu o primeiro volume, aliás o XII da série, da **"Grande História da Literatura Brasileira"** — edição José Olímpio — dirigida por **Álvaro Lins.**

Trata o volume inaugural sôbre "Prosa de Ficção", de 1870 até 1920 e se deve à autoria de Lúcia Miguel Pereira.

★

"Pecado Original", do escritor húngaro George Tabori, tradução de Adélia Leite Coelho, é o **vient-de-paraître** da já notável "Coleção Fogos Cruzados", da Livraria José Olímpio. **Um novo e absorvente romance que se vem somar aos demais, aparecidos na coleção que os leitores do gênero consideram uma garantia para sua escolha.**



IDILIO NUMA ILHA DESERTA

Julguei que aquela ameaça não passasse de criancice. Mas, ao levantar-me na manhã seguinte, Nick estava estorcendo-se ao chão com ferimento na cabeça. Nem Lucky nem Drew eram encontrados em parte alguma.

— Oh! Nick! Eu... eu o amo!

— Magnífico, querida!

O golpe que Drew dera na cabeça de Nick não era grave. Procuramos os outros companheiros por tôda a ilha, mas sem resultado.

— Treva, Lucky nunca se mostrou impressionado com nosso naufrágio. Pelo contrário: sempre pareceu estar alegre aqui. Acho que êle mantinha um bote escondido e fugiu com Drew!

— Não compreendo por que você suspeita tal coisa!

— Não posso dizer-lhe nada; mas uma coisa afirmo. Durante muito tempo suspeitei que havia uma ilha deserta próxima à costa, de onde prata mexicana era contrabandeada.

— E acha que a ilha é esta?

Demos outras buscas na ilha e encontramos uma caverna.

— Eis aqui o esconderijo dos contrabandistas de prata! O navio de jôgo de Lucky Larrimore nada mais era do que um entreposto!

— E havia mesmo um bote no qual êles escaparam!

Nick me disse que devíamos ter coragem. Lucky fugira com seus amigos. Na caverna achamos latas de conserva e fósforos.

— Fósforos e uma lata de feijão! Chega a propósito! Façamos sinal!

— Tem razão, Treva! Alguém precisa perceber nosso aviso!

Horas depois...

— Um navio aponta, querida! Estamos salvos!

— Sim, eu o vejo.

Era incrível, mas eu não desejava mais senão ficar por tôda a vida naquela ilha deserta com Nick.

Durante a curta viagem para San Pedro, Nick se conservava distante de mim, o que eu não compreendia.

— Nick, eu preciso falar-lhe. Todo mundo pode cometer enganos, não é isso?

— Sim, penso que é verdade.

Quando chegamos a San Pedro havia uma multidão nos esperando. Drew lá estava bancando o herói, sem dizer que havia fugido abandonando-me na ilha.

— Não prenda Nick! Êle é um herói!

— Claro, senhorita. Êle é da F.B.I. De há muito que trabalhava para descobrir o contrabando de prata. Já pegamos todos os ladrões.

Estava tudo explicado e meu coração se encheu de alegria.

— Sinto muito, Drew; mas não quero casar-me com você. Não gosto de você!

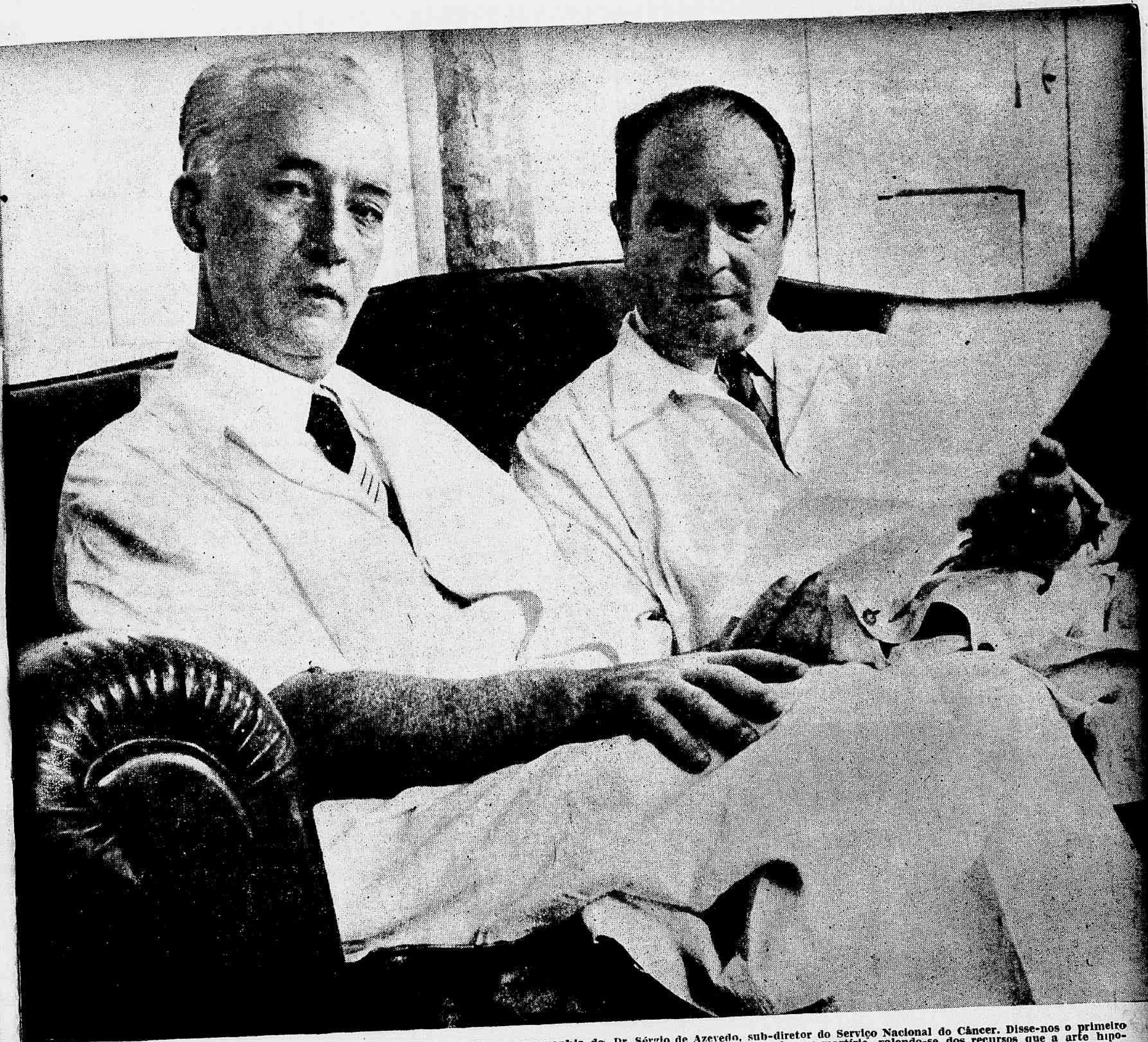
Pareceu-nos que Drew seria detido com o bando de Lucky; porém Lucky só o trouxera no bote para que os ajudasse a fugir.

— Querida! O motivo que me fêz afastar-me de você foi porque desejei primeiro que êste caso ficasse esclarecido. Estou louco por você, Treva! Vamos solicitar licença para nosso casamento amanhã?

— Oh! querido! Por que deixar para amanhã o que poderemos fazer hoje?

FIM

NO PRÓXIMO NÚMERO: A HISTÓRIA DE MARION, A JOVEM LINDA QUE TINHA HORROR AO CASAMENTO



CHEFE DE CLÍNICA DO S. M. C. — Na foto o Dr. Alberto Coutinho, em companhia do Dr. Sérgio de Azevedo, sub-diretor do Serviço Nacional do Câncer. Disse-nos o primeiro que: "... quando um doente chega às portas do túmulo e sofre, e se agita, e se angustia, cumpre ao médico livrá-lo do seu martírio, valendo-se dos recursos que a arte hipocrática lhe permite, desde a palavra convincente e sábia às drogas que tiram as dores e adormecem o espírito..."

"MATAR OU DEIXAR MORRER?"

A Eutanásia e as opiniões contrárias que provoca nos vários meios sociais ★ Praticada há milênios ★ Repelida ou aceita com certas restrições ★ Opiniões e conceitos

Texto de SABINO CANALINI

DEVIDO a recentes casos de eutanásia, cujos praticantes foram levados à barra dos tribunais, na América do Norte e na Inglaterra, o assunto voltou a ser tratado com certo interêsse pelos jornais, nas conferências, e pelos corredores, seja do Fôro como dos hospitais. Opiniões e mais opiniões, prós e contras, razões, motivos, leis naturais e morais, consciência e ética profissional, enfim, um pouco de tudo entrou na discussão. Mas não pensem que o assunto seja atual. Não. E' tão velho quanto a humanidade. Sempre foi discutido e nunca os homens chegaram a uma conclusão a respeito.

Mas afinal o que vem a ser a eutanásia?

E' o ato de praticar conscientemente a morte de uma pessoa atacada por mal considerado incurável.

Saímos à rua, percorremos consultórios, universidades, igrejas, escritórios. Procuramos contacto direto com os médicos, por estarem diàriamente às voltas com os males que nos afligem, com doenças que a ciência médica atual é impotente para debelar, com casos interessantíssimos para a evolução da medicina, mas que nos causam piedade, compaixão e desejo sincero de ver certas criaturas morrer para descansarem em paz. São êles, os médicos, que, pelo juramento hipocrático, têm o dever de aliviar os sofrimentos dos homens a qualquer custo e ao mesmo tempo o de conservar a vida dêsses mesmos homens, também a qualquer custo. Fazem o que podem para conseguir as duas coisas até o ponto em que entram em conflito com as leis divinas, com as leis humanas, com os preconceitos, os princípios e os atrasos mentais dos meios em que vivem.

Pelas leis divinas, a vida humana é uma dádiva de Deus que ninguém tem o dever de truncar. Essa concepção é clara e nítida. Os sofrimentos são também de origem divina e servem para purificar o espírito, através das dores e das privações. Sob o ponto de vista religioso, tudo isso é compreensível.

Como conciliar as duas coisas: o dever profissional dos médicos e os mandamentos da religião católica? Enquanto os primeiros defendem a vida humana com todos os seus recursos, estão cumprindo os preceitos da igreja. Mas têm êles outro dever a cumprir: amenizar por todos os meios, suavizar ou mesmo truncar a ação deletéria da dor nos organismos humanos, desde a simples dor de cabeça às cruciantes do parto nas mulheres,

as provocadas pelas intervenções cirúrgicas e as que acompanham certas agonias. Nesse ponto entram em choque com a religião, que desejaria ver os homens agüentar essas dores a sangue frio. Mas estas são práticas geralmente aceitas no mundo inteiro com ou sem a aprovação das autoridades eclesiásticas. Elas se insurgem com maior fôrça quando se trata da eutanásia, mesmo porque encontram eco nas leis dos homens por considerá-la homicídio.

Por isso, fomos ouvir a palavra dos homens de lei e a dos religiosos.

Muitos se recusaram a responder, outros, temendo a reação do meio e talvez a perda dos clientes e dos amigos e, quem sabe, com receio até de se verem envolvidos em processos idênticos aos que provocaram esta "enquête", preferiram responder com evasivas.

Tivemos ocasião de trocar ligeiras palavras com um médico, de quem não estamos autorizados a revelar o nome, e a quem teria sido supérfluo perguntar qual a opinião sôbre a eutanásia, sendo o bastante saber que êle a praticou no próprio pai.

Das opiniões ouvidas destacamos as seguintes:

FALA O DR. FRANCISCO BENEDETTI

— "Eutanásia, palavra grega que significa "morrer bem". Ela tem uma longa história. A eutanásia eugênica foi praticada pelos espartanos, que não permitiam o nascimento de anormais e aleijados, e ainda é praticada por povos primitivos. Coelho Neto escreveu em "Vida mundana", pág. 40: "E o Lima, sempre poético, invejava a morte de Basilio, considerando-a uma graça dos Deuses". Em alguns países o homicídio por compaixão encontra o apoio legal. A eutanásia praticada pelos médicos é considerada inadmissível e incompatível com a sua missão. Na vida rotineira do médico, pratica-se a terapêutica e cirurgia da dor em casos extremos, apenas como medida para aliviar o sofrimento."

PALAVRAS DO DR. ALBERTO COUTINHO

— "Se analisarmos a palavra eutanásia, chegaremos a uma simples conclusão: eutanásia quer dizer morte sem dor, sem padecimentos.

Quando um doente chega às portas do túmulo e sofre e se agita e se angustia, cumpre ao médico livrá-lo do seu martírio, valendo-se dos recursos que a arte hipocrática lhe permite, desde a palavra convincente e sábia às drogas que tiram as dores e adormecem o espírito. Assim agindo, o clínico pratica a eutanásia, isto é, suaviza aquêles que deveriam morrer sofrendo. A interferência do médico é alguma coisa de superlativo neste transe final em que o corpo cede e o espírito foge.

Diàriamente a eutanásia na sua expressão real, como ficou dito acima, é realizada em todo o mundo. Admite-se também que a eutanásia seja precipitar a morte dos reputados incuráveis, por meios suaves e sem sofrimentos. Êste proceder, creio, deve ser repudiado. Ao médico não cabe antecipar a morte e enquanto houver vida há esperanças. O fato de alguém matar um semelhante atacado de mal incurável para poupar-lhe o sofrimento, pode ser discutido no domínio jurídico, mas está fora dos problemas da medicina clínica.

O médico é o homem que jurou defender a vida lutando tenazmente contra a morte, mesmo sabendo que essa luta lhe abrevia os dias e que a morte, invencível no tempo e no espaço, um dia o levará para o mundo insondável do esquecimento."

OPINA O DR. SPINOSA ROTHIER

— "Apesar de proibida por lei, a eutanásia — morte tranquila e sem sofrimento ou o direito de morrer (ou de matar?), autorizado por lei em caso de doença incurável — a eutanásia ainda é tema que seduz aquêles que devem deliberar sôbre o assunto; seduz pelo menos na discussão da tese que se apresenta. Nestes casos se acham os legisladores, os juízes, os sociólogos, os educadores, a imprensa, os médicos e tantos outros que possam ou devam ter opinião sôbre o assunto; entendendo-se que cada um sempre dentro do seu ângulo bem delimitado: ou na cabeceira do doente que agoniza e sofre, ou na tribuna para debater o tema, ou na divulgação de conceitos que esclareçam e instruam o povo, etc. A lei proíbe a eutanásia, mas permite a morfina no canceroso agonizante; proíbe a delivrance da mãe solteira (e das outras também...), mas tem de aceitar o abôrto terapêutico; não serão formas atenuadas de uma eutanàsiazinha? Para a sociedade, o problema tem o aspecto moral, que é grande e fundamental; para que a sociedade pudesse entender a eutanásia nos seus benefícios, era preciso que todos fôssem sábios; sábios e missionários. Fora daí, a eutanásia para a sociedade é como entregar uma navalha a uma criança... Para os doentes que sofrem, é muito humano o médico lhes diminuir a dor, embora, em alguns casos, abrevie a morte. Na gíria dos médicos se conhece bem o sentido da frase: "E' melhor deixar morrer que matar". Assim, todos os médicos praticam a eutanásia; passivamente, mas praticam: a morfina, que alivia a dor no cancer é a mesma que apressa a morte; a tenda de oxigênio que o cardiologista retira depois de tentativas inúteis, é eutanásia; o tisiologista que administra sedativo ao tuberculoso caquético e dispneico, está fazendo eutanásia; assim todos fazem: não matam, mas deixam morrer. E' a realidade da vida. Voltar à eutanásia dos espartanos para melhorar a raça, NÃO; mas aliviar as dores de uma vida que se esgota, é função dos médicos, é humano e é até um BEM."

O professor Ari Franco diz:

— "Em 9 de julho de 1932, à hora mesmo em que deflagrava a Revolução



CATEDRÁTICO DA FACULDADE DE DIREITO DO RIO DE JANEIRO — Já em 1932, o Professor Ari Franco indagava: — "Será lícito diminuir a pena daquele que, sob o pretexto de suavizar os últimos momentos de um doente, ou porque êste lh'o peça, ou porque o julgue incurável, lhe apresse a morte?



O Dr. Francisco Benedetti, chefe do Serviço de Tuberculose do IPASE, disse: "A eutanásia praticada pelos médicos é considerada inadmissível com a sua missão, no entanto, na vida rotineira do médico, pratica-se a terapêutica e a cirurgia da dor em casos extremos, apenas como medida para aliviar o sofrimento".

Constitucionalista de S. Paulo, proferíamos no salão nobre da Faculdade de Direito de Belo Horizonte, uma conferência sob o tema — "Direito de Matar" — na qual estudávamos o problema da eutanásia e indagávamos: Será lícito diminuir a pena daquele que, sob o pretexto de suavizar os últimos momentos de um doente, ou porque êste lh'o peça, ou porque o julgue incurável, lhe apresse a morte? — tema que escolhi porque, na ocasião, ocupava a atenção de vários monografistas, como Jimenez de Asúa, em seu ensaio — "Eutanasia y homicidio por piedad" —, Enrico Morselli em seu livro — "L'uccisione pietosa" — , Eduardo Pinan e Malvar, em sua tese de doutoramento — "El homicidio piedoso" —, além de que o Projeto do Código Penal Brasileiro, da autoria de Sá Pereira, inspirado evidentemente nos códigos recentes, como o do Peru, o Soviético de 1922, o Tchecoslovaco e o Fascista, do reinado de Mussolini, dispunha na alínea IV do artigo 130, que a pena seria diminuída quando o delinqüente cedesse à piedade, provocada por situação irremediável de sofrimento em que estivesse a vítima, e às suas súplicas — o que fôra mantido pela subcomissão legislativa, composta dos srs. Sá Pereira, Bulhões Pedreira e Evaristo de Morais, mandando que se descontasse, pela metade, a pena de prisão, que poderia ser até convertida em detenção, se alguém matasse outrem a pedido, para suavizá-lo de situação irremediável de sofrimento, cedendo, assim, à piedade e às suas súplicas. Naquela ocasião sustentei que o homicídio eutanásico era inadmissível, não só perante a moral, como igualmente perante a religião e a ciência, e, naquela ocasião, como hoje, continuo tendo presente a advertência de meu saudoso mestre de Medicina Pública, que era como se denominava ao tempo em que cursei a Faculdade de Direito a atual cadeira de Medicina Legal, o prof. Carlos Seidl, que, — "para aceitar-se a eutanásia, com êsse desprendimento com que a desejam fôra mister que a medicina se pudesse apresentar como ciência rigorosamente exata, havendo atingido o máximo de seus conhecimentos, e podendo, em caso determinado, instituir uma terapêutica definitiva, apoiada em diagnóstico e prognóstico inflexíveis. Tudo isso é impossível na hora presente e sê-lo-á sempre, porque a medicina evolui indefinidamente."

Em sua monografia — "Les medecins et le droit de tuer" —, faz sentir Emile Sicard, com muita propriedade, que — contra a teoria eutanasista, os argumentos de ordem médica valem mais que qualquer dissertação filosófica ou sociológica.

Quando, em 1942, em nosso livro — "Crimes contra a pessoa" — sustentamos não admitir a nossa lei o homicídio piedoso, estávamos longe de pensar que teríamos de voltar ao assunto, e agora posso focalizar que vi, com satisfação, que outro não foi, perante a nossa lei, o ponto de vista de Nelson Hungria, autorizado comentador de nossa lei, pois, além do mais, é um dos autores do atual Código Penal, e o sustentou em seu excelente comentário publicado pela "Revista Forense".



O Dr. Spinosa Rothier, do Serviço de Neurologia da Escola Ana Neri, disse: "A lei proíbe a eutanásia, mas permite a morfina... proíbe a delivrance, mas aceita o abôrto terapêutico; não serão formas atenuadas de uma eutanasiazinha?"



CARNAVAL INFANTIL NO JOCKEY-CLUB







EM meio às alegrias das brilhantíssimas festas que assinalaram a passagem do grande carnaval dêste ano, os bailes infantis constituíram notas de inegável realce, como, aliás, sempre acontece. Essas reuniões destacam-se das demais pelo encanto e pela graça de que se revestem. Nelas não há malícia, é a inocência que se diverte sem pelas mas sem maldade. São, assim, os bailes infantis do nosso carnaval uma das notas da mais viva animação, espetáculo maravilhoso a que não se cansa de assistir, ano após ano, enchendo as tardes do tríduo momesco dessa ruidosa alegria que sòmente a criança nos sabe proporcionar.

O Jockey Club Brasileiro, que vem fazendo um dos melhores carnavais internos do Rio, abriu os salões aos filhos dos seus inúmeros associados. Como nos anos anteriores, os bailes infantis do Jockey Club alcançaram invulgar sucesso, pela riqueza das fantasias apresentadas e pela animação sem par dos seus participantes. Grande número de sócios e suas famílias acompanharam as festas carnavalescas da petizada turfista, enchendo literalmente as dependências da sede social da avenida Rio Branco. Nestas duas páginas damos alguns aspectos dos magníficos bailes infantis de carnaval com os quais o Jockey Club Brasileiro propiciou aos filhos dos seus sócios momentos de intenso prazer, marcando a nossa aristocrática associação carreirista mais um triunfo nas suas brilhantes atividades sociais.





TUDO ISTO ACONTECEU



CARNAVAL EM HOLLYWOOD

A bem dizer o Carnaval não é festejado na Cidade do Cinema, ao contrário do que já acontece em Nova Orleans. Mas por extravagância, vez por outra, na residência de um "astro" destacado, seus amigos e colegas reúnem-se improvisando grandes mascaradas à moda carnavalesca. Em Beverly Hills, onde Loretta Young reside num solar espaçoso e invejável, a conhecida "estrêla" promoveu um baile de máscaras que resultou em memorável sucesso. Aí está um flagrante colhido nessa ocasião. Mas como dificilmente o leitor poderá identificar, sob as máscaras, essas três beldades, é melhor dar-lhes o nome: ao centro, Loretta Young com a sua máscara modelada à semelhança de um templo indu e considerada a mais original dêsse "party". À direita, Irene Dunne com uma ornamentação na cabeça, feita de plumas de pavão; e à esquerda, Lana Turner que se contentou em cobrir o rosto com uma pequena máscara adornando a cabeça com enfeites de cristal. Mas nas ruas nenhuma dessas lindas mascaradas teria coragem de aparecer, com receio de provocar escândalo. E em Hollywood o que menos se pode ver em praça pública é uma "estrêla" de cinema. Quando muito aparecem turistas à procura dos "astros"



CADEIA COM ÊLES

HÁ leis que protegem os que estão recolhidos aos lares, em face dos que gostam de fazer barulho nas ruas, cantar, gritar, assobiar, dar gargalhadas, em serenatas sem motivo algum.

Há leis do silêncio com punição para os que costumam chamar suas namoradas pela buzina do belo carro encostado ao meio-fio do edifício de apartamentos.

Há leis de silêncio que cominam penas contra os que saem dos espetáculos, teatros, circos e cinemas e perturbam o sossêgo com suas expansões de alegria fora de hora.

Há leis do silêncio que proíbem terminantemente certas expansões alcoólicas de notívagos sem compostura, a gritar, a cantar alta noite vindos de suas badernas, cabeças cheias de vapores que não fazem navio andar em rota certa.

Há tudo isso; mas, como não há policiamento noturno para fazer cumprir as leis, estas passam como se não existissem. O barulho noturno em bairros familiares é a coisa mais comum dêste Rio.

Em Copacabana os namorados usam um processo que está exigindo repressão policial. Chegam com seus carros diante do apartamento de suas beldades e, ao invés de descer e chamar as namoradas por intermédio da portaria ou das campainhas individuais, não; dali mesmo, da boléia de seus autos de luxo, tocam a buzina uma, duas, cinco, dez vêzes até que a eleita das farras noturnas acorde, ou resolva descer.

Os moradores do edifício e das vizinhanças que suportem o desafôro, acordem e percam o sono. Foi contra êsse abuso que o chefe de Polícia de Pôrto Alegre decidiu lutar. De agora em diante, todo indivíduo que fôr pegado a fazer barulho fora de hora nas ruas de Pôrto Alegre, é levado para a cadeia. E no Rio?

"Tá sôrto"...

PEIXES HIPOTÉTICOS



O fato ainda não aconteceu, mas vai acontecer brevemente. O principal, porém, está acontecendo. Trata-se do seguinte: cientistas britânicos estão preparando uma viagem marítima, durante a qual tentarão apanhar exemplares de uma espécie de peixe que, segundo se acredita, existiu há cinquenta milhões de anos.

Se o leitor achar muito, pode diminuir uns dez milhões de janeiros; se achar pouco, pode aumentar, à vontade. Essa excursão será feita com destino à Austrália num navio especial de pesquisas equipado para a observação de baleias. Os cientistas marcarão alguns cetáceos durante o inverno, a fim de assinalar o curso de sua migração. O peixe pre-histórico em questão é tido como extinto. A única notícia que dêle se tem é a obtida em fósseis. No entanto, pouco antes da guerra uma embarcação britânica recolheu ao largo da África do Sul um espécime vivo que se achava em perfeitas condições e media cêrca de metro e meio.

Os cientistas que levarão a efeito a busca fazem parte do Instituto Nacional de Oceanografia. Viajarão em primeiro lugar para Dakar, rumando depois para a Austrália, via África Ocidental e Capetown. Escolheram essa rota a fim de investigar-se o curso da corrente marítima de Benguela ao largo do ocidente africano. A busca de espécimes de peixes pre-históricos será feita na viagem de volta, que terá lugar, via Ceilão, empregando-se um modêlo de armadilha especialmente construído. Os sábios nos merecem tôda a consideração e respeito; mas, francamente! Não seria preferível que êles procurassem um meio de conseguir traíras e dourados sem espinhas, como já possuímos galinhas sem asas?

PARABENS, CARECAS!



A calvície não é coisa nova. Nos milênios passados, nas heróicas jornadas dos fenícios, nos faustosos tempos dos Faraós, nos séculos guerreiros de gregos e troianos, nos dias de Roma dos Césares, já havia carecas em penca. E' verdade que nos tempos que correm, o número cresce de maneira assombrosa, já tendo mesmo dito um sábio, dado a tais estudos, que no futuro todos os homens serão carecas.

E as mulheres? As mulheres também... Mas não é da careca feminina que vamos falar aqui, e sim da dos senhores homens. Aumentando assustadoramente a calvície masculina, a ponto de vermos comumente homens jovens, de 25 a 30 anos, completamente sem cabelos, muito gente está assustada com o fenômeno, e, dentre essa gente, os senhores cabeleireiros. E' que êles já perderam grande número de clientes com os aparelhos de barbear em casa. Se vão ficar sem os cabeludos para o corte, que será dos barbeiros? Teriam que depositar suas esperanças nas mulheres; mas essas também caminham para o carequismo.

Em face disso, barbeiros e cientistas, carecas ou não, dedicam estudos e vigílias, experiências e dinheiro à descoberta de um processo que faça nascer cabelo nos que já o perderam sem remédio. Dentre êsses cientistas e interessados, destaca-se a investigadora australiana Margaret Hardy, desde muito dedicada ao estudo das causas da queda do cabelo. Na recente Conferência da Academia de Ciências de Nova York, revelou a cientistas que tem feito experiências com cobaias, conseguindo fazer crescer cabelos nas mesmas, com um processo de sua invenção. Mas o diabo é que nunca se viu cobaia careca!



MATOU 23 PESSOAS

O sr. J. Albert Guay, residente na cidade de Quebec, Canadá, por motivos que não foram ainda bem esclarecidos, achou que não dev.a mais continuar a viver com a espôsa e decidiu livrar-se dela.

Como? Pelo divórcio? Pela separação de fato? Por um entendimento cordial e amigável sem maiores complicações judiciárias com advogados, côrtes, meirinhos, editais, citações, etc.? Não. O homem tudo resolveu da mane'ra mais trágica e inusitada que se poderia imaginar. Sabendo que a espôsa ia viajar de avião a 9 de setembro do ano próximo passado, de Quebec para uma cidade vizinha, arquitetou êste plano diabólico: uma bomba poderosa para ser colocada dentro do avião...

Êle mesmo a preparou cuidadosamente. Colocou-lhe o mecanismo de retardamento, regulando-o de maneira que explodisse o infernal engenho logo que o avião alçasse vôo e a tragédia tivesse lugar em pleno ar. E assim se deu. Para não despertar suspeitas, encarregou de levar a "encomenda" ao avião uma senhora Marguerite Pitre, e ficou contando os minutos, à espera da catástrofe da qual resultaria a morte da espôsa.

Quando soou a hora de levantar vôo, o aparelho roncou nos motores, correu na pista do aeroporto e se elevou nos ares. Imediatamente se ouviu grande estrondo e o aparelho envôlto em chama e fumo espatifar-se no solo. Vinte e três passageiros tiveram morte horrível, inclusive a sra. Guay. Agora está êle diante do tribunal do Júri para responder pelo ma's horroroso crime nos anais da Justiça canadense. Mas de qualquer modo enviuvou!

IGUALZINHO AOS FILMES

A audácia dos salteadores profissionais em grandes cidades não tem limites. Mas os bandos de criminosos não praticam assaltos de improviso. Têm sua técnica, seu programa de preparação, tudo devidamente calculado, Cada membro da quadrilha com uma tarefa que precisa executar à risca.

De Hollywood saem, mensalmente, dezenas de filmes, coloridos ou não, cujo argumento se baseia em roubos sensacionais de bancos, casas de tavolagem, palacetes de milionários, de onde levam consideráveis fortunas em dinheiro, jóias e... reféns!

A gente vê essas películas e fica dizendo: — "Tudo isso é pura imaginação de argumentista. Não é possível que pudesse dar-se uma coisa daquelas. Só mesmo em fita..."

Entretanto, acaba de verificar-se nos Estados Unidos um fato que se revestiu de grande sensacionalismo, justamente porque reproduziu muito melhorado um tema cinematográfico de "gangsters".

Eis como se passou o episódio, segundo informes da Agência telegráfica United Press:

Sete bandidos, todos armados, entraram no Morrocan Village Night Club, em Greenwich Village, às 3,20 da manhã de 25 de fevereiro, momentos depois da última representação.

O chefe da quadrilha dirigiu-se ao microfone e ordenou a todos os presentes que permanecessem em seus lugares, pondo jóias, bôlsas, carteiras, etc., sôbre as mesas. O estranho locutor, sendo obedecido sem contestação, afastou-se do microfone, enquanto os comparsas faziam a colheita...

Um funcionário conseguiu comunicar-se com a polícia, enquanto irrompia a confusão no Night-Club. Houve troca de tiros. Os "gangsters" escaparam e os espoliados ficaram a tremer sob as mesas. Boa diversão...

Cr$ 15,00 POR BATALHA



TELEGRAMA de Pôrto Alegre para a imprensa do Rio nos dá a notícia de que acaba de falecer em Santa Rosa, Rio Grande do Sul, em consequência de um acidente, o veterano da guerra do Paraguai, Manuel José Braz, com a incrível idade de 137 anos!

Dizia o macróbio que servira na marinha de guerra de Portugal, soldado mercenário na Europa e na África, havendo emigrado para o Brasil antes da guerra com o Paraguai.

Afeito às batalhas em terra e no mar, o lusitano guerreiro e audaz imediatamente se alistou como voluntário e seguiu para as linhas de frente a fim de combater os soldados de Solano Lopez. Quando conversava com os curiosos, costumava dizer que fôra contemporâneo de Napoleão Bonaparte. De natureza aventureira e inquieta, Manuel José Braz narrava episódios extraordinários de sua mocidade em vários setores de batalhas sangrentas.

Mas fôra no Brasil que êle colhera os seus mais belos frutos de heroísmo. Tomou parte ativa na campanha do Paraguai e lutou sob o comando de Tamandaré, enfrentando a metralha dos paraguaios nas passagens mais dramáticas de nossa esquadra fluvial que rompia cercos e arrebentava correntes atravessadas nos caudais dos grandes rios. Há, porém, nas afirmações do velho soldado e marujo internacional, umas coisas que denunciam o seu estado precário de memória e saúde. Dizia êle, antes de morrer que ao entrar para o serviço do Brasil na guerra do Paraguai realizava-se o Congresso de Tucuman, de que resultou a independência da Argentina. Referindo-se a Tamandaré, disse que ganhava 15$000 por combate. E, por fim, garantia que assistiu à morte de Lopez, e viu deceparem-lhe a cabeça, empalhá-la e ser trazida para o Rio pelo Conde d'Eu...

137 anos fazem ver muita coisa estranha...



COMENDO VELAS

TUDO pode mesmo acontecer neste mundo, caro leitor. E a fome não respeita "menus". Há, na história das grandes sêcas no nordeste do País, bem como nos episódios de sítios prolongados em guerras antigas e modernas, casos de ingestão até de pedras... Para matar a fome, o estômago humano não respeita nada, embora dessa deglutição anormal resulte a morte do indivíduo. Já houve quem comesse sapo, urubu, sola de sapato... Não é de admirar o que acaba de acontecer com um pobre diabo lá na cidade norte-americana de Seattle.

Sem abrigo, com os pés congelados e completamente desnutrido, foi encontrado na manhã do dia 2 de fevereiro pela polícia dentro de um vagão de carga da estrada de ferro, um pobre diabo cuja identidade não foi apurada. Ao que parece, veio êle de algum lugar à procura de trabalho em Seattle, e, como não pudesse procurar hotel ou qualquer outro estabelecimento congênere, o jeito que teve foi o de ficar num vagão situado em um dos desvios da estrada e ali dormir.

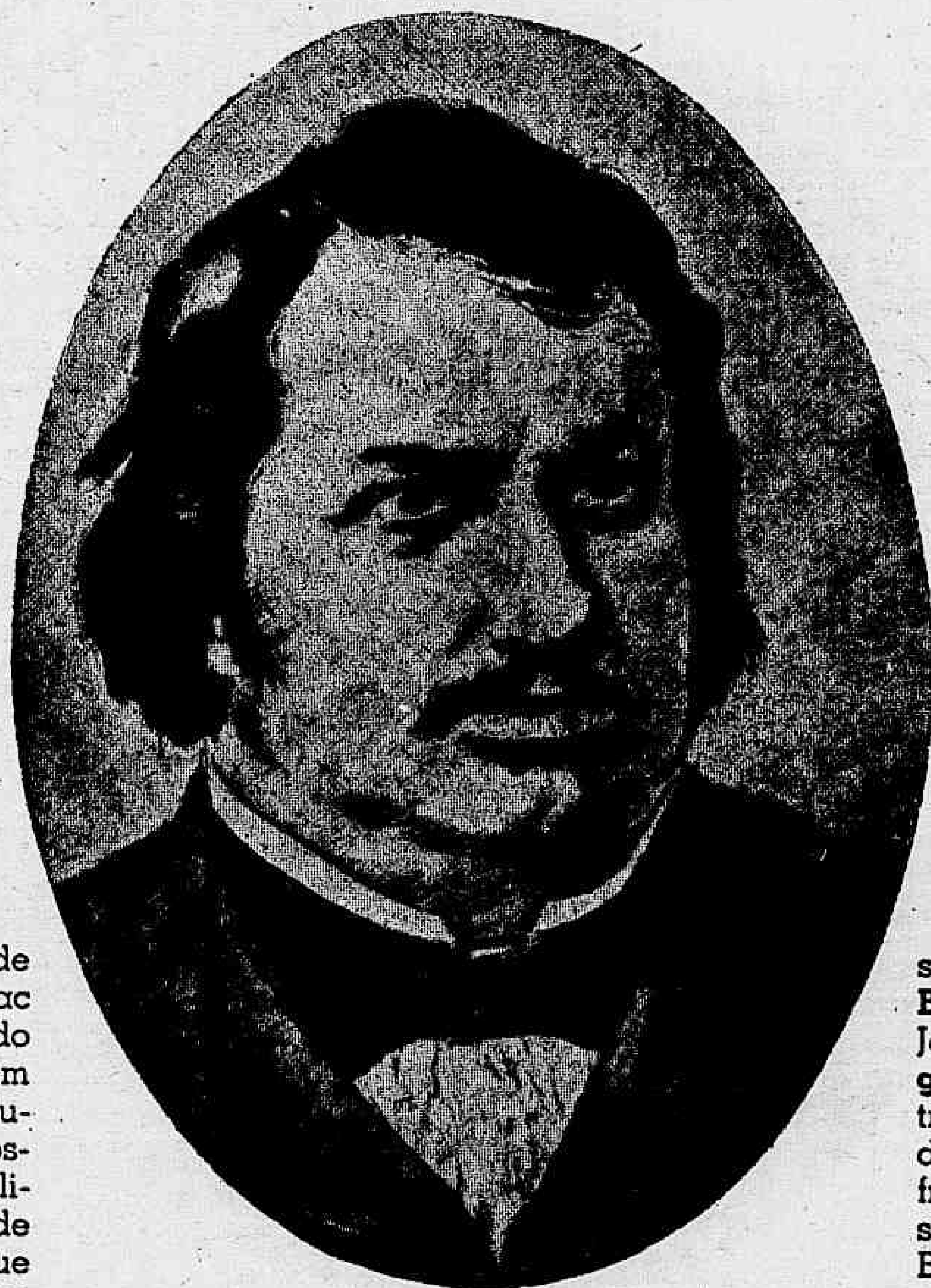
Encontrou um outro desventurado e sem lar, com o qual passou a viver naquele "hotel" de emergência e gratuito. Estava fazendo frio intenso. Êle e o companheiro saíam em busca de alimentos e de trabalho, regressando depois para o "chateau". Uma noite, porém, sem abrigo, com o gêlo entrando pelas frestas do carro, o desgraçado ficou enregelado. Os pés estavam insensíveis e êle não pôde levantar-se pela manhã. Uma espécie de "pé de trincheira" nos invernos da Europa em guerra. O companheiro não regressou e êle passou fome. Para enganar o estômago, comeu as velas de espermacete!



JAPONESES SAUDAM OS "PEIXES VOADORES"

E' naturalíssimo e perfeitamente justificado o entusiasmo com que a colônia nipônica, em São Paulo, recepcionou os seus compatriotas, nadadores japonêses, que ali foram exibir-se. Ao que parece, depois da guerra do Pacífico, pela primeira vez entidades do Japão, em evidência, vieram ao Brasil; e mesmo tratando-se de meros campeões desportivos, ou justamente por essa razão, a colônia extravasou de contentamento. Furuhashi, Hashizume, Hamguchi e seus companheiros, titulares mundiais de natação, estão fazendo bonito na piscina do Estádio Municipal do Pacaembu, registrando tempos "records" e saltos magistrais, em que pese a diferença de clima que encontraram na Paulicéia. Os "peixes voadores" levaram aos seus patrícios um pouco da própria pátria da qual vivem saudosos, e essa expansão de júbilo traduziu-se, como mostra a gravura, na ocasião do desembarque em São Paulo, de maneira entusiástica. Bandeirinhas do Japão foram desfraldadas, exclamações que só os nipônicos compreendiam enchiam os ares, e as homenagens estenderam-se pelos dias adiante. Sente-se que a presença dos velozes nadadores do Oriente serviu de pretêxto para seus compatriotas darem largas ao seus pruridos de patriotismo por tantos anos sopitados. Nada mais justo.

Balzaqueanas



HAVERÁ falta de obras de Balzac nas livrarias do Rio? Não se admirem da pergunta, absolutamente lógica. Costumam os nossos livreiros expor livros de escritores logo que corre a notícia de que faleceram. Retiram também dos depósitos livros empoeirados no dia em que o nome dêsses autores vem à tona da publicidade por outros motivos. Um centenário bem festejado, um escândalo envolvendo o nome do plumitivo, um crime, um terremoto.

Foi assim com a morte do sábio e insubstituível Artur Ramos; com as edições já antigas de Castro Alves e Ruy, despertadas pelos centenários. Ora, Honoré de Balzac esteve na ordem do dia antes, durante e depois do Carnaval dêste Ano Santo de 1950. Todo mundo cantou as **balzaqueanas** que superaram **brotos** e **brotinhos**, graças à inspiração de nossos compositores e poetas populares.

Não há dúvida: o Carnaval dêste ano fêz ruidosa, intensa e extensa publicidade de Balzac, e — o que é excelente para os livreiros — propaganda gratuita, eficiente, alegre e divertida.

Entretanto, ao que parece, os que exploram livros e inteligências não tiveram a lembrança de aproveitar a maré favorável para vender alguns milhares de obras de Balzac.

Ou então o famoso escritor francês não ocupa as prateleiras e balcões de nossas livrarias.

Ainda é tempo, cremos. Balzac, que sempre foi um camarada ardiloso e cheio de astúcias (a começar pela contravenção de seu nome, que nunca foi **Balzac**), alcançou em seu país e no mundo intelectual do exterior, em todos os continentes, a mais justa fama. E' o escritor número um dos fuchicos de alcova, o anatomista da sociedade coeva, o analista perspicaz do mundo elegante. Criou com sua obra imortal o tipo da mulher dos **trinta e mais**, o tipo **balzaqueano** tão em voga nos dias de Momo que acabamos de viver.

O nome Balzac nunca pertenceu à sua família e seu pai era **Balssá** ou **Balsá**. Mas, como se parecia com um **Balzac** de 24 quilates, Jean-Louis Guez, **Seigneur de Balzac**, ilustre intelectual e figura da alta aristocracia francesa dos fins do século XVI, o ardiloso Balzac usou-lhe o nome e a adaptação pegou... De família pobre, sem eira nem beira, um plebeu de marca, Balzac chegou às culminâncias de uma glória que poucos conseguem na vida, mesmo sendo um fidalgo endinheirado como o tal **Seigneur** de Balzac, o verdadeiro...

A obra literária do falso Balzac, o autor da **balzaqueana**, entretanto subiu a tais níveis de popularidade, respeito e magnitude acadêmica e social que legalizou a contrafação de **Balsá** para **Balzac** e o mundo inteiro a registrou como absolutamente lícita.

No Brasil, porém, a obra dêsse espantoso escritor é privilégio de gente da alta roda que sabe francês de estações de água e lê catálogos de editôras de Paris. O povo, infelizmente, nada sabe de Balzac, suas "Cartas", suas comédias, dramas e romances, o que é profundamente deplorável.

O Carnaval, involuntàriamente poderia ter aberto os portões de possibilidades populares para que o brasileiro em geral travasse conhecimento com Balzac. Nada como referências femininas para interessar a opinião pública. Muita gente cantou e canta as "balzaqueanas", pronuncia o nome de Balzac, fala na mulher "só depois dos trinta", sem saber onde o galo está cantando. Ouve-lhe apenas a voz. Não é interessante que os nossos editôres e livreiros se mexam e encham suas vitrinas com obras de Balzac?

Só assim muita gente compreenderia o têrmo **balzaqueana**, e aquela preta cozinheira de um médico se arrependeria de grave suspeição. E' que ao perguntar-lhe o patrão o que achava ela de Balzac, a negra respondeu com certa precaução:

— Olhe, doutor; dêsse sr. **Balzaco** eu não sei nada, não senhor; mas o povo está falando muito é da mulher dêle...

RENATO DE ALENCAR

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

O POT na Berlinda (Carlos Duarte ... 8/13
A vida aventurosa de um repórter (Armando Pacheco) ... 22/23
A Festa da Uva em Caxias (Celestino Silveira) ... 26/35
Matar ou deixar morrer? (Sabino Canalini) ... 51/53

LITERATURA

Três iniciais famosas (Juan Arregui) ... 3
Uma sombra no céu (Ruth M. L. de Almeida) ... 24
Os santos do Libório (Felix Lima Jr.) ... 36
Semana Literária (Edmundo Lys) ... 48/49
Balzaqueanas (Renato de Alencar) ... 58

HUMORISMO

Bom-Humor ... 14
O Indeciso (Théo) ... 18
O último desejo (Nicodemus) ... 25

FEMININAS

Conversa sôbre o amor (Lyse) — Detalhes originais ... 37
Novidades de Paris ... 38
Maillots de Hollywood ... 39
Yvone de Carlo sugere ... 40
Os chapéus e os véus ... 41
Week-End na Cozinha ... 42/43

CINEMA

Rita Hayworth mãe de uma princesa ... 4/5
Novidades de Hollywood ... 15/17

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista — Personagem da Semana ... 6
Puxe pelo cérebro ... 7
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) ... 46
Música (Roberto Lyra Fº) ... 47
Tudo isto aconteceu ... 56/57

CURIOSIDADE

O nascimento de um violino (Michel B. Kamenka) .. 19/21

FOLHETIM

Idílio numa ilha deserta ... 50

★

FOTOS: Arnaldo Vieira
News-Press
Geremia
Avulsas.

★

ILUSTRAÇÃO: Renato de Souza.

★

NA CAPA:

EVA TODOR
(Foto José)

Puxe pelo cérebro

RESPOSTA AO TESTE:

1 — Santos Dumont.
2 — Poços de Caldas.
3 — Escultor popular.
4 — XIII.
5 — Sota.
6 — Os saduceus.
7 — Do livro "Jerusalém Libertada".
8 — Moléstias do coração.
9 — 39.504 (sòmente automóveis).
10 — D. Manuel II.
11 — O cobre (às vêzes até 90 por cento).
12 — Russo.
13 — Uma dança mourisca.
14 — Voz vorte e retumbante.
15 — Bélgica, Holanda e Luxemburgo.
16 — Herói da guerra do Paraguai (Antônio Carlos de Mariz e Barros).
17 — José do Patrocínio.
18 — Do deus Marte.
19 — Juliano, o apóstata.
20 — Duque de York.



TAPETES de Pelúcia e
TAPETES e PASSADEIRAS
com **flores**, recebidos da **Inglaterra**

Forração com passadeira em relêvo e
Móveis estofados de alta qualidade

Móveis e Decorações

Orçamentos e sugestões
executados por técnicos-decoradores



Sortimentos e preços incomparáveis em

TAPETES e PASSADEIRAS

de tôdas as partes do mundo,
fabricados especialmente para a





65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

Nos gramados do Gávea Golf Club, os adeptos deste aristocrático sport encontram um ambiente elegante e acolhedor.

Na manhã de sol — uma partida ganha!... e a recompensa merecida — um delicioso cigarro Hollywood! Fumar Hollywood dá mais realce às horas de lazer... faz passar mais rápidas as horas de trabalho. Pela suavidade toda especial, resultado de seus fumos escolhidos, Hollywood já é uma tradição da sociedade brasileira. Entre também para o grupo elegante dos que fumam Hollywood!

cigarros

Hollywood



uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

88 031 - 1!